



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

EVERTON FERNANDES DE LIMA

GEOGRAFIA DAS PLACAS:
DO MINERAL ÀS PRÁTICAS SÓCIO-HISTÓRICA E INFOMEMORIAIS

JOÃO PESSOA

2024

EVERTON FERNANDES DE LIMA

**GEOGRAFIA DAS PLACAS:
DO MINERAL ÀS PRÁTICAS SÓCIO-HISTÓRICA E INFOMEMORIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade

Linha de pesquisa: Memória, mediação e apropriação da informação

Orientadora: Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

JOÃO PESSOA

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732g Lima, Everton Fernandes de.

Geografia das placas : do mineral às práticas sócio-histórica e infomemoriais / Everton Fernandes de Lima. - João Pessoa, 2024.

134 f. : il.

Orientação: Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCSA.

1. Memória. 2. Placas de formatura. 3. Médiuns de memória. I. Oliveira, Bernardina Maria Juvenal Freire de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 82-94(043)

EVERTON FERNANDES DE LIMA

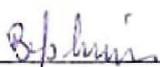
**GEOGRAFIA DAS PLACAS:
DO MINERAL AS PRÁTICAS SÓCIOHISTÓRICA E INFOMEMORIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação

Área de concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade.

Linha de pesquisa: Memória, mediação e apropriação da informação

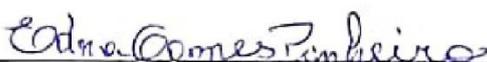
Avaliado em: 04/03/2024



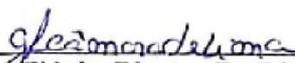
Profª Drª Bernardina Maria Juvenal Freire De Oliveira
Orientadora – PPGCI/UFPB



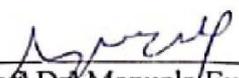
Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves
Examinador titular interno – PPGCI/UFPB



Prof. Dr. Edna Gomes Pinheiro
Examinador suplente interno – PPGCI/UFPB



Profª Drª Geysa Flávia Câmara De Lima Nascimento
Examinador titular externo – MPPGAV/UFPB



Profª Drª Manuela Eugênio Maia
Examinador suplente externo – CCBSA/UEPB

In memoriam de **Maria Firmo da Silva e Cilene Paulo de Lima**, avós que sempre seguraram minha mão!

AGRADECIMENTOS

Em 2020, inicie os agradecimentos da minha monografia de graduação citando o **Senhor Deus**, ora, não poderia fazer diferente, se não **d’Ele**, de onde emana as forças, luz e energias que me guiam quotidianamente? **Dele**, a **Ele**, por **Ele** toda honra e glória, pois é do ser superior que flui toda a vida.

Dito isto, não posso deixar de falar de **Maria Alice da Silva Fernandes e Egnaldo Fernandes de Lima**, pais, indivíduos que ao longo de minha vida vêm contribuindo para minha formação pessoal, pessoas que me educaram e com muito esforço fizeram o que estava em seu alcance para que não só eu, mas todos os meus irmãos, dentro de seus interesses pessoais, tivessem a oportunidade de estudar, visto que, para mão a educação é liberadora. Mãe, grato por cada sorriso, abraço, partilha, por suas orações, por acreditar em minha pessoa, por me dar a certeza de que sempre terei um cantinho e um abraço acolhedor.

Mesmo sem um contato diário, sem um telefonema ou uma mensagem de “você está bem?”, sinto um apreço enorme a cada um dos meus irmãos, **Maria Aline, Maria Alane, Maria Aniele e Émerson Fernandes**, a vós agradeço por serem essas pessoas que colocam sorrisos em meu rosto e que tem um lugar especial no meu coração.

À meus tios **José Pedro da Silva e Maria Lourdes Cândido**, por sempre abdicarem de se, pela presença constante, por tanto cuidado, preocupação, por serem exemplos de pessoas, meus mais sinceros agradecimentos.

João Pessoa me proporcionou a criação de grandes laços, bem como o fortalecimento de outros, essa cidade que hoje chamo de lar, me deu novos irmãos, pessoas que não falo todos os dias, que passo semanas para mandar mensagens, mas que estimo muito, **Nayara Madalena da Silva e Diego José da Silva**, mais que primos, pois laços não se restringem ou resumem aos sanguíneos, ambos, exemplos de pessoa e humanidade, de aconchego e partilha, indivíduos que admiro e respeito profundamente.

À **Roxane Nunes**, amiga e confidente de muitos anos, pessoa com quem já partilhei sorrisos.

À **Carol Veríssimo** e o *baby Gael*, o ser humano mais lindo da família, os sorrisos que ambos proporcionam não tem tamanho.

As amigas surgem de maneira despreziosa, sem aviso prévio, e permanecem por longos anos. A Universidade Federal da Paraíba (UFPB), à qual dedicarei um espaço posteriormente, proporcionou-me muitas coisas e presenteou-me de maneira singular, mas nada se compara às amigas e relacionamentos que se originaram desta instituição que

carinhosamente chamo de lar. Entre os diversos contatos e laços formados, a uma relação deveras especial, com uma pessoa que considero irmã de outra mãe, amiga e companheira de vida com quem partilho sorrisos, lágrimas, alegrias, felicidades e frustrações. Essa pessoa acompanhou-me durante a graduação, e foi além, testemunhei o término de seu mestrado e desafiar-se no doutorado, tornou-se exemplo de força e perseverança. Pessoa que me deixou tão feliz quanto ficou ao tornar-se docente, que dá alegrias por estar amplamente feliz – nos mais diversos aspectos da vida. À **Joana Araújo**, agradeço por ser um indivíduo iluminado, acolhedor, "*honey*", como costumamos nos chamar – outras palavras seriam censuradas. No convívio diário, ela me proporcionou aprendizados significativos. Sou grato a Deus por tê-la em minha vida.

Outro presente da graduação foi uma pessoa que tornou muitos dos meus fardos mais leves, que me abraçou por longos minutos em momentos de lágrimas constantes e que, de maneira muito particular, me cativa e compreende minhas individualidades e insanidades. **Flávia Sena**, não consigo imaginar um passado sem seus abraços e sorrisos, um presente sem sua companhia e um futuro sem sua amizade. Sua presença me ensina a ser mais paciente, empático e sempre mais resiliente. Obrigado.

À **Bernardina Freire**, minha orientadora, expresso minha profunda gratidão por sua constante presença ao longo da árdua, porém recompensadora, trajetória acadêmica. Desde a graduação, ela direcionou meus olhos para o campo científico, oferecendo sugestões de leituras esclarecedoras e discussões calorosas. Juntos, participamos de projetos de iniciação científica, e sob seu olhar atento, apresentei, em 2020, minha monografia de graduação. Agradeço imensamente por sua orientação valiosa e por ser uma inspiração constante em meu percurso acadêmico. À esta mulher, amiga, colega de pesquisa e mãe que a vida me proporcionou, expresso minha gratidão, seus gestos não serão esquecidos. Cada passo na jornada acadêmica, representado por aulas, desafios e conquistas, contribuiu para construir memórias inesquecíveis que moldam não apenas meu conhecimento, mas também as recordações que levarei para toda a vida.

Em determinada ocasião, uma professora utilizou uma abordagem peculiar para ensinar algo fundamental sobre a essência e a prática do bibliotecário: jogou um salto no quadro. Essa pessoa, ao longo dos anos, não apenas me acolheu, mas também me ensinou e cativou de maneira singular, em diversos aspectos da vida. Durante o percurso do mestrado, foi alguém que segurou minha mão, impulsionando minha crença em minha própria capacidade. Em cada encontro, faz questão de afirmar: "Você tem um grande potencial" – uma expressão que, até hoje, busco incorporar. A amizade com **Geysa Flávia** surgiu sem que imaginássemos quando

ou de onde partimos. Não consigo precisar quando comecei a compartilhar desse sentimento genuíno de amor, carinho, amizade e fraternidade, mas sinto que há muito tempo tenho um lugar especial reservado para você no seleto *hall* dos amigos. Geysa Flávia, o que teria sido de mim sem você? Não posso afirmar, mas sei que, contigo, minhas tardes foram mais leves e os sorrisos mais constantes.

A Biblioteca Central da UFPB proporcionou-me grandes alegrias, certamente alguns dos melhores momentos da graduação ocorreram lá, naquele espaço que tive a satisfação de conhecer **Clebson Leandro**, por conseguinte sua esposa **Deysenara Ribeiro**, amigos, irmãos, pessoas que me fortificam na fé e fazem de nossos encontros, uma verdadeira fartura e um momento doce, amizades não são pautadas na frequência do falar, mas na intensidade do que é falado e na sinceridade das partilhas, são estes momentos que recordo sempre que possível, pois deles tiro forças e energia, gratidão.

"Boyzinho", é assim que ela me chama. A mulher que não me conhecia entrou na sala onde realizava minhas atividades de bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) no ano de 2016. Toda afobada, pediu para eu segurar uma pilha de documentos e ficou falando sem parar. Pensei imediatamente: "Que pessoa doida é essa?" Sim, **Geisa Cavalcante**, uma das primeiras coisas que pensei sobre você. Mas dizem que de gênio e doido todo mundo tem um pouco, e essa sua singularidade me cativou tanto. Assim, passaram-se os anos e hoje a vejo como inspiração, exemplo de perseverança, força e fé. Grato por tanto cuidado, carinho e por ser tão única. Te guardo dentro de um potinho.

À **Caroline Marinho**, pelas horas de desabafo, fofocas, lágrimas, pelos abraços quentinhos e ser o laço mais estreitado na jornada do mestrado, sem te, meus dias teriam sido menos risinhos e certamente mais cinzas.

Ao amigo e companheiro nessa jornada de mestrado, **Ítalo Chaves**, pessoa que conheci em razão deste curso e pelo qual tenho um grande carinho.

Aos amigos que carrego desde a graduação, **Adryan Wagner, Eitor Rocha e Luciana Castro** pela companhia, risadas, partilhas e aventuras.

À **Lamarck Alves**, por sempre estar disponível para me ouvir e preocupado com meu bem-estar, amigo, te amo.

À **Willian Queiroz**, por trazer tantas felicidades a alguém que me faz tão bem e, por tabela, proporcionar-me risos.

À **Gilvanedja Mendes** por toda a confiança e parceria que percorre anos.

Todo grupo de amigos tem um nome, o "Fifis" é bem sugestivo, grupo formado pelas amigas do mestrado **Caroline Marinho** (a quem já dediquei algumas palavras), **Morgana**

Linhares, Priscilla Gomes, Tayná Rangel e Vanessa Ferreira. Algumas já conhecidas quando no início do mestrado, outras presente desta jornada. Meninas, o que teria sido deste curso sem nossos sorrisos, fofocas – essas foram incontáveis – cervejas abraços, tretas, rolês aleatórios! Não poderia escolher pessoas para partilhar desta trajetória comigo, mas, caso pudesse, todas estariam comigo, não vejo como seria esta jornada sem vocês para aliviar tanta tensão e angústia. Precisamos marcar uma cerveja, eu não vou furar, prometo.

Já mencionei que as amizades surgem de forma despreziosa. O universo caminha e conspira de maneiras não imagináveis. Assim, conheci pessoas que, em sentido literal, na materialidade, ainda não conheço. Em momentos de tédio, no meio de 2022, baixei um jogo aleatório de *Role-Playing Game* (RPG) – não sabia nem o que era isso – e, aos poucos, fui me introduzindo em um universo totalmente diferente da minha realidade. Nessa jornada, conheci o *Discord*. A partir daí, passei a ter longas horas de conversas com indivíduos de todo o país e fora dele. Dentro desse mundo, havia um subgrupo, uma “**panelinha**”, e essa panela adentrou em minha vida de modo que hoje não há um dia sem uma conversa.

Não farei menção a seus *nicks*, pois provavelmente meu texto seria censurado – culpa do **Fernando Tessmann** –, mas direi que **Aline Guimarães, Bruno Santos, Fernando Tessmann, Jeferson Uchôa, Marcos Fumachi, Paulo Montenegro, Samyra Sauaia, Thiago Garcia e Vanesca Cara** fazem parte da minha vida. Eles foram a causa da sustentação de minha sanidade, pessoas que colocaram tantos sorrisos sinceros em meu rosto. Todos os dias mandam mensagens de bom dia com *stickers* e fotos usurpadas dos grupos de família, compartilham de suas rotinas, conquistas, alegrias, tristezas, dores, angústias, términos, noivados, novos e velhos empregos, além de muitas dicas de Tecnologia da Informação (TI) e discussões calorosas sobre questões políticas, sociais e culturais, porque somos desses.

Moramos em distintos locais deste país continental e aos quatro felizardos que moram em São Paulo e adjacências e já tiveram o prazer de se encontrar mais de uma vez, fica meus ciúmes e a certeza de que em breve iremos todos nos encontrar. Afinal, os abraços são necessários, e as partilhas precisam ser regadas de olhares e calor humano. Sou grato a cada um, pois involuntariamente e até voluntariamente, foram doses de ânimo, sorrisos e energia.

Destes nomes citados, não posso furtar-me dá possibilidade de agradecer especialmente a **Samyra Sauaia** e ao **Bruno Santos**, a primeira pelo cuidado, preocupação e afeto desmedido, por todos os dias me incentivar a fazer atividades físicas, perguntar se me alimentei e dizer que sou uma pessoa especial, ao Bruno, por sempre elevar meu astral, e assim como outros, dizer e me fazer acreditar que lá no fundo tenho algum potencial.

Agradeço aos seguintes professores pelo aceite em participar e colaborar com a idealização deste trabalho, desempenhando papel como membros das bancas de qualificação e defesa:

Edvaldo Carvalho Alves;

Edna Gomes Pinheiro;

Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento;

Manuela Eugênio Maia.

À UFPB, local de construção do saber, instituição que chamo de lar, que deu asas e possibilitou muitos voos.

Ao **Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI)**, manifesto meu agradecimento por abrir portas e viabilizar investigações que, até então, não eram sequer imaginadas. Aos docentes, que incansavelmente se dedicam a compartilhar conhecimento, promover o desenvolvimento e consolidar uma consciência científica por meio de suas aulas e pesquisas, expresso minha sincera gratidão. Em especial, destaco as professoras **Izabel França** e **Gisele Côrtes**, que anteriormente ocuparam, respectivamente, os cargos de coordenadora e vice deste PPGCI, agradecendo a disponibilidade, humanidade, abertura e o sempre ágil contato.

À **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)** pelo dispêndio dos erários que possibilitaram a realização da pesquisa ora apresentada.

Ao **Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (GECIMP)**, pelas calorosas e valorosas discussões. Local de partilha e acolhimento.

A experiência do **Estágio Docência**, atividade que reavivou meus desejos e anseios.

O pecado da omissão é algo do qual não posso escapar, seja por esquecimento, restrição de espaço ou outros motivos. Nesse sentido, expresso minha gratidão àqueles que efetivamente e direta/indiretamente contribuíram para este texto, tornando esta jornada um pouco mais leve. Concluo, portanto, destacando que a lista de agradecimentos, por mais extensa que seja, será sempre injusta para aqueles cujos nomes não foram mencionados, mas que estão presentes em minha vida. A todos esses, os meus agradecimentos e abraços.

Gratidão a tantos, por tanto.

Everton Lima

João Pessoa, 14 de fevereiro de 2024, às 22:20.

Minha Júlia, um conselho de amigo;
Deixa em branco este livro gentil:
Uma só das memórias da vida
Vale a pena guardar, entre mil.

E essa n'alma em silêncio gravada
Pelas mãos do mistério há-de ser;
Que não tem língua humana palavras,
Não tem letra que a possa escrever.

Por mais belo e variado que seja
De uma vida o tecido matiz,
Um só fio da tela bordada,
Um só fio há-de ser o feliz.

Tudo o mais é ilusão, é mentira,
Brilho falso que um tempo seduz,
Que se apaga, que morre, que é nada
Quando o sol verdadeiro reluz.

De que serve guardar monumentos
Dos enganos que a esperança forjou?
Vãos reflexos de um sol que tardava
Ou vãs sombras de um sol que passou!

Crê-me, Júlia: mil vezes na vida
Eu coa minha ventura sonhei;
E uma só, dentre tantas, o juro,
Uma só com verdade a encontrei.

Essa entrou-me pela alma tão firme,
Tão segura por dentro a fechou,
Que o passado fugiu da memória,
Do porvir nem desejo ficou.

Toma pois, Júlia bela, o conselho:
Deixa em branco este livro gentil,
Que as memórias da vida são nada,
E uma só se conserva entre mil.
(Garrett, 20??, p. 18)

RESUMO

As placas de formatura não têm sido objetos de investigação no campo da Ciência da Informação ou em outras áreas do conhecimento no Brasil. Essa afirmativa se sustenta devido aos incansáveis esforços investigativos realizados em bases de dados e registros bibliográficos. Diante da escassez de material informacional e pesquisas sobre essas placas, aliada ao interesse pessoal por esse objeto, que transcende as barreiras e aparatos decorativos, considerando seu potencial investigativo e as diversas possibilidades de análises provenientes dos estudos da Memória e Ciência da Informação, as placas tornam-se objeto desta dissertação. Assmann discorre sobre os *médiums* de memória, locais onde as informações são registradas e acessíveis, possibilitando a evocação de lembranças. Concordamos com a autora e compreendemos que as placas, sejam de formatura ou não, possuem um poder potencialmente investigativo, considerando os registros anteriormente gravados em seu suporte. Adicionalmente, que tais placas podem ser consideradas documentos e monumentos, visto que o primeiro não se restringe aos convencionais suportes de papel e o segundo a uma grande estrutura. Assim, com o intuito de compreender as placas enquanto *médiums* de memória, o Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba foi escolhido como objeto de investigação *in loco*. Para tanto, elencamos como objetivo geral analisar os aspectos sócio-histórico, cultural e infomemorial das placas de formatura, como específicos realizar o mapeamento, e a partir deste processo, identificar, compreender e caracterizar os elementos sócio-históricos e culturais, além de situar e destacar as placas enquanto *médiums*. Para tanto, optou-se metodologicamente pelo método e/ou paradigma indiciário atribuído a Carlo Ginzburg. Dessa forma, a análise da massa documental considerou um complexo conjunto de elementos por nós definidos, não negligenciando pontos menos observáveis das placas e verificando sua contextualização de construção, relação com outros cursos e elementos, bem como aspectos da cultura local, entre outros. Do total de 228 placas registradas, uma vez que a análise da totalidade documental era inviável, essas foram categorizadas e divididas em "elementos", compostos pelos componentes físicos que as formam. A partir desse ponto, foram escolhidas placas de cada elemento para permitir uma abordagem ampla e diversificada nas áreas e perspectivas investigativas, assim, foram analisadas 14 placas. Desta forma, foi possível responder nossa questão problema que buscava compreender como as placas de formatura do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA, enquanto *médiums* de memória refletem aspectos sócio-históricos, culturais e infomemoriais de um passado remoto e podem fundamentar investigações para o presente e futuro. Como resultados, torna-se evidente a relação que os cursos do Centro de Humanidades têm com personalidades que atuam em prol da justiça social, a manifestação de anseios por melhores condições de vida e questões amplamente relacionadas aos direitos humanos, ademais é certo que, a temática não se esgota como objeto de investigação científica, seja no âmbito da Ciência da Informação ou em outras áreas de estudo, assim espera-se que futuras pesquisas explorem ainda mais esse campo.

Palavras-chave: memória; placas de formatura; *médiums* de memória; Centro de Ciências Humanas Letras e Artes.

ABSTRACT

Graduation plaques have not been objects of investigation in the field of Information Science or in other areas of knowledge in Brazil. This statement is supported by tireless investigative efforts conducted in databases and bibliographic records. Faced with the scarcity of informational material and research on these plaques, coupled with a personal interest in this object that transcends decorative barriers and apparatus, considering its investigative potential and the various possibilities of analysis arising from Memory and Information Science studies, the plaques become the subject of this dissertation. Assmann discusses memory mediums, places where information is recorded and accessible, enabling the evocation of memories. We agree with the author and understand that plaques, whether for graduation or not, possess a potentially investigative power, considering the previously recorded information on their support. Additionally, such plaques can be considered documents and monuments, as the former is not limited to conventional paper supports and the latter to a large structure. Thus, with the aim of understanding the plaques as mediums of memory, the Center for Human Sciences, Letters, and Arts at the Federal University of Paraíba was chosen as the object of on-site investigation. For this purpose, our general objective was to analyze the socio-historical, cultural, and info-memorial aspects of graduation plaques. The specific objectives included mapping and, from this process, identifying, understanding, and characterizing the socio-historical and cultural elements, as well as situating and highlighting the plaques as mediums. Methodologically, the method and/or indicative paradigm attributed to Carlo Ginzburg were chosen. Thus, the analysis of the documentary mass considered a complex set of elements defined by us, not neglecting less observable points of the plaques and verifying their construction context, relationship with other courses and elements, as well as aspects of local culture, among others. Out of the total of 228 registered plaques, as the analysis of the entire documentary mass was unfeasible, these were categorized and divided into "elements," composed of the physical components that form them. From this point, plaques from each element were chosen to allow a broad and diversified approach in areas and investigative perspectives, thus, 14 plaques were analyzed. In this way, it was possible to answer our research question, which sought to understand how the graduation plaques of the Center for Human Sciences, Letters, and Arts - CCHLA, as mediums of memory, reflect socio-historical, cultural, and info-memorial aspects of a distant past and can support investigations for the present and future. As a result, the relationship that the courses of the Center for Humanities have with personalities working for social justice becomes evident, as well as the expression of aspirations for better living conditions and issues closely related to human rights. Furthermore, it is certain that the theme is not exhausted as an object of scientific investigation, whether in the field of Information Science or in other areas of study. Therefore, it is expected that future research will further explore this field.

Keywords: memory; graduation plaques; memory mediums; Center for Human Sciences, Letters, and Arts.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Organograma dos centros de ensino – UFPB	28
Figura 2 - Fluxo de atividades para revisão sistemática	35
Figura 3 - Resultados de buscas na BRAPCI	36
Figura 4 - Resultados das buscas BDTD	39
Figura 5 - Critérios adotados para análise do conteúdo	40
Figura 6 – Resultado de buscas sem “”	41
Figura 7 – Fluxo de passos adotados até a obtenção dos dados	42
Figura 8 - Placas e indícios, elementos investigativos	51
Figura 9 – Possibilidades investigativas de elementos no <i>corpus</i> documental	52
Figura 10 - Aplicação do método indiciário nas placas, <i>corpus</i> investigativo	55
Figura 11 - Representação gráfica da teoria dos signos	60
Figura 12 - Teoria dos signos, representação	61
Figura 13 - Hierarquia dos vários sistemas de escrita	65
Figura 14 - Quadro presente em exposição denominada concha - BC UFPB.....	69
Figura 15 - Placa presente ao lado do quadro.....	69
Figura 16 - Átrio do Museu da Misericórdia da Santa Casa da Bahia, visão frontal	70
Figura 17 – Átrio do Museu da Misericórdia da Santa Casa da Bahia, visão lateral	71
Figura 18 - Placa de bronze presente na Praça Padre Cícero, no Juazeiro do Norte/CE.....	74
Figura 19 - Registro da reunião que culminou na idealização da placa afixada da Praça Padre Cícero no Juazeiro do Norte/CE.....	74
Figura 20 - Mapa do CCHLA.....	80
Figura 21 - Exemplo do modo de categorização das placas.....	81
Figura 22 - Placa do curso de Serviço Social, 1988.2	90
Figura 23 - Placa do curso de História, 1985.1	94
Figura 24 - Placa do curso de Serviço Social, 2005.2	96
Figura 25 - Recorte da imagem presente na placa do curso de Serviço Social, 2005.2	97
Figura 26 - Placa do curso de Letras	101
Figura 27 - Placa do curso de Psicologia, 1989.1.....	102
Figura 28 - Placa do curso de Filosofia, 1986.1	104
Figura 29 - Placa do curso de letras, 2002.1.....	105
Figura 30 - Placa do curso de história, 1987.2	107
Figura 31 - Placa do curso de história	108

Figura 32 - Imagem de João Pedro Teixeira.....	108
Figura 33 - Placa do curso de história, 1991.2	110
Figura 34 - Placa do curso de Letras, 2016.2	114
Figura 35 – Placa do curso de Letras Português, 2018.2.....	115
Figura 36 - Placa do curso de Serviço Social, 2009.2	116
Figura 37 - Decreto de nomeação.....	118
Figura 38 - Boletim de apuração	119
Figura 39 - Placa do curso de História, 2016.1	121

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quantitativo de técnicos e docentes do CCHLA	45
Quadro 2 - Histórico de reitores da UFPB	46
Quadro 3 - Tipos de suporte que abrigam os sistemas de escrita	66
Quadro 4 - Livros escritos pelo professor José Octávio.....	95
Quadro 5 - Elementos textuais presentes nas placas de cerâmica.....	100

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Buscas no Google no ano de 2020.....	30
Tabela 2 – Assuntos relacionados a COVID-19 em ascensão no ano de 2020.....	30
Tabela 3 - Buscas de assuntos relacionados a COVID-19 no <i>Google</i> no ano de 2020	31
Tabela 4 - Buscas no <i>Google</i> no ano de 2020.....	32
Tabela 5 - Palavras mais frequentes no campo <i>Library Information Science</i> (LIS) na base <i>Scopus</i>	33
Tabela 6 - Resultados da busca na BRAPCI.....	37
Tabela 7 - Resultados das buscas na BDTD	40
Tabela 8 - Cursos de graduação do CCHLA.....	44
Tabela 9 - Categorização das pastas e total de placas.....	82
Tabela 10 - Composição física das placas	83
Tabela 11 - Placas compostas por diferentes elementos físicos.....	88

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Interesse de buscas ao decorrer do ano de 2020	31
Gráfico 2 - Quantidade de Documentos por Instituição	38
Gráfico 3 - Proporção de placas.....	82
Gráfico 4 - Composição física das placas.....	84

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
BC	Biblioteca Central
BDB	Biblioteca Digital Brasileira
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BRAPCI	Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CCHLA	Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
CCMD	Comunicação em Mídias Digitais
CCSA	Centro de Ciências Sociais Aplicadas
CCTA	Centro de Comunicação, Turismo e Artes
CE	Centro de Educação
CI	Ciência da Informação
CONSEPE	Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão
CONSUNI	Conselho Universitário
DLCV	Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
DLEM	Departamento de Letras Estrangeiras Modernas
FAFI	Faculdade de Filosofia e Letras
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
GECIMP	Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
ICFCH	Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas
LIS	<i>Library Information Science</i>
PPGCI	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
RSL	Revisão Sistemática de Literatura
SIGAA	Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas
SIGRH	Sistema Integrado de Gestão de Recursos Humanos
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

1	ENTRE CORREDORES E ALAMEDAS: A EXPEDIÇÃO	21
2	PERCORRENDO O CAMINHO DA PESQUISA	28
2.1	OBJETOS CIENTÍFICOS EM EVIDÊNCIA	29
2.2	PLACAS DE FORMATURA ENQUANTO OBJETO DE ESTUDO	34
2.2.1	Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação	35
2.2.2	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.....	37
2.3	O CENTRO DAS HUMANIDADES: CONSTRUINDO MEMÓRIAS	42
2.4	SILOGISMO: OS SINAIS DOS INDÍCIOS.....	49
3	DA MATERIALIDADE À INFORMAÇÃO E MEMÓRIA	58
3.1	DOS REINOS DA NATUREZA A PALAVRA ESCRITA.....	63
3.2	PLACAS COMO SUPORTE INFORMACIONAL E DE MEMÓRIA.....	67
4	DAS ANÁLISES E (IN)CONCLUSÕES	79
4.1	REGISTROS PRESENTES: PRIMEIRAS CATEGORIZAÇÕES.....	81
4.2	HISTÓRIA, CULTURA, POLÍTICA E MEMÓRIA: INDÍCIOS, O QUE REVELAM?88	
4.2.1	Entre ilustres e anônimos: narrativas ocultas e destinos brilhantes	90
4.2.2	O historiador: crônicas narradas na trilha da jornada	93
4.2.3	Registro perpétuo: entre o eco da memória e o silêncio do apagamento.....	95
4.2.4	Da terra à memória: a beleza cristalizada.....	98
4.2.5	A beleza solitária da madeira: o tempo como cúmplice na criação.....	104
4.2.6	Atos de resistência: o homem marcado para morrer	106
4.2.7	As veias abertas da América Latina	110
4.2.8	A negligência semeia descuidos, o descaso colhe desastres	113
4.2.9	Justiça, direitos e diversidade: horizontes sociais.....	116
4.2.10	Ecos da memória: passado presente todos os dias.....	118
5	OUÇAM OS SUSSURROS DOS ESCRITOS SILENCIOSOS: ENTRE AS PLACAS, INFORMAÇÃO E MEMÓRIA REVELADOS	124
	REFERÊNCIAS	127
	APÊNDICES	134
	APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO	135



1 ENTRE CORREDORES E ALAMEDAS: A EXPEDIÇÃO

[...] o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia (Rosa, 1994, p.52).

Outrora, ao caminhar nos corredores do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes (CCHLA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na travessia rumo ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), para assistir aula na sala 212, que era até então ocupada pelo curso de graduação em Biblioteconomia, em razão do ainda considerável tempo disponível, coloco-me a contemplar as placas de formatura, prática realizada com frequência, até mesmo como uma forma de “passar o tempo”.

Por outro lado, ao apreciá-las, parecia alimentar o sonho do ingresso e permanência na universidade pública. Nesse estado de contemplação, observo que as placas de formaturas, expostas nos corredores eram objetos, cuja materialidade e formatos diversos são constituídos por granito, madeira, vidro, aço, alumínio, objetos inanimados, mas não mortos, vivos pois trazem consigo memórias individuais e coletivas, narrativas de um tempo passado/presente, características de um povo, aspectos identitários de gerações, assim como movimentos e resistências, possibilitando o que Assmann (2011) denomina de metamorfoses da memória cultural. As placas, evocam a poética de Mário Quintana no poema “Minha vida está nos meus poemas, / meus poemas são eu mesmo, / nunca escrevi uma vírgula que não fosse uma confissão”. Nesta esteira, passo a observá-las como registros, poemas de vida, representação da identidade e memória coletiva dos que nela estão registrados. São vidas, confissões de si (Foucault, 1992) capazes de revelar àqueles que partilhavam dos mesmos ideais durante longos anos de uma trajetória¹ na graduação, isso porque as placas de formatura desveladas em nossa travessia são todas de cursos de graduação, prática, determinadamente, institucional. Elas, por sua vez, revelam características do tempo e compõem traços de um emaranhado maior de aspectos constitutivos de diversas pessoas e suas práticas sócio-histórica e culturais, bem como suas práticas infomemorial, afinal consideramos as placas “[...] mídias, que fundamentam e

¹ Bourdieu (1998), entende trajetória como resultado de um sistema dos traços pertinentes de uma biografia individual ou de um grupo de biografias. Ainda na concepção do autor, as trajetórias são formadas a partir do *habitus*, estes que deixam traços e formam características e é definido como um “[...] sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (Bourdieu, 1998, p. 191).

flanqueiam a memória cultural como suportes materiais delas, e interagem com a memória individual de cada um” (Assmann, 2011, p. 24).

Fernando Pessoa (1972) narra o seguinte “O homem é um cadáver adiado”, sim de fato, por razões naturais viemos a este mundo com prazo de validade, contudo, ao nos encantarmos² é deixado neste mundo várias heranças³, sejam bens físicos, relações, histórias, por onde quer que realizemos a travessia, são deixados resquícios da passagem, nosso cadáver enquanto sujeito animado, realiza sonhos, alça conquistas, supera obstáculos, marca vidas e deixa, após sua morte, registros de passagens. Assim, as placas de formatura afixadas nas paredes dos corredores dos diversos centros de ensino da UFPB, se consideradas em sua documentalidade⁴ revelam seu potencial infomemorial, uma vez que seus registros trazem nomes, rosto, predominância étnico-racial, gênero, tendências políticas entre outros. Por outro lado, os cadáveres que ora repousam, deixaram suas histórias, registros e ações, agora lembranças expostas nos mais diversos suportes informacionais ou *médiums* de memória.

Os aspectos apontados até aqui se configuram como possibilidades investigativas, um celeiro inanimado, mas não morto, placas são as representações do passado/presente, de pessoas, de indivíduos, objetos⁵ que também chancelam o que afirmou José Americo de Almeida “selo de perpetuidade”⁶.

Ora, se as placas de formaturas podem ser consideradas também em sua documentalidade, e, nela reconhecemos seu potencial infomemorial, afinal adotar as placas

² João Guimarães Rosa em discurso de posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), em 16 de novembro de 1967, proferiu: “[...], Mas - o que é um pormenor de ausência. Faz diferença? ‘Choras os que não devias chorar. O homem desperto nem pelos mortos nem pelos vivos se enluta’ - Krishna instrui Arjuna, no Bhágavad Gita. A gente morre é para provar que viveu. Só o epitáfio é fórmula lapidar. Elogio que vale, em si, perfeito único, sumário: JOÃO NEVES DA FONTOURA. Alegremo-nos, suspensas ingentes lâmpadas. E: ‘Sobe a luz sobre o justo e dá-se ao teso coração alegria!’ - desfere então o salmo. As pessoas não morrem, ficam encantadas. [...]” João Guimarães Rosa em “discurso de posse na Academia Brasileira de Letras (ABL)”. 16.11.1967.

³ A herança social também pode ser chamada de herança popular ou herança cultural, trata-se das características típicas de um grupo social, uma cultura ou classe que são transmitidas para os seus descendentes, como as tradições, histórias, língua, ideias, culinária e demais fatores que conseguem resistir ao longo do tempo. (Significados, 2021).

⁴ Frohmann (2009 *apud* Silva; Mostafa, 2011, p. 2143) apresenta o conceito de documentalidade ligado a funcionalidade, contingência, complexidade e agência. Assim, “Os documentos funcionam e fazem acontecer coisas e processos; os documentos são produzidos em circunstanciais específicas e de forma alguma, essas circunstâncias são simples: é a complexidade das relações sociais que os fazem nascer, permanecer ou desaparecer”.

⁵ Azevedo Netto, Loureiro e Loureiro (2013, p. 2) compreendem objeto como documento, algo “[...] que incorpora materialidade e atividade produtiva, ou seja, trabalho útil”.

⁶ “Outros vos darão asas, eu vos dou as raízes. Dou o selo da perpetuidade” (Almeida, 1955, p. 1).

como registros de passagem, estas historicamente se constituem uma prática social⁷, dotada, portanto, de materialidade, um espaço de recordação (Assmann, 2011).

De acordo com Le Goff (1990, p. 545) os objetos não nascem como monumentos, porém, trazem consigo uma função social determinada, pois “[...] o documento é produto da sociedade que o fabricou, e somente a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente [...]”.

Seguindo essa linha de pensamento, percebemos de forma empírica o valor significativo das placas de formatura. No entanto, conforme aumenta o número dessas placas devido às frequentes cerimônias de formatura, surge a necessidade de encontrar mais espaços para colocá-las. Apesar disso, a maioria das edificações que abrigam os Centros de Ensino, com algumas exceções, dispõem de espaço suficiente para acomodar tanto as novas placas quanto manter as existentes. No entanto, essa expansão pode levar ao que Assmann (2011) chama de "perda da memória", uma vez que a adição contínua de novas placas pode obscurecer as mais antigas, dificultando a preservação da história e das tradições da instituição.

Ao vislumbramos as placas de formatura enquanto espaços de recordação, alinhamos ainda a possibilidade de uma memória institucional ou o espaço do que pode ser dito, pois de acordo com Fernandes (2022, p. 79), “[...] um documento não é apenas um papel. É um tempo de conhecimento, de informação inserida em um suporte [...]”. Assim, não é a sua matéria, mas o conteúdo que lhe dá valor, que pode ser quase instantâneo ou um bem durável.

Dentro de uma perspectiva infomemorial concebemos esse conglomerado de placas como um espaço de recordação ao ar livre, uma espécie de arquivo da pólis, ou seja, metaforicamente, todos os corredores levam a praça. Pensá-las enquanto documento adquire um sentido de memória potencial na forma de acondicionamento das práticas sócio-históricas e culturais nelas registradas e armazenadas, que a Ciência da Informação (CI) pode e deve atuar, afinal, “[...] dedica-se ao estudo dos fenômenos concernentes ao seu difuso objeto – informação -” (Rabello, 2012. p. 12), objeto esse, aqui caracterizado por vidro, madeira, aço, metal, componentes diversos, *médiums*, capazes de registrar e possibilitar significado. A informação constante nas placas, gravada, capaz de criar sentido, transmite ideias, a materialidade do suporte físico implica em informação factível de interpretação, um conhecimento em um estado de compartilhamento contínuo.

⁷ Souza, Luca e Torres (2011. p. 212) conceituam práticas sociais como as “[...] ações dos indivíduos (intenções, valores, atitudes, crenças); da estrutura; das relações internas e externas à organização, e dos contextos de interações organizacionais”.

A CI, com sua capacidade de contribuir significativamente para o reconhecimento e análise de documentos, motivou-nos a explorar aspectos teóricos inusitados durante nosso ingresso no Mestrado. Entre esses aspectos, as placas de formatura merecem destaque especial, principalmente durante o período de 2020 a 2022, fortemente marcado pela pandemia e caracterizado por um contexto de intensas mudanças políticas e sociais no país, incluindo as intervenções ocorridas em várias universidades. Essas placas, portanto, transcendem sua função comemorativa, atuando como testemunhas silenciosas das complexidades e dos desafios enfrentados pelas instituições de ensino superior nesse período conturbado, refletindo tanto as conquistas acadêmicas quanto os impactos das crises sanitária e política.

Após o retorno à normalidade pós-pandemia, nosso interesse reacendeu sobre um tema que há muito nos fascina: as placas de formatura. Essa renovação de foco nos fez perceber nelas um potencial investigativo inexplorado, o que nos motivou a procurar na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) por estudos que utilizassem essas placas como objeto de análise. Surpreendentemente, essa busca revelou a ausência de pesquisas direcionadas a esse tema, destacando uma lacuna significativa no campo da Ciência da Informação e sublinhando a originalidade de nossa abordagem ao reconhecer as placas de formatura não apenas como celebrações de conquistas acadêmicas, mas como documentos valiosos para a pesquisa.

Ampliando nossa pesquisa para a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), observamos a mesma tendência: as placas de formatura, apesar de serem uma presença constante no ambiente acadêmico, raramente são reconhecidas como objetos de estudo por mestrandos, doutorandos, professores e pesquisadores. Esta observação sublinha a singularidade de nossa abordagem, evidenciando uma lacuna significativa na compreensão do valor informativo e memorial dessas placas. Essa constatação reforça a base de nossa investigação, destacando a necessidade de explorar esses artefatos acadêmicos não apenas como elementos comemorativos, mas como fontes potenciais de conhecimento histórico e cultural.

Ressaltamos ainda a importância dos estudos de memória provenientes de nossa formação na pós-graduação. A linha de pesquisa Memória, Mediação e Apropriação da Informação, cujos fundamentos teóricos sobre memória enquanto objeto de estudo não só da Ciência da Informação, mas um objeto social que permeia os mais diversos horizontes e penetra em várias camadas da sociedade evidenciando de forma *sui generis* sua importância e razão pela qual devemos estudá-la. Descortinar o passado através de objetos, registros, laços e traços é um mecanismo para compreender ações que impactam diretamente no presente e no futuro, sobretudo quando essa perspectiva se assenta no campo dos Direitos Humanos.

Aliado a esse fator, é salutar registrar as discussões provenientes do Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (GECIMP), ao qual integro desde o ano de 2016, suas leituras fomentaram questionamentos como os já posto, ademais, até que ponto a memória e a necessidade de registrá-la está enraizada em nossas práticas acadêmicas, profissionais, culturais bem como qual o papel da Ciência da informação na relação entre as categorias cultura, informação, memória e patrimônio.

Assim, pode-se inferir que as placas de formatura têm sua historicidade, se hoje tais objetos superam a trivialidade de meros aspectos decorativos, é porque com o decorrer dos anos adotaram características que de certo modo representam a conquista de determinados indivíduos. Tomá-las enquanto *corpus* analítico possibilita compreendê-las enquanto espaço de recordação, reconhecendo nelas o seu potencial sócio-histórico, cultural e infomemorial. Nesse sentido, e impulsionados pelo processo investigativo aliados aos pressupostos teóricos da Ciência da Informação, indagamos: *Como as placas de formatura do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) enquanto médiums de memória refletem aspectos sócio-históricos, culturais e infomemoriais de um passado remoto?*

Considerando a indagação norteadora, traçamos como objetivo geral: Analisar os aspectos sócio-histórico, cultural e infomemorial das placas de formatura, enquanto *médiums* de memória, do CCHLA/UFPB. E, como objetivos específicos:

- a) **mapear** as placas de formatura, enquanto *médiums* de memória, do CCHLA/UFPB;
- b) **identificar** os elementos sócio-históricos e culturais presentes nas placas de formatura do CCHLA/UFPB;
- c) **caracterizar** as placas de formatura, enquanto *médiums* de memória, do CCHLA/UFPB, considerando as categorias sócio-histórico, cultural e infomemorial;
- d) **compreender** as placas de formatura, enquanto *médiums* de memória, do CCHLA/UFPB.

Na caminhada da construção teórico-metodológica da dissertação em tela, fez-se necessário estruturá-la em cinco seções. A primeira seção intitulada **ENTRE CORREDORES E ALAMEDAS: A EXPEDIÇÃO** narra o encontro com o objeto investigado e a questão norteadora, bem como os objetivos geral e específicos que nos conduziram firmes na caminhada e conseqüentemente na investida do/sobre o tema no campo da Ciência da Informação.

A segunda seção denominada de **PERCORRENDO O CAMINHO**, uma espécie de levantamento sistemático que fomenta a escolha e a descrição do método e da metodologia, bem como, traz às motivações que nos conduziram a perseguir os objetivos traçados.

Na terceira seção nominada **DA MATERIALIDADE À INFORMAÇÃO E MEMÓRIA**, é evidenciado o início do percurso teórico, relacionando a relevância da escrita, suportes e registro de informação no transcorrer do tempo com a importância de olhar para a memória.

A quarta seção intitulada **DAS ANÁLISES E (IN)CONCLUSÕES**, assim denominada visto que os registros realizados dispõem de potencial investigativo para outros textos, aborda uma análise das placas, sob luz do método indiciário, foram extraídos elementos sociais, culturais, artísticos, filosóficos que ora são expostos no texto e podem despertar a curiosidade para outros olhares investigativos.

A quinta e última sessão chamada de **OUÇAM OS SUSSURROS DOS ESCRITOS SILENCIOSOS: ENTRE AS PLACAS, INFORMAÇÃO E MEMÓRIA REVELADOS**, de certo modo é um grito, um clamor, chamamento para que possamos ouvir e direcionar nosso olhar aquilo que ainda não é evidente, um sussurro já é indício de algo a margem, se silenciado, como visto em algumas das placas, compreendemos que está ainda mais distante de nosso campo de visão, assim, dizemos que entre as placas os documentos foram revelados, pois compreendemos que placas de formatura são uma massa documental com vasto potencial.

CAMINHO METODOLÓGICO



TÓPICO 2

Introdução e contextualização, situação do objeto.



TÓPICO 2.1

Tendências de pesquisa e predileção por objetos em evidência



TÓPICO 2.2

Placas enquanto objeto de estudo, situação, como justificar o objeto.



TÓPICO 2.2.1

BRAPCI, o que evidencia?



TÓPICO 2.2.2

BDTD, fundamentação da ausência de pesquisa nos PPG's



TÓPICO 2.3

O centro de Humanidades, contextualização



TÓPICO 2.4

O método indiciário

2 PERCORRENDO O CAMINHO DA PESQUISA

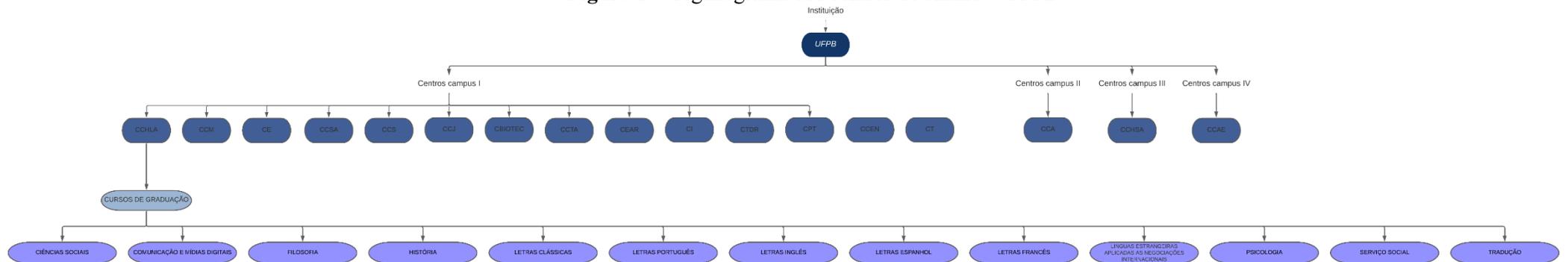
Pedras no caminho? Eu guardo todas. Um dia vou construir um castelo.

Nemo Nox

Partindo do pressuposto da necessidade de justificar nossa temática, o percurso metodológico inclui o motivo pelo qual escolhemos estudar as placas de formatura enquanto objeto de nossa dissertação, bem como ressalta a escolha do CCHLA como centro foco de nossa pesquisa.

A Universidade Federal da Paraíba (UFPB), conta com uma estrutura *multi campi* que dispõe de 17 centros de ensino espalhados por 4 *campi*, dentre estes o CCHLA e CCSA, ambos situados na cidade de João Pessoa, campos I. É salutar mencionar que, mesmo com toda a trajetória acadêmica tendo ocorrido no Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), optamos por discutir e evidenciar o Centro de Ciências Humanas Letras e Artes (CCHLA).

Figura 1 – Organograma dos centros de ensino – UFPB



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Ressalta-se que, estudar as placas de formatura a *priori*, surgiu a partir de um anseio pessoal, a curiosidade pelos lugares de memória, o que nos suscita evidenciar quais são estes pontos de acesso a memória, por mais incomuns que possam configurar-se como lugares, estabelecidos sob a concepção de Nora (1993, p.21) em sentidos distintos como “material, simbólico e funcional”.

Contudo, para dar respaldo e justificar o motivo pelo qual desejamos evidenciar tais placas e memória, faz-se necessários, além da justificativa pessoal, uma teórica e/ou social. Portanto, a Revisão Sistemática de Literatura (RSL) nos subsidiara quanto à necessidade de discutir um objeto ainda não evidenciado. Legitimar que no campo da CI as “placas de formatura” enquanto objetos investigativos constituem-se inéditas é evidenciar o objeto, dar luz a algo que até o presente esteve fora da pauta científica.

2.1 OBJETOS CIENTÍFICOS EM EVIDÊNCIA

O saber humano avança conforme fazemos uso dos métodos científicos para alcançar determinados resultados para nossos questionamentos. Sagan⁸ (1995) nos diz que o método científico, embora não seja perfeito, é fundamentado e confiável. É a abordagem mais eficaz que possuímos. Desprezar esse método, juntamente com suas práticas céticas, pode conduzir a uma era de obscuridade. As observações, hipóteses, testes, em suma, fases dos métodos científicos nos possibilitam chegar a determinadas conclusões, sejam estas favoráveis ou não.

Métodos e técnicas são nossas ferramentas para evidenciar, reformular, ponderar, criticar, vasculhar o teor informacional dos mais distintos objetos.

Hoje, com as inovações tecnológicas e o maior acesso ao conhecimento produzido em decorrência de uma maior disseminação e a busca pela democratização do conhecimento, parcela notável da população desde que com acesso à internet e dispondo de conhecimento sobre o acesso as bases de dados e recursos bibliográficos pode investigar por conta própria quais as temáticas que estão em evidência enquanto objetos de estudo para a própria ciência.

Visto a pandemia de COVID-19, não é difícil afirmar e evidenciar que bilhões de dólares bem como milhares de pesquisadores ao redor do mundo foram direcionados a estudos sobre as causas da pandemia, vacinas para mitigar e curar seus efeitos, mecanismos para cercear os

⁸ Carl Sagan (1934-1996) foi um renomado astrofísico, cosmólogo, escritor e divulgador científico norte-americano. Ele desempenhou um papel crucial na popularização da ciência, apresentando a série de TV "Cosmos" e escrevendo obras influentes, como: O Mundo Assombrado pelos Demônios; Cosmos; Pálido Ponto Azul, entre outros. Sagan também contribuiu significativamente para a exploração espacial, sendo um membro da equipe responsável pelas mensagens a bordo das sondas *Pioneer* e *Voyager*.

avanços de *fake News* sobre o vírus. A pandemia se tornou um tema de interesse comum para diversas áreas do conhecimento e que permanece em destaque.

Contudo, à medida que o tempo avança, é natural que desenvolvamos uma inclinação por novidades. O que foi considerado evidente em 2020 já não o é mais em 2024.

Ao pesquisarmos os assuntos mais buscados no *Google* em 2020, tivemos resultados totalmente diferentes se comparados as buscas de 2022. Nossos pensamentos tendem a seguir por caminhos já conhecidos ou que começam a ser evidenciados, e assim, muitas vezes, buscamos fugir de searas pouco exploradas.

Para evidenciar o exposto, quando observamos os *trend topics* do *Google* Brasil de 2020, conforme Tabela 1, correlacionamos de imediato aos acontecimentos anuais, o que é mais buscado, é exatamente a notícia com maior impacto.

Tabela 1 - Buscas no Google no ano de 2020

Coronavírus
Auxílio emergencial
Eleições 2020
Eleições EUA
BBB 2020
Copa do Brasil
Google Classroom
Flamengo x São Paulo
Classificação Brasileirão série A
NBA

Fonte: *Google trends* Brasil (2023)

No ano de 2020, a pandemia de COVID-19 chegava ao Brasil, no mesmo ano ela ceifou a primeira vida em território nacional, milhares de pessoas passaram a pesquisar nas redes quais os métodos de prevenção, onde a doença surgiu, quais os sintomas, dentre outros, tais pesquisas em massa, colocaram a doença entre os assuntos mais pesquisados por semanas.

Junto com o objeto principal de busca, outras temáticas ascenderam em razão do impulso ocasionado pela COVID-19, como observamos na Tabela 2.

Tabela 2 – Assuntos relacionados a COVID-19 em ascensão no ano de 2020

China – País na Ásia Oriental
Vacina Contra COVID-19
Medicina preventiva
Ministério da Saúde

Fonte: *Google trends* Brasil (2023)

Observamos que, além da própria COVID-19, assuntos outrora pouco pesquisados e evidenciados foram alavancados em um efeito cascata.

Além dos tópicos mencionados anteriormente, notamos que as pesquisas relacionadas à COVID-19 se tornaram cada vez mais comuns. Entre as mais relevantes, destacam-se aquelas listadas na Tabela 3.

Tabela 3 - Buscas de assuntos relacionados a COVID-19 no *Google* no ano de 2020

<u>Brasil coronavírus</u>
<u>Coronavírus Brasil</u>
<u>Sintomas coronavírus</u>
<u>Coronavírus casos</u>
<u>Coronavírus mortes</u>
<u>Casos coronavírus</u>
<u>Corona</u>
<u>Coronavírus mundo</u>
<u>Coronavírus hoje</u>
<u>Vacina coronavírus</u>

Fonte: *Google trends* Brasil (2023)

A COVID-19 foi notícia em todos os locais do mundo, alterou a história, contudo, a vida seguiu, passado algum tempo, por mais que a doença continuasse alastrando-se, ainda no ano de 2020, o interesse de pesquisa relativo ao tópico caiu, conforme observa-se no Gráfico 1.



Fonte: *Google trends* Brasil (2023)

Percebemos assim, que, assuntos em evidência são passageiros, a linha não é tênue, o gráfico bem expressa isso, por mais que algo tenha notoriedade em determinado espaço de tempo, o espaço é finito, a temática pode voltar a ser abordada, contudo, não tende a permanecer com a notoriedade de outrora.

Na Tabela 4, é possível evidenciar que no ano de 2022, a COVID-19 sequer apareceu entre os assuntos mais pesquisados no *Google*.

Tabela 4 - Buscas no *Google* no ano de 2020

<u>Eleições 2022</u>
<u>Copa do Mundo 2022</u>
<u>Brasileirão</u>
<u>BBB 22</u>
<u>Lula</u>
<u>Flamengo x Corinthians</u>
<u>Banco Central</u>
<u>Copinha</u>
<u>Série B</u>
TSE

Fonte: *Google trends* Brasil (2023)

Trazemos em tela tais informações, para mensurar que temos tendência em pesquisas já marcantes, evidenciar o que está em foco é algo que ocorre não só em nosso cotidiano, mas também nas pesquisas de interesse acadêmico.

Pahani, Lotfi e Ouchi (2022) publicaram a pesquisa bibliométrica intitulada “Tendências globais de pesquisa e tópicos importantes sobre Biblioteconomia e Ciência da Informação: uma Análise Bibliométrica⁹” que busca revelar tendências e tópicos importantes para a Biblioteconomia e Ciência da Informação através de análises métricas realizadas no banco de dados Scopus durante 2011-2020 e especificar os tópicos mais evidentes. Na Tabela 5, é posto o resultado de parte da pesquisa realizada.

⁹ Tradução nossa do trabalho originalmente intitulado: *Global research trends and hot topics on Library and Information Science: a bibliometric analysis*.

Tabela 5 - Palavras mais frequentes no campo *Library Information Science* (LIS) na base *Scopus*

No.	Words	Frequency	No.	Words	Frequency
1	SYSTEMATIC REVIEW	531	16	DIGITAL LIBRARIES	110
2	META ANALYSIS	372	17	RESEARCH DESIGN	108
3	MEDLINE	252	18	SCOPUS	108
4	PROCEDURES	229	19	TREATMENT OUTCOME	103
5	WEB OF SCIENCE	227	20	INFORMATION SCIENCE	88
6	COCHRANE LIBRARY	226	21	OUTCOME ASSESSMENT	87
7	RANDOMIZED CONTROLLED TRIAL (TOPIC)	214	22	ADVERSE EVENT	70
8	PRIORITY JOURNAL	198	23	LIBRARIAN	67
9	LIBRARY	189	24	DATA EXTRACTION	63
10	META-ANALYSIS	183	25	LIBRARY SCIENCE	63
11	EMBASE	160	26	HERBACEOUS AGENT	62
12	INFORMATION RETRIEVAL	155	27	EDUCATION	61
13	RANDOMIZED CONTROLLED TRIALS AS TOPIC	140	28	CONTROLLED STUDY	54
14	LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE	130	29	DRUG EFFICACY	54
15	METHODOLOGY	113	30	BIBLIOMETRICS	51

Fonte: Pahani, Lotfi e Ouchi, (2022, p. 8)

Os dados obtidos através das análises das palavras-chave evidenciam que temáticas voltadas as próprias métricas estão em evidência no curso dos últimos anos, bem como questões metodológicas e pesquisas no âmbito tecnológico, vemos um ciclo que se retroalimenta, colocando sempre luz em temáticas semelhantes.

Análises como esta, nos fazem refletir que, pesquisas tendem a perseguir temáticas mais evidentes, deixando ao lado, outros campos outrora investigados, induzindo ao silenciamento e, posterior esquecimento de espaços nunca objetificados.

A COVID-19 é um exemplo pulsante, tivemos um *boom* de pesquisas no auge da pandemia, conforme a situação entra no controle, outros pontos de investigação surgem e o interesse tende a diminuir.

Dizemos isso para mensurar a predileção por determinadas temáticas e ressaltar que em muitos casos, outras, são relegadas, nunca investigadas, cerceando a possibilidade de investigação de campos diversos.

2.2 PLACAS DE FORMATURA ENQUANTO OBJETO DE ESTUDO INFOMEMORIAIS

Para compreender o destaque dado - ou a falta dele - às placas de formatura como objetos de estudo, decidimos adotar uma abordagem metodológica conhecida como Revisão Sistemática de Literatura (RSL). Nessa direção, limitamos nossa investigação a análises mais diretas, focando especificamente na coleta de dados relacionados ao papel das placas de formatura como objeto de investigação.

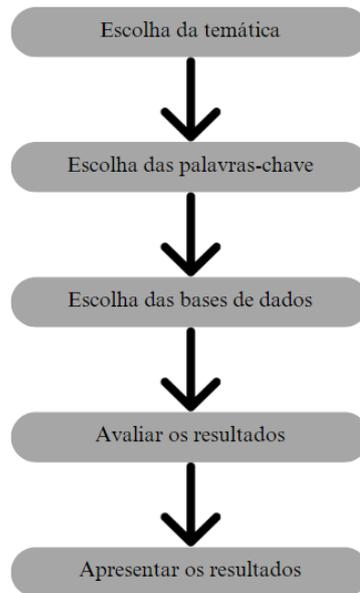
Sampaio e Mancini (2007, p. 84) definem a RSL como:

[...] uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado tema. Esse tipo de investigação disponibiliza um resumo das evidências relacionadas a uma estratégia de intervenção específica, mediante a aplicação de métodos explícitos e sistematizados de busca, apreciação crítica e síntese da informação selecionada.

Para que possamos chegar ao resultado desejado, é necessário que sigamos um conjunto de processo/procedimentos que perpassam desde a escolha dos descritores a serem utilizados até as plataformas que serão nosso *locus* de pesquisa. Para tanto, optamos por fazer uso do descritor que aqui é nosso objeto, “placas de formatura”, no tocante as bases de dados, com o intuito de contemplar o escopo da CI, foi utilizado a BRAPCI, já na tangente a evidenciar que tal temática não é objeto valorado enquanto pesquisas de pós-graduação, a BDTD é nosso espaço escolhido.

Diante do exposto, adotamos a seguinte sequência de etapas para a coleta dos dados que serão apresentados (Figura 2).

Figura 2 - Fluxo de atividades para revisão sistemática



Fonte: Elaboração própria (2023)

Neste trajeto, visando obter os dados desejados, é importante selecionar o descritor (palavra-chave) utilizado na condução de nossa pesquisa. Destacamos que a escolha do descritor ocorreu após a consolidação do objeto "placas de formatura" como temática central.

Realizadas as etapas anteriores, seguiu-se para a indicação das bases de dados, que aqui colocam-se de forma premeditada com vistas a evidenciar não só as pesquisas da CI, mas também na pós-graduação.

Assim, é oportuno dizer que ambas as bases elencadas, refletem as produções a nível de pós-graduação no Brasil, bem como as produções da CI brasileira.

2.2.1 Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação

Ao discutir a primeira base de dados que será examinada neste estudo, a BRAPCI, destacamos que:

[...] é o produto de informação do projeto de pesquisa “Opções metodológicas em pesquisa: a contribuição da área da informação para a produção de saberes no ensino superior”, cujo objetivo é subsidiar estudos e propostas na área de Ciência da Informação, fundamentando-se em atividades planejadas institucionalmente. Com esse propósito, foram identificados os títulos de periódicos da área de Ciência da Informação (CI) e indexados seus artigos, constituindo-se a base de dados referenciais. A BRAPCI amplia o espaço documentário permitido ao pesquisador, facilita a visão de conjunto da produção na área, ao mesmo tempo, que revela especificidades do domínio científico. Atualmente disponibiliza referências e resumos de 19.255 textos publicados em 57 periódicos nacionais impressos e eletrônicos da área de CI. Dos periódicos disponíveis 40 estão ativos e 17 históricos (descontinuados). Além de tudo isso, a BRAPCI está fazendo uma pesquisa online com os seus usuários com a finalidade de avaliar a base de pesquisa BRAPCI da

Universidade Federal do Paraná criado sob o ponto de vista do usuário para a possibilidade de implementar futuras melhorias de interface, conteúdo e nível de satisfação (Bufrem *et al.*, 2010, local. 1).

Sendo hoje, uma das principais fontes de informação para bibliotecários e cientistas da informação, a BRAPCI é um local oportuno para nosso primeiro levantamento visto os pontos já expostos bem como:

- Vasto acervo documental;
- Base de dados específica da Arquivologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação;
- Disponibiliza acesso a produções que permeiam entre os anos de 1972 até o presente.

Considerando os aspectos destacados, partiu-se para busca na base de dados. Optamos por fazer uso de uma pesquisa com termo composto entre aspas “”, tal opção, nos possibilita recuperar todo e qualquer documento que tenha o termo escolhido, no caso “placas de formatura”.

Deste modo, a estratégia de busca foi concebida para recuperar artigos contendo o termo especificado no campo de autor título, palavras-chave, resumo ou no texto completo, conforme solicitado. No entanto, ao aplicar este método de busca na BRAPCI, não recuperamos nenhum trabalho em correspondência aos critérios estabelecidos. É importante salientar que a busca foi realizada sem a aplicação de filtros de delimitação temporal ou de qualquer outra natureza, visando uma abrangência máxima na localização dos potenciais estudos (Figura 3).

Figura 3 - Resultados de buscas na BRAPCI

The screenshot shows the BRAPCI search interface. At the top, there is a search bar with the query "placas de formatura" and a "PESQUISAR" button. Below the search bar, there are radio buttons for search scope: "todos" (selected), "autores", "título", "palavras-chave", "resumo", and "texto completo". A link for "Busca Avançada" is also present. The "Delimitação" section shows date range filters set to 1972 and 2023, and sorting options: "Relevância" (selected), "Mais novos", and "Mais antigos". A yellow message box states "Nada localizado para ""placa de formatura"". Below this, a "historic_search" table displays the search history.

Data/Hora	Consulta	Tipo	Ordem	Total
2023-06-30 10:59:45	"PLACA DE FORMATURA"	todos	Relevância	0

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Assim, inferimos que, até setembro de 2023 não foi publicado nenhum artigo em periódicos de CI que abordasse placas de formatura, sejam em contexto histórico, memorial, literário ou qualquer outro (Tabela 6).

Tabela 6 - Resultados da busca na BRAPCI

Termo de busca	Nº de trabalhos recuperados	Nº de trabalhos pertinentes a temática
Placas de formatura	0	0
Total	0	0

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Considerando pesquisas outrora realizadas, é salutar mencionar que é possível recuperar artigos com a palavra-chave, entretanto, é comum que estes abordem conteúdos divergentes do esperado, isso pois, as bases de dados disponibilizam ao usuário todos os documentos que dispõem no corpo de seu texto o termo de busca *ipsis litteris* solicitado. Visto o exposto, reforçamos que, provavelmente não foi o caso, pois, dentre os “19.255 textos publicados em 57 periódicos nacionais impressos e eletrônicos da área de CI” (BRAPCI, 2023, local. 1) presentes na base, nenhum documento tem o termo composto “placas de formatura”.

Os resultados ora apresentados, nos suscitam pensar que de fato, as placas de formatura não foram objetos de investigação tanto no campo biblioteconômico quanto da CI, pois, o termo composto escolhido sequer é localizado em corpos textuais.

2.2.2 Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

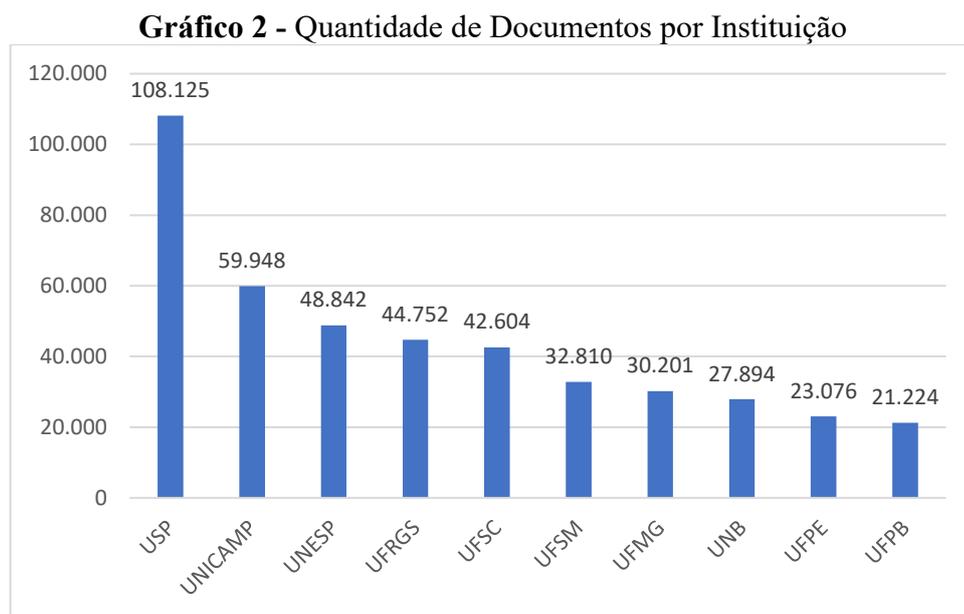
A BDTD foi concebida e é mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) no âmbito do Programa da Biblioteca Digital Brasileira (BDB), com apoio da Financiadora de Estudos e Pesquisas (FINEP). Integra e dissemina, em um só portal de busca, os textos completos das teses e dissertações defendidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa (BDTD, 201-?).

O acesso a essa produção científica disponibilizada pela biblioteca digital é livre de quaisquer custos. Assim, a:

[...] BDTD contribui para o aumento de conteúdos de teses e dissertações brasileiras na internet, o que significa a maior visibilidade da produção científica nacional e a difusão de informações de interesse científico e tecnológico para a sociedade em geral. Além disso, a BDTD também proporciona maior visibilidade e governança do investimento realizado em programas de pós-graduação (BDTD, 201-?, local. 1).

Desde seu lançamento, a biblioteca vem possibilitando a democratização do acesso a informações de altíssima qualidade, visto que nele é possível recuperar dissertações e teses provenientes das mais diversas instituições de ensino superior do país.

Na BDTD, até a data de 1 de julho de 2023, foi possível recuperar 625.990 dissertações e 231.098 teses provenientes de 136 instituições. Dentre estas, no Gráfico 2 citamos e destacamos os quantitativos das 10 universidades com mais documentos disponibilizados na biblioteca.



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Trazemos os números para mensurar a grandiosidade e o impacto que a BDTD tem no cotidiano dos pesquisadores. Estes quantitativos evidenciam que a biblioteca é de fato um grande repositório de teses e dissertações das mais distintas áreas do conhecimento, um local bastante propício para a localização de trabalhos que versam sobre as mais diversas temáticas, dentre as quais, placas de formatura.

Considerando os dados apresentados, a BDTD foi escolhida como segunda base de dados para realização da pesquisa sobre obras que permeiam as placas enquanto objetos de estudo. Partindo da premissa da necessidade de manutenção dos mesmos critérios adotados para consulta na BRAPCI, no escopo em questão, foi utilizado das mesmas métricas de pesquisa que as da base anterior.

Assim, o descritor utilizado permanece como “placas de formatura” e o uso das “” continua obtendo o seguinte resultado: um único trabalho foi recuperado, a dissertação intitulada “Memória iconográfica: uma análise da representação das imagens fotográficas de

negros/as nas universidades públicas do estado da Paraíba” da autoria de Ana Roberta Sousa Mota, defendida pelo PPGCI/UFPB no ano de 2012, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Mirian de Albuquerque Aquino.

A dissertação é uma análise iconográfica das placas de formatura dos hospitais universitários da UFPB, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Neste, as placas funcionam como objetos de memória, servindo como base para fundamentar que os cursos de saúde são compostos em sua maioria por discentes da cor de pele branca.

Vale destacar que a BDTD disponibilizou a referida dissertação duas vezes, então em uma única busca, temos dois resultados para o mesmo trabalho (Figura 4).

Figura 4 - Resultados das buscas BDTD

The screenshot shows the BDTD search interface. At the top, there is a search bar with the query "placas de formatura" and a "Buscar" button. Below the search bar, there are navigation links: "Página Inicial", "Sobre a BDTD", "Rede BDTD", "Acesso Aberto Brasil", and "Serviços". The search results are displayed in a list format. The first result is "1 Memória iconográfica: uma análise da representação das imagens fotográficas de negros/as nas universidades públicas do estado da Paraíba." by Mota, Ana Roberta Sousa, with a "Data de Defesa 2012" label. The second result is "2 Memória iconográfica: uma análise da representação das imagens fotográficas de negros/as nas universidades públicas do estado da Paraíba." The interface also includes a sidebar for refining the search by "Instituições" (UFPB), "Repositório" (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFPB, Repositório Institucional da UFPB), "Programa" (Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação), and "Autor" (Mota, Ana Roberta Sousa).

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

O escasso número de textos obtidos reforça nosso argumento no que concerne a inexistência de estudos que tomam as placas de formatura enquanto objeto de pesquisa. No entanto, vale ressaltar que a única dissertação identificada no repositório utilizando o descritor selecionado demonstra o valor das placas de formatura como meio de obtenção de informações para sustentar a pesquisa conduzida. Este trabalho revela como, por meio das placas de formatura, foi possível delinear um perfil fenotípico dos estudantes da área de saúde de três

universidades públicas do Estado da Paraíba. Este achado sublinha a importância das placas de formatura não apenas como objeto de memória e fonte de informação, mas também como um rico recurso documental.

Na Tabela 7, observados o quantitativo de trabalhos disponibilizados, sendo que, nesta é acrescido uma nova coluna que compreende trabalhos duplicados, visto que a BDTD disponibilizou a dissertação de autoria da Ana Roberta duas vezes.

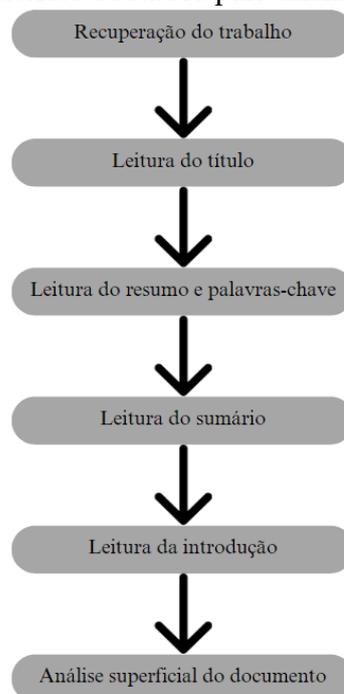
Tabela 7 - Resultados das buscas na BDTD

Termo de busca	Nº de trabalhos recuperados	Nº de trabalhos duplicados	Nº de trabalhos pertinentes a temática
Placas de formatura	2	1	1
Total	2	1	1

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Para que pudéssemos caracterizar a dissertação intitulada “Memória iconográfica: uma análise da representação das imagens fotográficas de negros/as nas universidades públicas do estado da Paraíba” como pertencente ao campo memorialístico, que fez estudos de memória ou usou as placas enquanto objeto investigativo de memória, foram adotados alguns critérios para análise do conteúdo (Figura 5).

Figura 5 - Critérios adotados para análise do conteúdo



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

O fluxo evidencia como a dissertação foi analisada para que pudéssemos caracterizá-la enquanto pertinente a temática. Através dos mecanismos adotados e que seriam utilizados para todos os trabalhos recuperados, é possível inferir que existem traços e aspectos memorialísticos na dissertação em tela.

Ainda no tocante aos mecanismos adotados para buscas no âmbito das bibliotecas e bases digitais, vale ressaltar a importância das métricas de pesquisas utilizadas tal qual foram, pois, fazendo uso do termo composto - placas de formatura - sem o uso das “”, ambas as bases recuperam todos os documentos disponíveis no banco de dados que tem no corpo do texto os descritores palavras “placas” e “formatura”. Tal afirmação pode ser embasada de acordo com o que evidencia a Figura 6.

Figura 6 – Resultado de buscas sem “”

The screenshot shows the BDTD search interface. The search bar contains 'placas de formatura'. The results section shows two items:

- 1 Cerimonial de **formatura** : representação simbólica do sucesso escolar
por Pavan, Diva Otero Data de Defesa 1996
- 2 Para além do imaginário de bebedeiras e baladas: lazer e educação em viagens de **formatura**

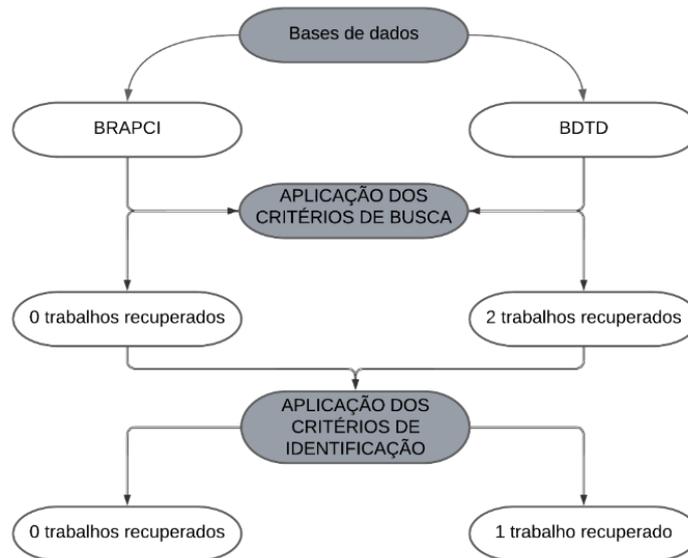
A red box highlights the message: "A mostrar 1 - 20 resultados de 22 para a busca 'placas de formatura', tempo de busca: 0.20s".

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Observa-se, assim a necessidade de manutenção e atenção aos métodos e parâmetros de buscas adotados, pois, a ausência do símbolo de aspas “”, ou quaisquer sutis mudanças podem acarretar um resultado de buscas totalmente diferente, afetando a qualidade da pesquisa.

Por fim, como nosso objetivo com a análise da literatura é evidenciar a inexistência de estudos com as placas enquanto objeto, o fluxo abaixo externa de forma concisa os passos adotados até a obtenção dos dados expostos.

Figura 7 – Fluxo de passos adotados até a obtenção dos dados



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

No universo do conteúdo recuperado, como já expresso, o quantitativo total de documentos entre estes artigos buscados na BRAPCI, dissertações e teses recuperadas na BDTD é ínfimo.

A aplicação de nossos critérios para a avaliação de conteúdo, bem como métricas utilizadas para as buscas se fez um fator preponderante no tocante a exposição dos documentos com relevância para esta pesquisa bem como o quantitativo de trabalhos a ser analisados para categorização.

Levando em consideração que, dentre todos os materiais pesquisados, apenas um trabalho foi identificado e este não abordava as placas de formatura como objetos de memória, mas sim como fontes documentais para a coleta de informações que definiram fenotipicamente um grupo específico, evidencia-se a significativa capacidade das placas enquanto documentos. Elas demonstram ser instrumentos eficazes para a apuração de aspectos culturais e de identidade, atuando como canais para o acesso a memórias e informações. Assim, tornam-se passíveis de interpretação, possibilitando a caracterização e a atribuição de características e significados específicos.

2.3 O CENTRO DAS HUMANIDADES: CONSTRUINDO MEMÓRIAS

Segundo o histórico disponível no *site* do CCHLA/UFPB em 2019, este foi originado da antiga Faculdade de Filosofia e Letras (FAFI), situada no edifício que atualmente abriga o Colégio Estadual Olivina Olívia, localizado na Avenida Duarte da Silveira, número 450,

adjacente ao Lyceu Paraibano. Foi nesse local que ocorreu a primeira reunião do Conselho do CCHLA. O texto relata ainda que, em 1975, o centro começou a transição para o *Campus I*, período em que as aulas eram oferecidas tanto no *Campus I* quanto nas instalações da FAFI, até a conclusão e inauguração dos novos blocos no *Campus I*.

Na época, as disciplinas do chamado Ciclo Básico eram ministradas no campus e as disciplinas do profissional eram estudadas na FAFI, enquanto os blocos eram construídos. Inauguradas estas edificações em 1976, o CCHLA estabeleceu no Bloco IV sua administração, composta pela Direção (sala do Diretor, Secretaria, hall de espera e um pequeno setor para o mimeógrafo), Coordenações e os Departamentos de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) e o Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DLEM). No Bloco V funcionava a biblioteca setorial que ocupava quase todo o vão do lado direito do edifício, com suas estantes repletas de livros e mesas de apoio para os alunos. Posteriormente, todo o acervo foi removido para um galpão, onde hoje funciona o Curso de Comunicação, e o antigo lugar da biblioteca setorial foi cedido para o DLEM para a instalação de dois grandes laboratórios de Línguas, com equipamentos, na época, de última geração, num momento em que se começou a dar ênfase às abordagens comunicativas na aprendizagem de línguas estrangeiras. A outra parte do Bloco V foi separada por divisórias, transformando-se em ambientes para os professores, uma pequena sala para os monitores do DLEM, o Departamento de Filosofia e História, o Departamento de Serviço Social e um pequeno almoxarifado (CCHLA, 2019, local, 1).

Na tangente a evolução e ampliação do centro:

No final dos anos de 1970 houve uma redistribuição de espaços no Bloco IV para incluir o Departamento de Psicologia e o setor de meios. Com a construção dos ambientes para os professores, o Bloco V passou por uma pequena reforma para alojar a secretaria do recém-criado curso de Pós-Graduação em Letras, o Departamento de Serviço Social e o Departamento de História. Posteriormente, o Departamento e a Coordenação de Ciências Sociais foram instalados no Bloco IV. Nos anos de 1990, as salas de aulas do Bloco V foram divididas ao meio para ampliar o espaço físico, já saturado pelo aumento do número de alunos e de cursos de Pós-Graduação (CCHLA, 2019, local, 1).

Gomes (2019, p. 17), afirma que a FAFI foi criada em 1949, e desta surgiram posteriormente outras unidades de ensino. Contudo, a FAFI só passou efetivamente a funcionar em 1952, “Desmembrada em 1967, passou a funcionar de 1968 a 1975, como o Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas (ICFCH), e finalmente resultou no Centro de Ciências Humanas Letras e Artes – CCHLA, a partir de 1974, até os nossos dias”.

A memória da FAFI, CCHLA ou ICFCH, instituições de ensino, casa da construção do saber tem características especiais, Thiesen (2013, p. 33-34) nos fala que “A memória é uma construção social e não um reservatório de dados. Portanto jamais pode ser resgatada e sim reconstruída. [...]. Nesse sentido, partimos do pressuposto de que o fenômeno da memória, no quadro das instituições tem características especiais”.

Ainda na concepção de Thiesen (2013, p. 34-35), “A memória institucional parece invadir as fronteiras do quadro temporal, para suscitar questões do vivido ao que ainda não se viveu” em comunhão com a autora, a FAFI que surge possuindo como “[...] sua principal características a reprodução do saber [...]” (Gomes, 2019, p. 28) a partir da formação de professores e pesquisadores invade, muda e causa mudanças constantes e presentes no tempo, nos profissionais que passaram pelas antigas faculdades, que trazem características do passado e estão de mãos dadas com a modernização das tecnologias caracterizando a atemporalidade da memória.

Retornando o percurso histórico do que conhecemos como CCHLA, a partir de 2008, com o plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), o centro foi amplamente contemplado e foram construídos novos blocos, salas de aula, um novo espaço para a biblioteca setorial e o atual bloco de Comunicação em Mídias Digitais.

Nessa época, o Centro teve o número de alunos duplicado com a expansão de vagas nos cursos já existentes e a criação de novos cursos com o de Letras Clássicas, Comunicação em Mídias Digitais, Tradução e Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações internacionais (CCHLA, 2019, local, 1).

Em 2011, o CCHLA foi desmembrado e deu origem ao Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA), composto, à época, pelos cursos de Artes Cênicas, Artes Visuais, Comunicação Social, Educação Musical, Música e Turismo. Mesmo após a criação do CCTA, o CCHLA continua sendo um dos maiores centros da UFPB contando com 13 cursos de graduação presencial e dois cursos à distância (Tabela 8).

Tabela 8 - Cursos de graduação do CCHLA

Curso	Modalidade
Ciências Sociais	Presencial
Comunicação em Mídias Digitais	Presencial
Filosofia	Presencial
História	Presencial
Letras – Espanhol	Presencial
Letras – Francês	Presencial
Letras – Inglês	Presencial
Letras - Letras Clássicas (Grego e Latim)	Presencial
Letras – Libras	A distância
Letras - Língua Portuguesa	A distância
Letras - Língua Portuguesa	Presencial
Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais	Presencial

Psicologia	Presencial
Serviço Social	Presencial
Tradução	Presencial

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Cursos como os observados na Tabela 8, voltados em grande parte para a compreensão dos saberes e fenômenos humanos, o ato de pensar e saber pensar, bem como questões comunicacionais, tornam o centro em um universo de múltiplos saberes, ponto de convergência de cursos que objetivam-se a questões como a compreensão do ser humano enquanto sujeito cognoscente e ser social, parte de um grupo que está dentro de outros macro universos, assim, o CCHLA é um objeto que representa a vivacidade e pluralidade de saberes e fazeres.

Em números, o CCHLA contava no período de julho de 2023 com os seguintes quantitativos de servidores, distribuídos entre técnicos administrativos e docentes.

Quadro 1 - Quantitativo de técnicos e docentes do CCHLA

Unidade	Docentes	Técnicos	Total
CCHLA - Direção de Centro	0	84	84
CCHLA - Departamento de Ciências Sociais	44	0	44
CCHLA - Departamento de Filosofia	22	1	23
CCHLA - Departamento de História	29	1	30
CCHLA - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas	26	1	27
CCHLA - Departamento de Letras Estrangeiras e Modernas	46	3	49
CCHLA - Departamento de Língua Portuguesa e Linguística	39	1	40
CCHLA - Departamento de Línguas de Sinais	12	0	12
CCHLA - Departamento de Mediações Interculturais	15	0	15
CCHLA - Departamento de Mídias Digitais	13	2	15
CCHLA - Departamento de Psicologia	46	3	49
CCHLA - Departamento de Serviço Social	30	2	32
Total	322	98	420

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Os dados em tela, mostram a importância e magnitude que o centro de humanidades tem na formação dos mais diversos profissionais, assim como sua representação em relação a outros Centros que constituem a UFPB. De acordo com um levantamento realizado no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) no ano de 2023, os departamentos em evidência, são os responsáveis pela formação de aproximadamente 4700 discentes, distribuídos nos 15 cursos que formam a unidade.

Assim, o CCHLA um dos centros mais antigos da UFPB, detentor de uma pluralidade de formação, conteúdo e informação no campo do ser e saber humano contém imbricado em

suas paredes algo capaz de constituir o que designou Morin (1986), reservatório de “informações fortes” na qual inclui-se parte da memória da instituição, dos seus alunos, do estado entre outras. Para o autor, as informações fortes ou ricas se constituem de dados inauditos, possuidor de uma energia potencial que contribui tanto para a ação quanto para a reflexão.

Quando analisamos a memória e história da UFPB, observa-se a relação e influência direta da FAFI, desde sua idealização, até à federalização em 1955, perpassando também para os dias atuais, culminando como o CCHLA. É relevante mencionar que dos 16 reitores que geriram e gere a UFPB, sete deles tem origem da FAFI, ICFCH ou CCHLA (Quadro 2).

Quadro 2 - Histórico de reitores da UFPB

Reitor	Atividades, cargos e ações
Durmeval Bartolomeu Trigueiro Mendes	<ul style="list-style-type: none"> • Professor Titular de Sociologia da Educação, na Faculdade de Filosofia da Paraíba, a partir de 1952; • Primeiro Reitor – 12/1955 a 12/1956.
Milton Ferreira de Paiva	<ul style="list-style-type: none"> • Professor de Filosofia Romana, contratado em 1961, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; • Chefe do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. - 1962/1965; • Diretor do Instituto Central de Letras; • Diretor do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, de 1977 a 1979; • Professor titular de Língua Portuguesa; • Reitor – 05/03 a 11/06/1980 (nomeado em 25/02/1980).
Berilo Ramos Borba	<ul style="list-style-type: none"> • Professor - 1966 – 1991; • Professor Titular de Sociologia da Faculdade de Ciências Econômicas de Campina Grande 1976; • Chefe do Departamento de Ciências Sociais, do Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas – 01/08/1972 a 07/10/1976; • Diretor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas - 1977-1979; • Diretor do Departamento de Pessoal - 1979; • Reitor – 14/08/1980 a 13/08/1984; • Pró-reitor para Assuntos Comunitários, Universidade Federal da Paraíba, 1990-1991.
José Jackson Carneiro de Carvalho	<ul style="list-style-type: none"> • Professor da FAFI, a partir de 1965, afastado em 1968 Reintegrado em 1979, ao quadro docente da UFPB pela Lei da Anistia; • Pró-Reitor de Graduação – 08/08/1980 a 21/05/1981; • Vice-Reitor – 22/05/1981 a 16/04/1983; • Reitor – 25/09/1984 a 25/09/1988.
	<ul style="list-style-type: none"> • Professor titular de Sociologia, a partir de 1973;

Antônio de Souza Sobrinho	<ul style="list-style-type: none"> • Chefe do Departamento de Ciências Sociais (CCHLA) – 1973; • Coordenador Substituto do Curso de Serviço Social – 1975; • Diretor do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - 1975/1976; • Pró-Reitor para Assuntos Comunitários – 1980; • Pró-Reitor Administrativo – 1984; • Vice-reitor – 1985; • Reitor - de 25/09/1988 a 24/09/1992.
Neroaldo Pontes de Azevedo	<ul style="list-style-type: none"> • Contratado como professor – 1977; • Subchefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - 1979; 1983-1985; • Diretor do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - 1985/1989; • Presidente da ADUFPB - 1989/1990; • Reitor – 16/10/1992 a 14/10/1996.
Valdiney Veloso Gouveia	<ul style="list-style-type: none"> • Contratado professor em 1992; • Coordenador do Programa de Pós-graduação em Psicologia 2001; • Reitor – 01/12/2020 até a data presente

Fonte: Galeria dos reitores UFPB (2014), dados da pesquisa (2024)

O denominado CCHLA, como conhecido hoje, desde sua idealização foi e continua sendo um espaço político e de influência na sociedade paraibana, “Se o tema era político, não faltava cunho social ou crítica à rigidez dos costumes” (Gomes, 2019, p. 77), sendo cerne de manifestações estudantis que sobrepujam os espaços da universidade e vão até o os meandros da sociedade.

Assim, por seu vasto viés político, o CCHLA que tanto buscou através de sua história perpassar as barreiras da alienação política colocou diversos homens na disputa e ocupação do posto mais alto da universidade, mas também formou notáveis alunos como a assistente social e deputada federal Luiza Erundina, o cantor Francisco César Gonçalves – Chico César – formado em Jornalismo quando o curso ainda compunha o CCHLA, Rachel Sheherazade Barbosa também jornalista, o deputado federal Luiz Albuquerque Couto graduado em Filosofia, a deputada estadual Maria Aparecida Ramos de Meneses também graduada em Serviço Social, dentre outros.

Política e cultura, algumas das características da faculdade de Ciências Humanas, Ana Maria Teixeira Lopes em entrevista a Maria José Teixeira Lopes para a idealização do livro Memória Institucional e Cultural da Faculdade de Filosofia da Paraíba – FAFI: 1952-1968 diz que até nos trotes realizados em âmbito acadêmico “[...] os calouros portavam cartazes que criticavam os políticos e autoridades. Havia muita concentração de estudantes nas ruas fazendo protestes; professores e políticos apoiavam e faziam discursos nestas manifestações, mas depois

do AI-5 eles se afastaram.” (Carvalho, 2019, p. 97). Observamos, indícios de uma população ativa politicamente, mesmo que com o alunado a época “[...] predominantemente oriunda da classe média e alta [...]” (Carvalho, 2019, p. 98) diferente da composição do alunado dos dias hoje, havia-se uma crítica social e política proveniente de uma massa parcialmente burguesa.

No período ditatorial, o Centro de Humanidades esteve ativo e ávido:

Naquela época, Marx estava em alta. Na FAFI apenas um grupo menor de alunos era envolvido com política estudantil. Havia uma efervescência política que contaminava as conversas de professores e alunos e que terminou em cassação de vários professores afastados de suas cadeiras. Havia um clima de certo temor de denúncias, pois se sabia que professores e funcionários agiam como observadores (Gomes, 2019, p. 99).

Gomes (2019, p. 37) narra que em seus primórdios, “[...] praticamente todo o conhecimento humanístico de João Pessoa cabia dentro da FAFI [...]”, ponderamos assim que, a FAFI, o Centro da Humanidades, foi o celeiro e ponto de convergência, mas além disso local para despertar o pensamento crítico e social de muitos dos pensadores, professores, políticos que se formaram em solo paraibano. A “efervescência política” foi fruto das discussões acaloradas, do pensamento crítico filosófico, das críticas sociais que foram caracterizadas a época. O conhecimento humanístico em nossa concepção tem como local de convergência, de prática, de união e autocrítica o ceio das universidades, no campo hermenêutico das humanidades.

As placas de formatura do CCHLA, embora sejam objetos inanimados, carregam consigo memórias individuais e coletivas. São testemunhos tangíveis de narrativas passadas e presentes, refletindo características culturais e identitárias de diferentes gerações. Essas placas representam movimentos e resistências, talvez aludindo às lutas e aos desafios enfrentados pelos estudantes ao longo de suas jornadas acadêmicas, cuja relevância social está em refletir sobre como as placas servem como âncoras para memórias pessoais e coletivas, influenciando a forma como os indivíduos se lembram e interpretam suas experiências acadêmicas, sociais e culturais.

Ademais, existe também uma um outro fator de relevância social com estudo das placas, este, ligado intrinsecamente à memória, identidade e cultura de uma sociedade. Estes estudos garantem que gerações futuras tenham acesso a registros tangíveis do passado, permitindo uma compreensão mais profunda de suas raízes e evolução. Acervos garantem que realizações, descobertas e eventos significativos não sejam esquecidos, mas sim celebrados e construídos para o futuro, portanto estudar placas de um centro político, idealizador de política e lutas é

fazer reverberar a história dos indivíduos que os compôs, é possibilitar a criação de um refúgio imortal capaz de preservar e disseminar a história do centro.

2.4 SILOGISMO: OS SINAIS DOS INDÍCIOS

Uma narrativa pode ser investigada de diversos modos, vários elementos, metodologias e paradigmas são utilizados para analisar discursos literários provenientes de contos, crônicas, versos, discursos, novelas, poesias, poemas dentre diversos outros. O ser humano pode tecer a narrativa de sua trajetória a partir de diversos mecanismos, um deles, é a leitura e releitura de seus trabalhos, arte, formas de comunicação e expressão, em suma, os registros do cotidiano que permeiam as conquistas, sabores e dessabores.

Sob este olhar, nos questionamos como as narrativas das placas de formatura podem ser analisadas, quais os métodos científicos podem ser adotados para extrair os elementos infomemorias presentes nestes objetos, considerando a sua documentalidade? A possibilidade de dar um novo significado ou ressignificar as placas enquanto algo que perpassa as barreiras decorativas é algo que nos apetece, contudo é necessário que possamos encontrar um conjunto de técnicas e procedimentos que nos possibilite alcançar o objetivo proposto.

Ginzburg (1989, p. 177), nos diz “Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”. Entendemos que a realidade é formada por camadas, quando descortinamos uma destas, descobrimos fatos que estavam no obscurantismo, um dos métodos que podemos utilizar para dar luz e evidenciar objetos no espaço da ciência é o método ou paradigma indiciário.

Ginzburg (1989) recompõe o complexo de atributos que caracterizam a natureza distintiva do paradigma indiciário, com base nas operações definidoras e em sua tripla analogia com os exemplos de Morelli, Sherlock Holmes e Freud. Nesse contexto, ele atribui ao paradigma indiciário uma identidade metodológica, enfatizando a qualificação da natureza do indício, representada por pistas e traços.

Em suas tecituras, Ginzburg (1989, p. 144) relata que o método Morelliano demonstrava que “[...] é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis dos quadros [...]”, a menção ao termo quadros é retratada pois Morelli tratava neste momento de questões relacionadas as artes, mais especificamente as diversas atribuições incorretas de autoria de obras de artes presentes em museus.

Assim, Ginzburg (1989, p. 144) profere que “[...] é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis [...]”. Em continuidade, por se tratar de análise de obras de arte, o autor

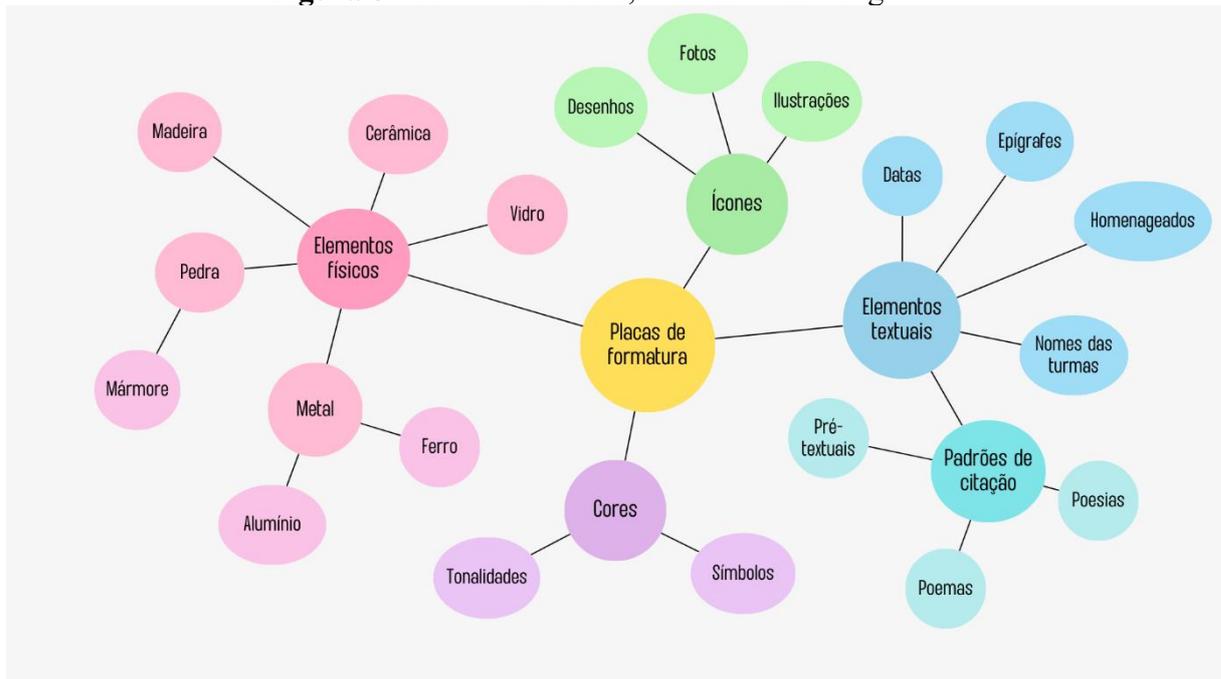
revela “[...] os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés”. Em suma, é necessário atentar-se aos detalhes, observar o que os outros não viram, abrir um leque de possibilidades a partir do que não é claro aos olhos do observador inexperiente ou desatencioso.

Compreendemos assim que Ginzburg (1989, p. 150) propõe interpretar algo através de um sinal opaco, “[...] uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível [...]”, e como já dito “[...] se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas - sinais, indícios - que permitem decifrá-la. [...] Essa ideia constitui o ponto essencial do paradigma indiciário” (*Ibid.*, p. 177), proposto pelo autor.

Com todas as ideias agora postas, decifrar os sinais e indícios das placas constitui-se como uma atividade detalhista, observar algo além do material que a compõe, trata-se de ver algo que vai além do suporte, perpassando as características físicas, por exemplo ao observar, a placa de formatura da turma de 2016.1, verificou-se que registrava-se uma frase significativa para o momento acadêmico, na qual constava “Reitora eleita pela comunidade acadêmica: Terezinha Domiciano Dantas Martins” “Reitor menos votado e empossado: Valdiney Veloso Gouveia” e buscar descortinar o contexto histórico, relacionar a frase com os acontecimentos à época e dizer quem foi Terezinha Martins e o motivo pelo qual, a placa traz tal menção.

Ginzburg (2006, p. 9) em *O queijo e os vermes* segue os rastros deixados pelos documentos, os indícios sobre Menocchio e, deste modo, tem as devidas condições para dizer “[...] quais eram suas leituras e discussões, pensamentos e sentimentos: temores, esperanças, ironias, raivas, desesperos”. Leandro e Passos (2021, p.4) dizem que “A narrativa sobre Menocchio é construída no pressuposto da dialética entre o macro e o micro, sem que se esqueça de que posição se vê.” No caso de “*O queijo e os vermes*”, a posição que se vê é de um moleiro, do “mundo visto por um moleiro” (Ginzburg, 1999).

“A ideia de se opor a chamada micro-história à macro-história não faz sentido, assim como também é absurda a ideia de se opor história social à história política” (Ginzburg, 1999, local. 1). Tudo é história, camadas sob camadas, são dimensões do nosso passado que estão soterradas por uma vasta gama de informações que podem e devem ser investigadas e descortinadas. O moleiro observa o mundo como um moleiro, contudo, em outras situações, observando com um olhar mais atento, pode também ver o mundo sobre um prisma de um observador crítico, e assim captar detalhes que o “simplório” moleiro não seria capaz. Assim, consideramos que o mesmo princípio poderá ser adotado as placas, vistas como elementos completos e interligando uma robusta rede de informações (Figura 8).

Figura 8 - Placas e indícios, elementos investigativos

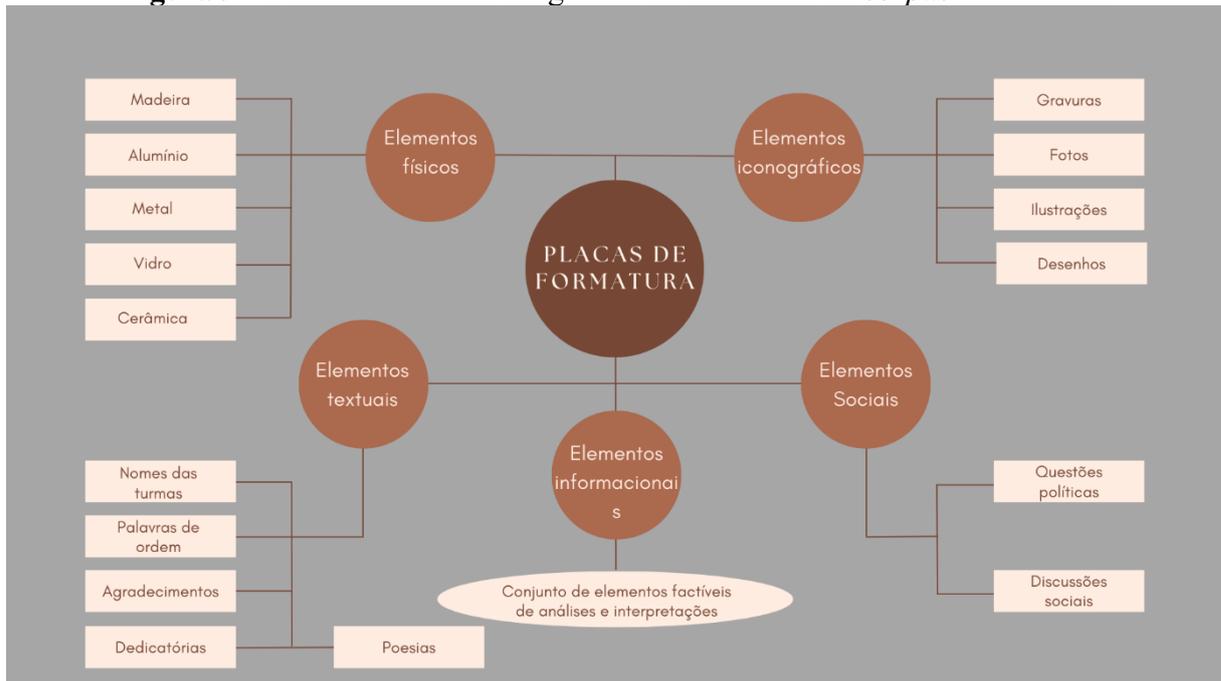
Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Em continuidade, Ginzburg (1999, local. 1) afirma que os “[...] arquivos estão cheios de histórias de pessoas desconhecidas. Então, a questão que se coloca, e que exige muita reflexão, é: por que esta história e não outra, por que este documento e não outro? [...]”, reflexões que aqui colocamos, por que as placas? Como dito, são *médiums* de memória referentes ao CCHLA/UFPB. Um suporte informacional pouco ou quase nunca evidenciado, mas com potencial ainda não desvelado, os sinais, emblemas e vestígios, vão nos dar subsídios para reconhecer as placas em sua potencialidade infomemorial para o campo da CI.

As imagens, como documentos não verbais, também são capazes de narrar histórias ou, melhor ainda, possibilitam que histórias sejam contadas. Pinturas, esculturas, fotografias, charges, cenas de filmes, placas de formatura e outras formas artísticas e culturais representam testemunhos figurativos que podem ser empregados como fontes históricas. A imagem, retrato de um tempo pretérito, registro para um futuro, é factível de diversas interpretações se analisadas em concatenação com o momento histórico registrada, sua interpretação será diferente de acordo com o ponto de vista de cada indivíduo, podemos inferir uma polissemia considerando o conhecimento que cada indivíduo tem sobre determinada imagem e documento.

Logo, fazemos uso do método indiciário pela possibilidade de observar nosso *corpus* documental, bem como analisá-lo buscando seus indícios, relações com o tempo, e a análise dos detalhes pouco observados. Deste modo, aqui foram analisadas aos seguintes elementos das placas (Figura 9).

Figura 9 – Possibilidades investigativas de elementos no *corpus* documental



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Nosso estudo enfoca os elementos iconográficos como eixos centrais, interpretando-os como vastas esferas de informação onde os detalhes mais sutis revelam e expressam as camadas intrínsecas da memória inscritas nas placas de formatura. Os elementos imagéticos, tais como gravuras, fotos, ilustrações e desenhos, bem como o próprio design das placas, são dotados de singularidades que transcendem a sua estética. As placas funcionam como ícones simbólicos, representando não apenas a celebração de uma conquista acadêmica, seja ela uma graduação ou licenciatura, mas também servem como veículos de comunicação. Estes objetos possuem a capacidade de veicular mensagens, sejam elas explícitas ou implícitas, refletindo que esses artefatos refletem os valores e o pensamento característicos de seu tempo. Assim, as placas de formatura, em sua essência iconográfica, possuem múltiplas camadas de significado que aguardam por nossa exploração e interpretação.

Panofsky (2007, p. 47) define a iconografia com “[...] o ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição a sua forma [...]” esta contraposição, também é considerada um estudo descritivo da representação visual de símbolos e imagens, sem considerar o valor estético que possam ter. Ademais, Panofsky (2007, p. 50) classifica três níveis de interpretação que correspondem a três níveis de significado para os itens iconográficos, sendo o primeiro:

Tema primário ou natural, subdividido em fatural ou expressional. É apreendido pela identificação das formas puras ou seja: configurações de linha e cor ou determinados

pedaços de bronze ou pedra de forma peculiar, como representativos dos objetos naturais tais que seres humanos, animais, plantas, casas, ferramentas e assim por diante; pela identificação de suas relações mútuas como acontecimentos; e pela percepção de algumas qualidades expressivas [...].

O primeiro nível, está voltado ao significado primário ou natural, na identificação dos componentes que representam a iconografia, relacionando com nosso objeto, as placas enquanto um elemento iconográfico de obtenção de um título, finalização de uma graduação.

O nível seguinte é o da descrição, que se concentra no significado secundário ou convencional. Ao contrário do nível anterior, para além da mera descrição dos objetos retratados, estabelece a conexão das composições da imagem com assuntos e conceitos. Portanto compreensão das relações, causas, motivações, um entendimento do contexto ao qual ocorreu e culminou em algo. Já o terceiro nível, é caracterizado pela interpretação dos valores simbólicos presentes na imagem.

A iconografia, desempenha um papel fundamental nos estudos culturais, pois fornece uma rica possibilidade de compreensão das fontes de símbolos e representações visuais que carregam significados culturais importantes. Os estudos culturais são um campo interdisciplinar que examinam as formas pelas quais a cultura influencia e molda vários aspectos da vida humana, incluindo linguagem, arte, mídia, crenças e práticas sociais. Nesse contexto, funciona como uma ferramenta valiosa para analisar e compreender as expressões culturais e suas mensagens subjacentes.

A iconografia na arte, literatura e outras mídias visuais reflete os valores culturais, crenças e ideologias de uma sociedade. Símbolos e imagens frequentemente carregam significados culturais específicos que podem ser decifrados por meio da análise iconográfica. Ao estudar essas representações visuais, podemos obter *insights* sobre os contextos históricos e socioculturais de um determinado momento e local.

Nesse sentido, a iconografia ao ser analisada sob a ótica do método indiciário, pode extrair/evidenciar as minúcias das placas, expondo elementos imagéticos com símbolos e significados, contudo, as placas também são em seu contexto macro, um ícone iconográfico, que contém elementos da iconografia, como fotos, ilustrações, pinturas etc. Assim, a análise iconográfica, poderá nos ajudar a interpretar a linguagem visual presente nesses artefatos, proporcionando uma compreensão mais profunda de suas mensagens pretendidas e sua importância dentro de seu meio cultural.

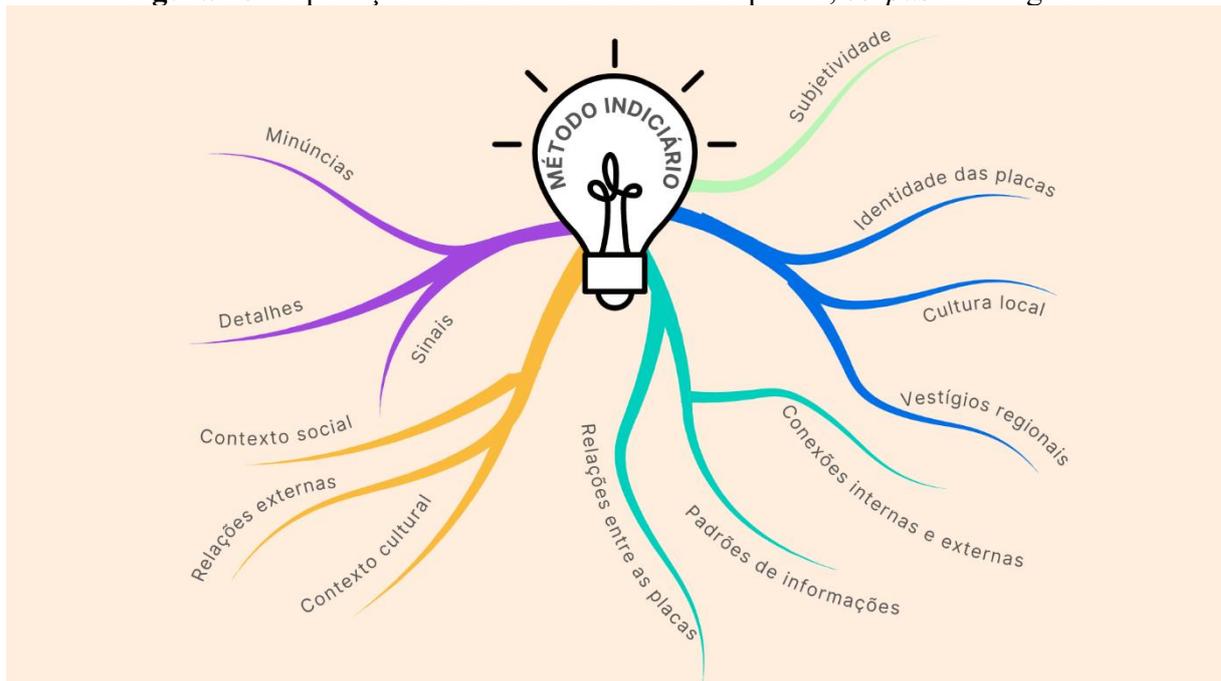
Mais adiante, em nossa análise de dados, observaremos que muitas placas têm pinturas relacionadas a cultura local, aos cursos, dentre outros, em suma, informação imagética que vai

além das fotos e formandos, neste contexto, vale-nos analisar se tais ilustrações estão relacionadas ao contexto do curso, social, dentre outros.

Portanto, o emprego do método indiciário na análise permitiu a identificação dos sinais sutis, sem negligenciar os mais aparentes. Além disso, em conjunto com uma análise iconográfica, possibilitou o enriquecimento e a consolidação dos pontos a seguir:

- **Observação Detalhada:** Onde o método nos possibilita uma observação minuciosa sem excluir o contexto social das placas, ou quaisquer detalhes que possam ser analisados. Essa observação direta permite a identificação de pistas, sinais ou indícios que podem revelar padrões, estruturas e relações subjacentes entre as placas, analisando se há padrões de criação e implementação nos espaços da UFPB.
- **Descrição contextual:** Ênfase em descrições contextuais de fenômenos sociais observados. Buscaremos entender o contexto cultural, histórico e social em que as placas se encontram, reconhecendo a complexidade e variedade das situações, a exemplo a placa que traz a frase “reitora eleita e não empossada”.
- **Análise de relacional:** O método indiciário nos possibilita buscar evidências e estabelecer uma relação entre as diferentes fontes observadas. Ao realizar esta vinculação, poderemos inferir padrões e implicações maiores, evitando conclusões precipitadas.
- **Ênfase da cultura local:** Objetivar-se-á na busca por identificar aspectos da cultura local nas placas de formatura, se os desenhos foram realizados por artistas locais, ou se em algumas placas, as ilustrações representam traços ou são característicos de algo.
- **Subjetividade:** Trazemos esse ponto pois, nossos conhecimentos locais e contexto social, empiricamente nos levam a uma observação que é relacionada à nossas vivências, nosso papel enquanto sujeito pesquisador implicará em possíveis interpretação dos indícios.

Figura 10 - Aplicação do método indiciário nas placas, *corpus* investigativo



Fonte: Autoria própria (2023)

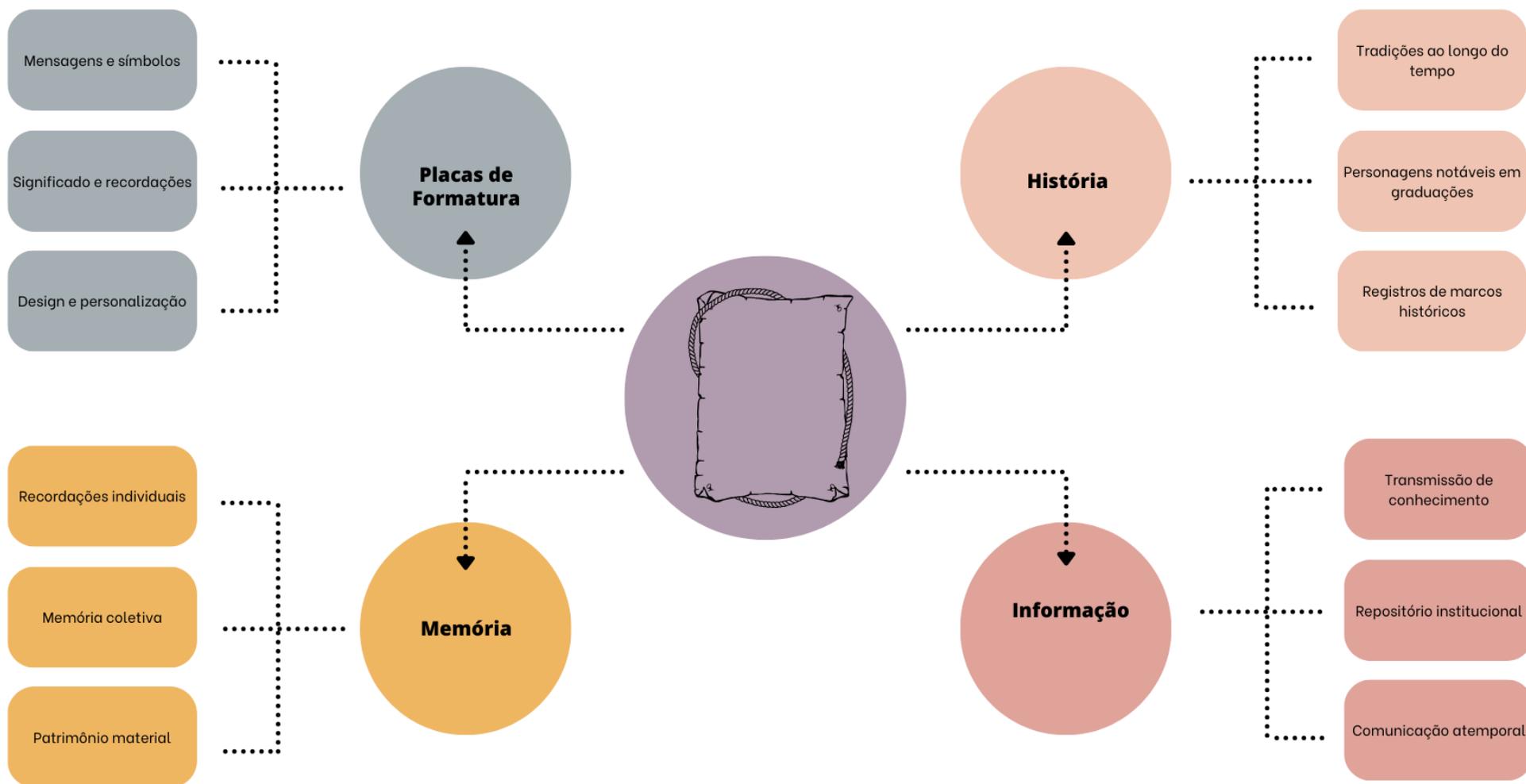
A iconografia e o paradigma indiciário, são por nós diluídos em cinco vertentes, na ilustração representada por cores (Figura 10). A cor roxa voltar-se-á para os detalhes e sinais das placas, uma observação imediata ao que nosso objeto pode revelar, nossa segunda vertente, a laranja buscou compreender o contexto social no qual as placas foram idealizadas, o momento histórico, portanto buscar evidências que pudessem relacionar o nome de determinada turma ao contexto político, cultural, social que o Brasil, Paraíba, João Pessoa viviam no espaço tempo, buscando uma compreensão de influências sociais externas.

A cor verde estabeleceu uma análise da relação entre os objetos, se existe uma similaridade de expressões entre as placas do mesmo curso, ou cursos distintos, padrões na concepção física ou textual, conexões entre os elementos que as constituem enquanto elemento físico e sobretudo documental.

A cor azul, pauta-se na análise e evidencia de aspectos da cultura local, a exemplo se as placas de cerâmica estão sendo concebidas por artesões e/ou artistas locais, se os poemas e frases são de paraibanos ou brasileiros, uma identidade cultural que revele aspectos identitários de pessoas e personalidades brasileiras e sobretudo paraibanas.

A cor verde-limão é uma análise/reflexão de como nós, pesquisadores, refletimos sobre o que vimos, considerando que o método indiciário nos dá evidências de acordo com nossa capacidade de interpretação e evidenciação. Somos capazes de analisar a partir de nossos conhecimentos sobre o objeto em pauta, nossos resultados são influenciados por nosso

conhecimento pessoal. A subjetividade e pessoalidade, permite que cada indivíduo faça sua interpretação e leia as placas de acordo com seu conhecimento, um aspecto que devemos ressaltar.



3 DA MATERIALIDADE À INFORMAÇÃO E MEMÓRIA

A história é testemunha do passado, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, anunciadora dos tempos antigos (Cícero, 106-43 a.C, local. 1).

Ao pensar em informação, logo remetemo-nos aos suportes de materialização destas. Afinal as primeiras manifestações humanas foram registradas desde os primórdios¹⁰, voltadas ao campo das ideias, por meio da pintura, da gravação ou mesmo do ato de esculpir nas rochas ou paredes das cavernas. De acordo com Leroi-Gourhan (1985), a ação humana consistia no ato de expor valores as marcas, aos símbolos registrados nas paredes e rochas. O que denota uma forma de comunicação humana, bem como o esforço em registrar ações quer reais, quer imaginárias.

Por outro lado, não se pode desconsiderar o esforço feito no sentido de registrar, bem como criar ou mesmo identificar variados suportes de registros da informação, que vão desde as paredes das cavernas aos livros amplamente difundidos, pós-invenção da imprensa por Gutemberg, aos meios de guarda em nuvens, ocorrendo uma ampla mudança na forma de registro que migrou dos meios naturais aos digitais utilizados na contemporaneidade. Mudanças como as citadas, caracterizam parte da evolução social do indivíduo, padrões de registro e de escrita bem como formas e métodos de registro das ações cotidianas, que se constituem em mecanismo de manutenção da memória social.

Caldeira (2002, p.1) afirma que:

[...] os sumérios guardavam suas informações em tijolo de barro. Os indianos faziam seus livros em folhas de palmeiras. Os maias e os astecas, antes do descobrimento das Américas, escreviam os livros em um material macio existente entre a casca das árvores e a madeira. Os romanos escreviam em tábuas de madeira cobertas com cera. Os egípcios desenvolveram a tecnologia do papiro.

O esforço no/do desenvolvimento dos suportes, sobretudo, em razão de sua constituição, contribuiu para o desenvolvimento tanto da escrita quanto dos instrumentos utilizados para escrever (Martins, 1996). Ante a esse entendimento, podemos afirmar que a escrita, uma das mais significativas invenções humanas, sofreu influência dos suportes utilizados para seu

¹⁰ Refere-se ao período pré-histórico, demarcadamente, entre o Paleolítico superior (40.000 a.C.) e o Neolítico (10.000 a 6.000 a.C.).

registro. Sendo a escrita uma forma de representação social e determinante também de classes sociais, assim como mecanismo de interação social.

Todas as modalidades de escrita têm funcionado como meios de documentação e veículo de informação e são reconhecidos até a atualidade pelos registros e vestígios que atravessam as fronteiras do tempo.

Martins (1996, p. 28) expressa que “Falar e escrever são atos tão naturais para nós que ninguém percebe imediatamente que podem ser as invenções mais complexas já feitas pelo cérebro humano”¹¹.

À medida que interagimos com o mundo e com as pessoas, vamos construindo quem somos. Berger e Berger (2004) afirmam que a linguagem é a primeira instituição inserida na história de vida das pessoas, defendendo que está se constitui como instituição fundamental da sociedade, uma vez que as demais instituições têm seus alicerces nos padrões de controle latentes da linguagem. Outrossim, os autores dizem que a instituição social linguagem é caracterizada por: exterioridade (a instituição situa-se fora do indivíduo), objetividade (todos ou quase todos admitem que ela existe e que existe de determinada forma), coercitividade (o poder que a instituição exerce sobre o indivíduo), autonomia moral (invocam um direito à legitimidade) e historicidade (a instituição existia antes do indivíduo nascer e continuará a existir depois de sua morte).

A historicidade da linguagem e escrita, nos permite compreender como as grandes civilizações funcionavam, qual sua estrutura, como esteve organizada, quem fazia parte e muito mais, a própria história remontada pela escrita presente nos mais diversos objetos nos possibilita inclusive compreender como grandes civilizações nasceram, desenvolveram-se e morreram. A busca pela compreensão da criação institucional da linguagem evidenciou muitos dos grandes fatos históricos conhecidos hoje, compreendemos assim que a linguagem, seja escrita ou oral, instituição social dotada de valor social e histórico é capaz de transmitir cultura, valores e tradições.

“Quando o símbolo se tornou signo, por volta de 3700 a.C., a arte gráfica começou a ‘falar’ [...]. Era precisamente essa exploração consciente do fonográfico no pictórico que tornou a escrita incompleta uma escrita completa” (Fischer, 2009, p. 33), neste ponto, compreendemos que a língua passa a desempenhar um papel de transmissão do consciente individual através da expressão de sinais fonéticos. A linguagem oral, passa a desempenhar um papel outrora exercido por gestos, sinais gráficos, inscrições arcaicas e outros.

¹¹ Tradução nossa de: “*Hablar y escribir son para nosotros actos tan naturales que nadie se da cuenta de buenas a primeras de que puede tratar de las invenciones más complejas jamás elaboradas por el cerebro humano*”.

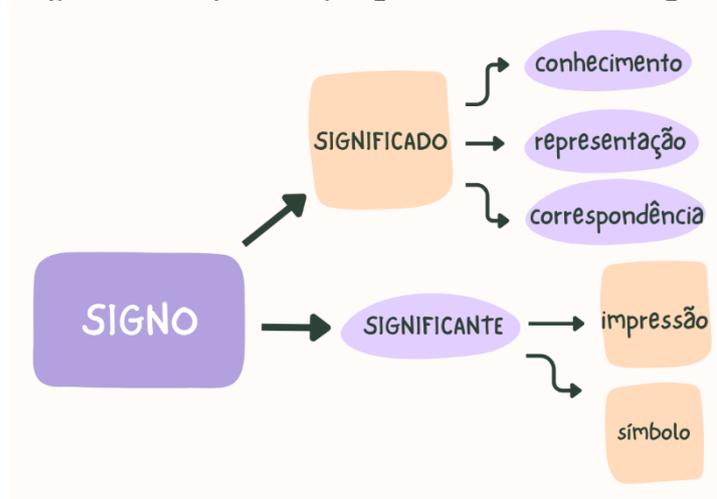
O signo, componente da linguagem, elemento essencial para a transmissão de informação é a matéria que produz o significado, fonte geradora do que causa a um significante o sentido do que é posto.

Saussure (2006, p. 82), enuncia o seguinte:

Utilizou-se a palavra símbolo para designar o signo linguístico ou, mais exatamente, o que chamamos de significante. Há inconvenientes em admiti-lo, justamente por causa do nosso primeiro princípio (o da arbitrariedade do signo). O símbolo tem como característica não ser jamais completamente arbitrário; ele não está vazio, existe um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado. O símbolo da justiça, a balança, não poderia ser substituído por um objeto qualquer, um carro, por exemplo.

Ademais, Carvalho (1982, p. 48) expõe “[...] o que Saussure chama de ‘sentido’ é a mesma coisa que conceito ou ideia, isto é, a representação mental da realidade social em que nos situamos [...]”, assim, o processo de transformar uma palavra ou texto em sua representação fonética, ou seja, em sons da fala através da interpretação dos símbolos é o que possibilita dar sentido, criando a ideia e/ou representação, tornando-o presente algo que de fato não é tangível no momento. Esse processo de representação, pode ser ampliado as mais diversas áreas e campos da ação, como por exemplo, dar características sobre algo ou alguém, o processo de descrição, seja fonética ou escrita, é uma representação da realidade através do uso de artefatos simbólicos, sejam as letras, desenhos ou gestos (Figura 11).

Figura 11 - Representação gráfica da teoria dos signos



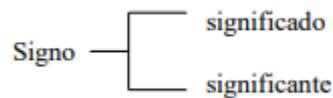
Fonte: Elaborado pelo autor (2023), baseado em Carvalho (1982)

A imagem, uma representação gráfica que busca exemplificar a concatenação e relação entre o signo, significado e significante, possibilita uma compreensão do funcionamento da

teoria dos signos, como pode mudar nossas estruturas e nos fazer adquirir novos conhecimentos através da comunicação, seja escrita ou falada.

A materialização da compreensão abstrata da teoria dos signos através de representações gráficas, seja uma representação de subordinação simples entre símbolo, significado e significante, ou uma expressão artística elaborada de forma a exemplificação de maneira mais evidente da ideia que se quer passar são formas de representação gráfica, expressões da linguagem, a teoria é a mesma, representada de formas diferentes (Figura 12).

Figura 12 - Teoria dos signos, representação



Fonte: Carvalho (1982)

A representação encontrada no livro “Para compreender Saussure” de Carvalho, expressa na imagem anterior, e comumente utilizada para exemplificar a teoria colocam o significado e significante em uma relação de possível subordinação ao primeiro, só haverá significado e significante se houver um símbolo que represente algo. O elemento signo é dotado de poder, seja na representação anterior, ou em outras situações.

Do mesmo modo, a representação gráfica de autoria própria sobre a teoria, pressupõe o mesmo entendimento a despeito da teoria, porém com uma exemplificação de como é a relação e funcionamento no sujeito cognoscente, o significado do que é compreendido através da representação simbólica implica em conhecimentos, factível de novas interpretações e novos conhecimentos gerando assim uma relação de correspondência com o signo que originou o estado atual de questionamento.

Já o significante, associado ao conceito inicial e que está indissolúvelmente ligado ao significado, é compreendido por Carvalho (1982, p. 48) como:

[...] interdependentes e inseparáveis. Exemplificando, diríamos que quando um falante de português recebe a impressão psíquica que lhe é transmitida pela imagem acústica ou significante /kaza/, graças à qual se manifesta fonicamente o signo casa, essa imagem acústica; de imediato, evoca-lhe psiquicamente a ideia de abrigo, lugar para viver, estudar, fazer suas refeições, descansar, etc. Figurativamente diríamos que o falante associa o significante /kaza/ ao significado domus (tomando-se o termo latino como ponto de referência para o conceito).

Neste contexto, o significante é a correspondência mental da impressão simbólica atrelada a compreensão do significado, representado pelo signo que resultou na interpretação e

por conseguinte encadeamento de ideias a partir da imagem inicial. Todo este mecanismo de representações e interpretações, pode-se compreender como comunicação, seja realizado através dos sinais gráficos como os que possibilitam que este texto seja redigido ou representações simbólicas iconográficas naturais, como pinturas e desenho, a exemplo de inscritos rupestres.

Todo o complexo emaranhado que envolve a instituição linguagem desde seus “primeiros passos” até o desenvolvimento de formas complexas e mais completas da comunicação, possibilitou que a sociedade viesse a desenvolver-se através das práticas cotidianas que advirão a partir da troca mútua de informações, com isso os avanços passaram a ser constantes, hoje é comum a troca de todos os tipos de informação, entre elas a científica e tecnológica, processo que somente é possível graças aos avanços mencionados.

Cientistas geram teorias, hipóteses e conceitos; apenas algumas dessas variações são consideradas avanços em relação às visões existentes, e estas são selecionadas; as teorias e conceitos selecionados são transmitidos a outros cientistas por meio de revistas, livros didáticos e outras medidas pedagógicas (Thagard, 1980, p. 187, tradução nossa¹²)

O progresso da transmissão de ideias, conceitos, criação de pensamento crítico através dos artefatos – livros, revistas, palestras, eventos técnicos – comumente utilizados no campo científico é partilhado por instituições de ensino, esse trans de troca de informação proveniente dos meios de comunicação faz parte do processo evolutivo da ciência e da sociedade de modo geral. O método de partilha científica, seja através de eventos ou publicações, é viável graças a ação comunicacional, fruto da linguagem e anos de desenvolvimento institucional deste artefato potencializador do ser e fazer humano, “A epistemologia evolucionista observa que a variação, a seleção e a transmissão também são características do crescimento do conhecimento científico” (Thagard, 1980, p. 187, tradução nossa¹³).

Logo, transmissão, aqui compreendida como palavra-chave e basilar para o desenvolvimento, compartilhamento, guarda e preservação de saberes culturais. Parte do processo científico e evolutivo, mecanismo adotado por povos e sociedades e uma ferramenta crucial para compreensão do funcionamento social, bem como a própria compreensão a

¹² Translation of: “Scientists generate theories, hypotheses, and concepts; only a few of these variations are judged to be advances over existing views, and these are selected; the selected theories and concepts are transmitted to other scientists through journals, textbooks, and other pedagogic measures”.

¹³ Translation of: “Evolutionary epistemology notices that variation, selection and transmission are also features of the growth of scientific knowledge”.

despeito de como as sociedades atuais funcionam, visto que são frutos do desenvolvimento e registros passados.

3.1 DOS REINOS DA NATUREZA À PALAVRA ESCRITA

O significado das letras pode ser compreendido a partir do momento em que há um conjunto destes elementos ligados coerentemente, uma letra “A” em um quadro branco, pode representar ou não algo, observamos que a partir do momento em que passamos a incluir outros sinais gráficos em seu entorno, imputando a uma letra solitária o estado de formação simbólica por meio das palavras, é possibilitado um processo de compreensão da escrita.

Nas linhas que antecedem este tópico, foram redigidas palavras que se objetivaram a contextualizar nosso objeto, situar a questão problema, escolha do CCHLA enquanto foco de pesquisa, ademais a importância da comunicação proveniente da linguagem através da materialidade da informação, nessa perspectiva, compreende-se que os registros em tela, dispõem de caracteres ordenados de forma a possibilitar a compreensão das ideias que se intenciona passar.

Deste modo, é observado que a palavra escrita por meio de representações gráficas provenientes de uma linguagem artificial fruto de séculos do processo e avanços é capaz de expressar e representar ações da cognição humana.

Assim, para compreendermos o avanço da sociedade em relação à linguagem, é necessário considerar o longo percurso histórico que se estende ao longo dos séculos. Como observa Jean (2002, p. 11), "Vinte mil anos antes de nossa era, em Lascaux, homens traçaram seus primeiros desenhos. Será preciso esperar 17 milênios para que se inicie uma das mais fabulosas facetas da história da humanidade – a escrita". O autor ainda destaca que "Acredita-se naturalmente que aqueles que inventaram os primeiros signos escritos queriam perpetuar rastros de suas lendas".

Nesse contexto, as primeiras formas de registro de informações, como inscrições em paredes e marcas em pedras, mesmo sem uma compreensão clara do conceito de informação, representaram mecanismos utilizados pelos denominados homens das cavernas para expressar suas caças, rituais e outros aspectos de suas vidas. O ato de deixar rastros visuais e simbólicos evidencia a necessidade humana de comunicar e registrar, marcando assim o início de uma trajetória que culminaria na rica diversidade linguística e escrita que caracteriza a sociedade contemporânea.

Existem, há dezenas de milhares de anos, inúmeros meios de transmitir mensagens através de desenhos, sinais, imagens. Entretanto, a escrita, propriamente dita, só começou a existir a partir do momento em que foi elaborado um conjunto organizado de signos ou símbolos, por meio dos quais seus usuários puderam materializar e fixar claramente tudo o que pensavam, sentia ou sabiam expressar (Jean, 2002, p. 12).

Ações como as de registrar caças, conquistas, descobertas, vida e morte com tintas provenientes de sangue animal, extrato vegetal, cinzas e outros componentes encontrados naturalmente no cotidiano servem como registros do passado, mecanismo que possibilitou ao decorrer dos séculos a perpetuação da história dos homens e mulheres que nos antecederam, o signo presente nas paredes, fonte geradora de informações criado a milênios por indivíduos, serve hoje como janela de acesso para observar o funcionamento da vida cotidiana de nossos predecessores.

Nora (1993, p. 8) evidencia que “[...] o movimento que nos transporta é da mesma natureza que aquele que o representa para nós. Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história”. Movimentar-se entre passado e presente através dos registros que possibilitaram o que Nora denomina cristalização da memória é possível graças aos registros, materializados em qualquer suporte.

Com o advento da escrita, o homem passou registrar a acumular seu conhecimento e dos que viviam a seu redor, seja através de placas de pedra, papiros, hieróglifos, escritos pictóricos, cuneiforme, assíria e outros, o conhecimento deixou de morrer e perder-se com quem os produziu e passou a cristalizar-se, ocupando um lugar material e simbólico no meio social.

Horcades (2004, p. 16), ressalta, “Uma das maiores realizações do homem na Terra é a invenção da escrita”, como já dito, com a escrita a sociedade passa a organizar-se e desenvolver, ainda segundo o autor “[...] o homem permaneceu quase tão primitivo como na pré-história por praticamente esses mesmos cinco milhões de anos até pelo menos dez mil anos atrás”, e assevera que, “[...] os primeiros hominídeos datam de aproximadamente cinco milhões de anos [...]”, observamos aí, um grande hiato, período onde não houve grandes mudanças na estrutura social e organização individual.

Os sistemas de escrita, desde suas origens serviram como mecanismo essencial para o avanço social, histórico, cultural e fundamentação de identidades. “Um progresso incalculável se deu quando se atingiu a decomposição da frase em seus elementos, as palavras. Doravante cada sinal passou a servir para notar uma palavra [...]” (Higounet, 2003, p. 13-14), referindo-se ao progresso do processo de escrita, os escritos de Higounet também podem ser direcionados e

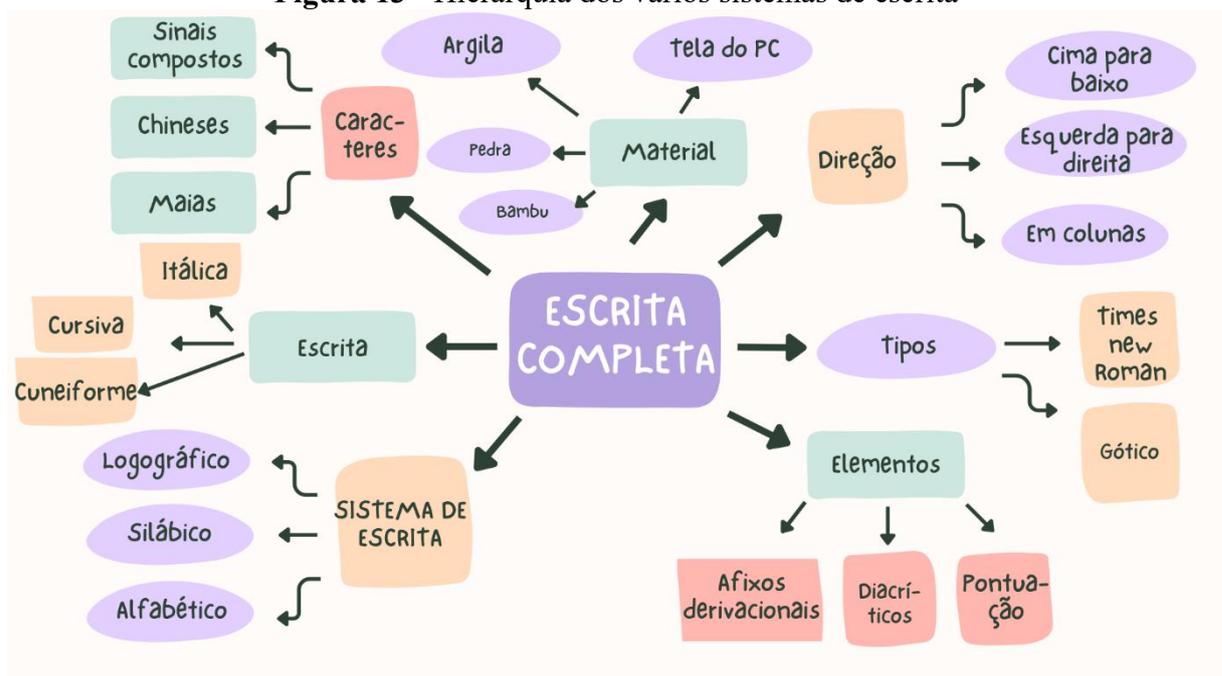
relacionados ao progresso social, a “modernidade” veio junto com os avanços da escrita, por conseguinte, durante séculos caminham juntas.

Ademais Higounet (2003, p. 10), esclarece que “A escrita faz de tal modo parte de nossa civilização que poderia servir de definição dela própria. A história de humanidade se divide em duas imensas e grandes eras: antes e depois da escrita. [...] Vivemos os séculos da civilização escrita”. O autor elenca ainda que as “[...] sociedades baseiam-se na escrita [...]”, as leis são escritas, o contrato passou a ser escrito, as tradições provenientes de algumas religiões são escritas, de modo mais amplo, a representação escrita é um mecanismo de tornar permanente o que é falado.

Ainda de acordo com o autor, “Do ponto de vista material, toda escrita é traçada sobre um suporte, ou como se diz, sobre um ‘registro material’, com o auxílio de um instrumento manejado mais ou menos habilmente por um gravador ou por um escriba” (Higounet, 2003, p. 15).

A Figura 13 oferece uma visão estruturada e detalhada sobre como diferentes sistemas de escrita se organizam e se relacionam entre si, refletindo a complexidade e a diversidade dos métodos humanos de registro da informação ao longo da história. Este panorama hierárquico não apenas ilustra a evolução técnica e estilística da escrita, mas também destaca sua função primordial: servir como um meio duradouro de preservação do conhecimento, das culturas e das civilizações.

Figura 13 - Hierarquia dos vários sistemas de escrita



Fonte: Elaborado pelo autor (2023), adaptado de Fischer (2009)

Para alcançarmos o processo de registrar ideias e pensamentos em tábuas, pedras, bambu, computador ou qualquer outro suporte, é essencial dominar um sistema de escrita longo e complexo. Esse sistema pode ser composto por alfabetos, ideogramas ou quaisquer outros sinais adotados, podendo ainda incluir pontuações, acentos e elementos similares. No contexto online, há diversas opções de fontes para a escrita, como Arial e *Times New Roman*, sendo esta última a utilizada neste texto.

A ordem de escrita é outro fator importante, algumas civilizações orientais realizam a leitura da direita para a esquerda enquanto as ocidentais realizam o processo de escrita e leitura em sentido oposto, iniciando da esquerda e finalizando na direita. Durante o percurso histórico várias escritas fizeram parte das civilizações e hoje a alfabética é amplamente utilizada, escolhemos trazer tais informações para exemplificar parte do complexo conglomerado que compõe os sistemas de representação simbólico por trás do processo de escrita.

Com isso, observamos que não há apenas um sistema de escrita, mas sim vários, e ao longo dos séculos, as diversas sociedades desenvolveram seus próprios métodos de registro e leitura. A partir desse contexto, torna-se possível analisar diversos elementos, como ilustrado no Quadro 3, que apresenta exemplos de alguns desses meios de registro.

Quadro 3 - Tipos de suporte que abrigam os sistemas de escrita

SUPORTE	CIVILIZAÇÃO / ANO	OBSERVAÇÃO
Tabuletas de argila	3500 a.C. – Mesopotâmia	Escrita cuneiforme; utilizada para registros administrativos e literatura.
Papiro	3000 a.C. – Egito Antigo	Folhas de planta entrelaçadas; leve, flexível e amplamente utilizado no Egito antigo.
Pergaminho	Século II a.C. – Grécia/Roma	Feito de pele de animais (geralmente ovelhas); durável e utilizado para manuscritos.
Manuscritos Iluminados	Idade Média – Europa	Manuscritos decorados com ilustrações e cores vibrantes; muitas vezes temas religiosos.
Impressão em Madeira	Século IX – China	Técnica de xilogravura para imprimir imagens e texto em papel.
Imprensa Móvel	1440 – Europa (Johannes Gutenberg)	Tipos móveis de metal para impressão rápida de livros em grande escala.
Jornais Impressos	Século XVII – Europa	Propagação de notícias e informações em larga escala; popularização do jornalismo.
Livro de bolso	Século XIX – Reino Unido	Formato compacto e acessível; facilitou a leitura em trânsito.
<i>E-books</i>	Década de 1970 – Desenvolvimento inicial	Formato digital; acessível em dispositivos eletrônicos.
<i>Áudio-books</i>	Década de 1930 – Gravações em fita	Livros narrados em áudio; acessibilidade para deficientes visuais e leitura multitarefa.

Fonte: Adaptado de Baptista (2014), Higounet (2003), Fischer (2009) e Hayasaka; Nishida (20--?).

Os sistemas de escrita encontrados pelo mundo constituem mecanismos de registro das ações e representação das atividades sociais e coletivas dos indivíduos. A partir dessas representações, originaram-se diversos outros mecanismos que passaram a incorporar elementos. Inicialmente, os desenhos e inscrições eram as formas predominantes de representação. No entanto, ao longo do tempo, ocorreu uma mescla de elementos.

Ao observarmos o amplo panorama dos sistemas de escrita existentes globalmente, percebemos que documentam as ações individuais e desempenham um papel crucial na representação e preservação das práticas sociais coletivas. Como visto, inicialmente, a representação era fortemente baseada em desenhos e inscrições, sendo esses os meios primordiais de registrar as atividades humanas. Contudo, à medida que a sociedade evoluiu, surgiam novas formas de expressão escrita, incorporando uma diversidade de elementos para enriquecer a comunicação visual e textual.

Essas mudanças no sistema de escrita evidenciam a capacidade humana de adaptar e expandir suas formas de comunicação, utilizando diferentes elementos simbólicos e linguísticos para representar e documentar a complexidade das ações individuais e coletivas. Desde os primórdios, onde os desenhos e inscrições eram as principais formas de expressão, até as sofisticadas linguagens escritas contemporâneas, o desenvolvimento desses mecanismos é um testemunho da constante busca da humanidade por aprimorar suas formas de registro e comunicação.

Diante do exposto, as placas de formatura, por sua vez, podem ser compreendidas como uma junção de muitos destes elementos, pois contêm em suas estruturas elementos simbólicos, textuais, iconográficos, representativos de ações e conquistas. Mesmo danificadas pelo tempo ou ações humanas, placas expressam, independentemente de texto, muitas das simbologias a elas atreladas. No entanto, aliados aos elementos textuais, denotam uma simbologia e experiências ainda maiores. Essa fusão de elementos torna as placas de formatura objetos ricos em significado, representando não apenas a conclusão de um ciclo acadêmico, mas carregando consigo as memórias e conquistas associadas tanto ao individual quanto ao coletivo.

3.2 PLACAS COMO SUPORTE INFORMACIONAL E DE MEMÓRIA

Desde a utilização de argila na Mesopotâmia até os dias atuais, os suportes e formas de registro da informação passaram por transformações significativas. Atualmente, com o progresso da tecnologia, esta dissertação é redigida em um notebook. Em épocas passadas, seria elaborado em uma máquina de datilografia, e em tempos ainda mais remotos, provavelmente

seria um manuscrito. É notável observar como o pergaminho, assim como outros suportes, representa diferentes tecnologias ao longo da história.

Dizemos isso para mensurar o quanto as formas de registrar informação, e possibilitar a comunicação tem avançado com o decorrer dos séculos.

Entre os diversos modos de realizar registro dos suportes informacionais, podemos mencionar as placas, sejam comemorativas, informativas, decorativas entre diversas outros. Em nosso cotidiano, podemos observar as placas enquanto marcos históricos ou até mesmo objetos para sinalizações, o ambiente urbano é rodeado por placas e outros objetos que se inserem no espaço de forma muito particular, seja sinalizando algo, ou servindo como uma plaqueta com informações – algo característico em monumentos artísticos e artefatos históricos.

O site da associação francesa *Boucles de la mémoire*¹⁴ nos mostra:

1.300 placas comemorativas foram colocadas nos muros de Paris logo após o fim da Segunda Guerra Mundial. Em uma espécie de busca contra o esquecimento, Philippe Apeloig percorreu as ruas da capital em busca delas. Para ele, "são verdadeiros lugares de memória, do que aconteceu durante o período de ocupação alemã" (*Les Boucles de la Mémoire*, 20??, local. 1).¹⁵

Apeloig comungando com o pensamento de Nora (1993) considera as placas, como lugares de memória, objeto de história, suportes onde a própria memória encontra-se ancorada, “um vetor de transmissão¹⁶” (*Les Boucles de la Mémoire*, 20??), objeto como já dito, inanimado, mas que possui um poder revelador do passado e caracterizador do presente.

Nas imagens seguintes, pode-se observar e ponderar o valor informacional agregado as placas informativas (plaquetas), estas como um objeto claro de transmissão de informação, local onde a memória pode ser ressignificada através da compreensão individual do ser cognoscente.

¹⁴ *Les Boucles de la Mémoire* é uma associação francesa localizada na província de *Puy-de-Dôme* que realiza ações multiculturais sobre o tema Cidadania e Memória. A *Les Boucles de la Mémoire* tem como objetivo destacar e transmitir, em toda a província, informações sobre Memória e Cidadania através de diversas ações culturais de jovens e para jovens.

¹⁵ Tradução nossa de: “1300 plaques commémoratives ont été apposées sur les murs de Paris dès la fin de la Seconde guerre mondiale. Dans une sorte de quête contre l’oubli, Philippe Apeloig a sillonné les rues de la capitale à leur recherche. Pour lui ce sont vraiment des lieux de mémoire, de ce qui s’est passé pendant la période de l’Occupation allemande”.

¹⁶ Tradução nossa de: “Un vecteur de transmission”.

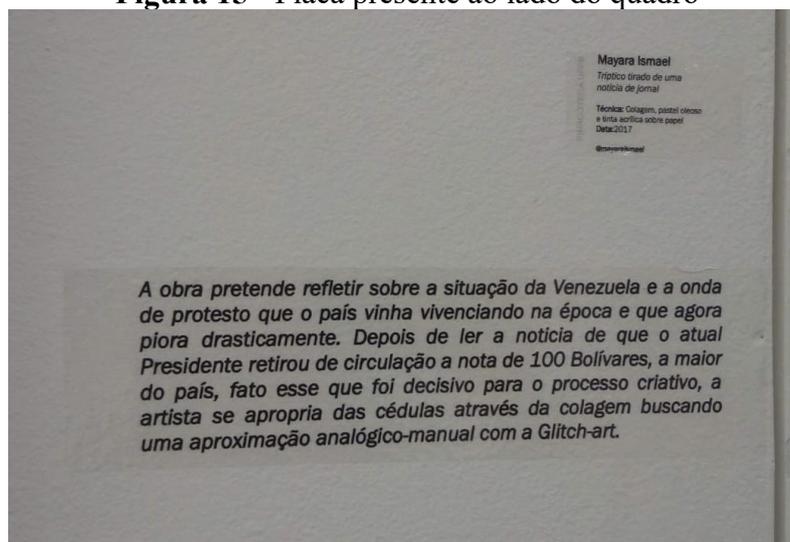
Figura 14 - Quadro presente em exposição denominada concha - BC UFPB



Fonte: Acervo pessoal (2019)

A tela representada pela Figura 14, esteve presente na exposição denominada *Concha*, instalada no 1º andar da Biblioteca Central da UFPB. Exposição promovida pela Pinacoteca da instituição. Como acompanhamento da pintura, a plaqueta de identificação, representada na Figura 15, traz informações sobre a obra, como data de criação, técnica utilizada para elaboração, nome do artista, além de um breve texto contextual e explicativo.

Figura 15 - Placa presente ao lado do quadro



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Na análise das figuras 14 e 15, nota-se que o quadro está acompanhado por uma pequena plaqueta inserida no gesso, com a impressão sob uma superfície acrílica. Nessa plaqueta, constam textos que fornecem dados sobre o autor e sua obra. As placas presentes desempenham o papel de contextualizar a obra em seu tempo, oferecendo diversas informações que podem ser inseridas e posteriormente recuperadas. Estabelece-se, assim, uma correspondência entre a obra e o objeto, formando um composto infomemorial por excelência.

Essa correspondência entre obra e objeto, seja em um ambiente museológico ou nas ruas e *campi* universitários, cria um composto infomemorial que não apenas contextualiza fisicamente o objeto de interesse, mas também enriquece a experiência do observador, permitindo uma maior conexão emocional e intelectual com o material. As placas, portanto, transcendem sua função básica de fornecer informação; elas se tornam peças integrantes do patrimônio cultural e material, contribuindo para a narrativa coletiva e individual que define nossa sociedade.

Ricoeur (2012, p. 459) nos fala que a memória é uma configuração cultural, não somente uma capacidade investigativa, as placas são esse objeto de memória, os monumentos históricos também assim os são, assim “Ver uma coisa é não ver outras. Narrar um drama é esquecer outro [...]” (Ricoeur, 2007, p. 459). Ginzburg (1989) nos atenta aos indícios, Ricoeur (2007) ao apagamento proveniente da ausência do olhar, assim, esquecemos que os dizeres apagados da placa da caridade presente na Figura 16 também quer nos dizer algo, o átrio do museu está conservado, já a placa mostra os sinais de que sofre com o tempo ou mesmo com os algozes, àqueles que não protegem o patrimônio embora devem possuir como função.

Figura 16 - Átrio do Museu da Misericórdia da Santa Casa da Bahia, visão frontal



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador (2019)

Nas figuras 16 e 17, é possível observar o átrio do Museu da Misericórdia da Santa Casa da Bahia, em Salvador. No centro, destaca-se uma escultura da "Caridade" datada de 1851. Na parte posterior da escultura, encontra-se uma placa em bronze contendo informações sobre a obra. Abaixo do rosto e aos pés da imagem, há outra placa, feita de material similar à escultura, porém apresentando marcas do tempo e evidenciando certo apagamento das informações.

Figura 17 – Átrio do Museu da Misericórdia da Santa Casa da Bahia, visão lateral



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Observa-se que, sejam comemorativas ou com outro propósito, as placas vão além de sua função prática de informar e transformam-se em pontes entre as gerações. Elas passam a pertencer às obras que representam, promovendo a história e fomentando a compreensão entre as pessoas. Nesse sentido, consideramos essas placas como guardiãs da memória coletiva, auxiliando-nos na representação do passado e na moldagem do futuro com base nas lições aprendidas ao longo do tempo.

Ao contemplar monumentos, ruas, bustos, quadros, estátuas e esculturas, somos levados a refletir não apenas sobre o passado e nossa história, mas também sobre a trajetória dos idealizadores da obra. Consideramos o contexto de criação e as motivações que levaram o monumento a ocupar determinado espaço, pois mesmo essa ação pode ser interpretada como um ato político. Estas placas, como objetos físicos que ocupam espaços em nossas cidades, convidam os indivíduos a parar, observar e contemplar a história que está por trás delas. Dessa forma, conferem significado e ressignificam as memórias individuais e coletivas.

Em *História e Memória*, Le Goff (2019, p. 387) nos atenta ao fato de que “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Nesse sentido, compactuamos e compreendemos com Le Goff (2019) ao dizer que a memória é a base da inteligência, local onde concatenam-se os atos. Contudo, a memória precisa ser ressignificada e preservada, assim os meios e suportes entram como um mecanismo de eternização da própria memória.

[...] a escrita não é só *médium* de eternização, ela também é um suporte da memória. A escrita é ao mesmo tempo *médium* e metáfora da memória. O procedimento de anotação e da inscrição é a mais antiga e, através da longa história das mídias, ainda hoje a mais atual metáfora da memória (Assmann, 2011, p. 199).

Placas, manuscritos, pinturas, desenhos, grafites, quaisquer gravações são meios e formas de registros da informação que na concepção de Le Coadic (1996, p. 5) é um “conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual”, os *médiums* ou meios de memória são uma metáfora da memória pois assim são a representação e (re)significação da própria memória e informação, um elemento composto de possível interpretação e sentido, assim “É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal. [...] Essa inscrição é feita graças a um processo de signos (a linguagem) (*Ibid.*).

As placas, seja no solo, nas paredes dos edifícios ou nos bustos e monumentos históricos, podem ser confeccionadas em diferentes materiais, como mármore, azulejos, pedra, madeira, entre outros. Essas placas apresentam textos ou relevos que formam ou não imagens, retratando personalidades históricas, artistas plásticos, músicos, repórteres, arquitetos e cidadãos famosos ou anônimos. Originárias de variados períodos, inclusive séculos distintos, elas registram traços das línguas, refletindo características de fala que vão desde as mais simples até as mais rebuscadas e complexas. Dessa forma, essas placas se configuram como documentos capazes de transmitir significados ao longo do tempo, portanto, um *médium*.

Algumas placas, encontradas nos mais diversos espaços, carecem de informações fundamentais acerca de suas identidades e das particularidades das trajetórias das pessoas a quem se referem. Essa falta de detalhes abrange questões como quem financiou e fixou essas placas em determinados lugares, além do reconhecimento da personalidade ou do espaço que a placa representa e menciona. Nesse contexto, as placas se revelam como locais de investigação, atuando como repositórios de práticas infomemoriais capazes de trazer à tona informações

sobre as figuras em destaque e sobre aqueles que não são evidenciados, mas que igualmente fazem parte da trajetória representada.

Para ilustrar esse ponto, podemos mencionar a placa afixada na estátua do Padre Cícero, localizada na praça Padre Cícero, em Juazeiro do Norte/CE. Essa placa exemplifica a importância de se considerar para além do protagonista central, os elementos periféricos que contribuem para a compreensão completa da história e do contexto associado à placa em questão.

Walker (2013, local. 1), ao referir-se as placas presentes na praça, evidencia que “De todas somente uma tem uma história para contar, pois foi tudo documentado pelo seu idealizador, desde a concepção da ideia até a sua confecção [...]”. Observamos aí, um aspecto cultural do descaso social com a história e trajetória das placas no Brasil, contudo, também uma espécie de lembrete que ressalta a importância de manter viva a história das placas.

Em seu relato, ele diz o seguinte:

Em março de 1944, Odílio Figueiredo encontrava-se no Rio de Janeiro, então capital da República, com Adelina, sua mãe, Edith sua mulher e seu irmão, Pedro. No dia 24 do mês, comemorar-se-ia o centésimo aniversário de nascimento do Padre Cícero Romão Batista. Sendo um dos líderes de Juazeiro do Norte, ocupando naquele ano, o cargo de Presidente da Associação Comercial do município, resolveu promover algumas reuniões com cearenses radicados naquela cidade para darem uma dimensão mais ampla à efeméride (Walker, 2013, local. 1).

Walker (2013) continua dizendo que, ainda no Rio de Janeiro, o benfeitor Odílio Figueiredo realizou uma reunião no hotel em que estava hospedado e com ele, encontravam-se outros cearenses que residem na cidade do Rio. Considerando o 1º centenário de nascimento do Padre Cícero e suas contribuições para a cidade, estes conterrâneos decidiram homenageá-lo com uma placa, a ser posteriormente fixada, na praça de mesmo nome na cidade do Juazeiro do Norte, Ceará.

Visto a seriedade com que a reunião foi tratada e sua continuidade, foi registrado em ata os nomes dos participantes bem como suas doações para a implementação da homenagem ao ilustre cidadão. Ainda de acordo com Walker (2013, local. 1):

Dessa reunião resultou a constituição de um grupo de trabalho para dar sequência às resoluções, discriminadas a seguir, aprovadas naquela Assembleia: Ia - construção de uma placa de bronze em alto relevo, de 40cm X 60cm, contendo os seguintes dizeres: “23.03.1844 - 23.03.1944. No transcurso do 1º Centenário de Nascimento do Padre Cícero, os cearenses no Rio de Janeiro mandaram colocar esta placa em homenagem ao fundador da cidade”.

Com fruto do trabalho de Odílio Figueiredo e pontuado por Walker, posteriormente implementado na praça Padre Cícero a placa com o conteúdo pré-acordados em reunião e que pode ser observado na Figura 18.

Figura 18 - Placa de bronze presente na Praça Padre Cícero, no Juazeiro do Norte/CE



Fonte: Walker (2013, local. 1)

Os registros, nos possibilitam compreender a história e trajetória da placa, as motivações que levaram o Padre a ser homenageado, mas além disso quem foram os responsáveis pela idealização do projeto, considerando que todo seu trajeto foi amplamente registrado em imagens e atas.

Figura 19 - Registro da reunião que culminou na idealização da placa afixada da Praça Padre Cícero no Juazeiro do Norte/CE



Rio de Janeiro, reunião comemorativa do centenário de nascimento de Pe. Cícero, realizada em 24 de março de 1944. Odílio, em pé e de terno branco, encontra-se por trás da senhora sentada, de roupa clara e chapéu escuro, decorado com uma flor.



Rio, Rua do Catete 160, hotel onde houve a reunião preparatória para comemoração do centenário de nascimento de Pe. Cícero.

Placa, em bronze, comemorativa do centenário de nascimento do Pe. Cícero, trazido do Rio de Janeiro por Odílio Figueiredo.

Fonte: Walker (2013, local. 1)

Até os dias atuais, o Juazeiro do Norte mantém a placa como parte de seu patrimônio, mas além de disto, ressalta-se que esta é única placa dentre todas as placas presentes na Praça Padre Cícero e, possivelmente, a única da cidade cuja materialização pode ser compreendida através do vasto registro documental a seu respeito. É válido salientar que é imprescindível ter um cuidado especial com a historicidade das placas e do patrimônio. Registrar esses acontecimentos nos permite construir a memória e narrar a história com base em fatos.

Anotações que perpassam as brechas do tempo, em um ir e devir situando peças patrimoniais ou usuais podem ser utilizadas para montar e revelar trajetórias, a narrativa contada a respeito da placa na praça lhe situa enquanto espaço de memória e recordação, mas além de tudo lhe confere uma identidade que nenhuma outra placa daquele espaço possui.

No âmbito da UFPB, ao longo da longa trajetória do CCHLA, possivelmente nenhuma de suas placas teve um registro formal de sua idealização, ou quem propôs sua confecção, podemos identificar nomes, em alguns casos recuperar fotos e associar a imagem a alguém, mas ir além disso, é algo demasiado complexo, as placas da UFPB podem nos falar sobre seu tempo presente, falar sobre a trajetória de um corpo discente e em parte docente, mas em muitos casos não há registros que narram sua própria trajetória.

Em se tratando do ambiente macro das universidades, as placas de formatura têm certo destaque por muitas vezes estampar os corredores e fazer parte das alamedas que conduzem as salas, laboratórios, bibliotecas, espaços de convívio individuais e coletivos, contudo “É tímido o lugar dos edifícios e *campi* de universidades entre os bens privilegiados em políticas oficiais de preservação. [...], as universidades continuam pouco representadas nas listas e livros nacionais e internacionais de patrimônio cultural” (Lira, 2014, p. 17), neste contexto pensamos que se as próprias universidades não têm valorização de seu patrimônio material constituído de pedra e cal, as placas de formatura ou quaisquer outras, estão mais aquém de qualquer evidência enquanto patrimônio.

Portanto, as placas, sejam de formatura ou comemorativas, peças museísticas ou não, necessitam de uma maior visibilidade, visto que servem como registros tangíveis de eventos e conquistas, dispendo de uma capacidade de homenagear e reconhecer. Elas servem como símbolos de apreço, destacando a importância de indivíduos, grupos ou eventos que moldaram a trajetória histórica e cultural de um lugar. Essas homenagens não apenas celebram feitos notáveis, mas também fortalecem o sentido de pertencimento da comunidade ao seu passado.

Assim, as placas comemorativas cumprem um papel educativo, proporcionando informações históricas de maneira acessível. Elas contribuem para a consciência histórica ao

disseminar conhecimento sobre o passado, tornando-se uma fonte valiosa de aprendizado para moradores locais e visitantes. A faceta polissêmica das placas com possibilidades investigativas e analíticas, bem como local de registro de diversas informações que perpassam os mais variados cenários as situam enquanto largos objetos compreendidos enquanto *médiums* de memória.

Compreendemos que esses *médiums* se referem aos diferentes modos pelos quais as sociedades armazenam, comunicam e perpetuam suas lembranças coletivas. Esses *médiums* podem assumir diversas formas, indo além dos simples registros escritos ou visuais, incorporando práticas culturais, rituais, monumentos, tradições orais e outros meios pelos quais a memória é expressa, “[...] a escrita é uma das armas mais eficientes contra a segunda morte social, o esquecimento [...]” (Assmann, 2011, p. 195), desta feita, os meios de acesso a memória presentes nos *médiums* nos possibilitam imortalizar registros, inviabilizando que parte do conhecimento venha a ser esquecido.

“Os espaços e as representações humanas ficcionais não são as mesmas, pelo princípio estético que carregam, no entanto, é possível fazer conexões entre o vivido e o literário [...]” (Silva; Santos, 2022, p. 82), a relação proposta pelos autores entre essas conexões literárias pode ser expandida para além do âmbito literário. Nesse sentido, argumentamos que é possível estabelecer vínculos entre os espaços físicos e as representações, explorando conexões temporais relacionadas à concepção de outros suportes e documentos, especialmente as placas.

Retomando à Assmann (2011, p. 200), observamos que:

Na função de armazenamento a escrita possivelmente pode superar a memória; em contrapartida a escrita nunca pode assumir a função de recordação, segundo informa Platão. A parte enérgica, produtiva e indisponível da memória, que Platão associou ao conceito de *anamneses*, sequer pode ser tangenciada pelo médium, da escrita, que dirá substituída por ele.

Desta feita, o estabelecimento de vínculos memorialísticos provenientes das marcas registradas nos meios de acesso as memórias possibilitam a recordação de atos e fatos, contudo os *médiums* funcionam exclusivamente como fonte de acesso aos registros, dispondo de limitações.

Os espaços físicos e ações podem ser representados de acordo com as funções cognitivas dos indivíduos, no entanto, a uma limitação crucial da escrita quando se trata da função de recordação, um conceito que Platão associa à *anamneses*. A "parte enérgica, produtiva e indisponível da memória" mencionada sugere elementos da memória que vão além da simples retenção de informações. Assmann (2011) ao citar Platão argumenta que há aspectos da

memória que são intrínsecos à experiência humana, conectados a uma compreensão mais profunda e visceral, e que não podem ser plenamente capturados ou reproduzidos pela escrita.

Neste sentido, a escrita caracterizada nos *médiums* de memória são locais que possibilitam o contato com o passado “Os locais memorativos podem ser vistos como a instituição que os sucedeu; deles se espera que produzam um contato com fantasmas do passado” (Assmann, 2011, p. 359).

Em diversos contextos, as placas entre elas as de formatura, podem assim expor expressões culturais que refletem valores, tradições e marcos históricos de uma sociedade. Ao registrar eventos significativos, como festas culturais, feitos artísticos ou contribuições relevantes para a cultura local, essas placas se tornam efetivamente *médiums*.

Assim, as placas, enquanto *médiums* de memória, desempenham um papel fundamental na preservação e transmissão de aspectos culturais, políticos e sociais ao longo do tempo. Esses artefatos físicos, muitas vezes fixados em locais estratégicos, tornam-se testemunhos tangíveis de eventos, personalidades e realizações que marcaram determinados ritos de comunidades ou região.

Na seara política, as placas muitas vezes homenageiam líderes, ativistas ou eventos que tiveram impacto significativo na trajetória política de uma região. Elas funcionam como marcadores de momentos históricos, lembrando conquistas políticas, lutas por direitos e figuras que desempenharam papéis importantes na história política local.

No âmbito social, as placas podem destacar a contribuição de indivíduos para o bem-estar da comunidade. Isso pode incluir a homenagem a filantropos, benfeitores ou aqueles que dedicaram suas vidas a causas sociais. As placas, portanto, atuam como elementos de coesão social, reconhecendo e celebrando o esforço coletivo em prol do bem comum. Assim, é possível mapear a evolução das narrativas culturais, compreender os momentos políticos mais marcantes e analisar as mudanças sociais ao longo das décadas. Além disso, as placas podem revelar dinâmicas de poder, relações sociais e representações simbólicas que contribuem para a construção da identidade coletiva.

Em suma, como *médiums* de memória, são artefatos ricos que não apenas preservam eventos e personalidades, mas oferecem uma janela única para a compreensão dos aspectos culturais, políticos e sociais que moldaram uma comunidade ao longo do tempo.

HISTÓRIA E MEMÓRIA



4 DAS ANÁLISES E (IN)CONCLUSÕES

A ciência descreve as coisas como são; a arte, como são sentidas, como se sente que são. (Pessoa, 1994, p.3-4).

Antes da exposição a respeito dos quantitativos e análise das placas que estão presentes no CCHLA, é salutar evidenciar que, dentre o universo dos quinze cursos que compõe o centro, o curso de Bacharelado em Comunicação em Mídias Digitais (CCMD) não será evidenciado nesta pesquisa, visto que diferente dos demais cursos do centro das humanidades, o CCMD não está situado no conjunto de prédios onde estão alojados os demais cursos e departamentos.

Outro ponto que se faz necessário ressaltar, durante o período de registros das imagens das placas, o CCHLA passava por intervenções físicas nos prédios e corredores, tal ação culminou em diversos espaços vazios, visto que muitas das placas foram retiradas para manutenção predial e pintura, portanto o quantitativo de placas registradas, está aquém do real quantitativo de placas que outrora foram expostas nos corredores e alamedas, assim é possível verificar um vazio no meio da imensidão dos objetos inanimados, que dão vida e fomentam as ideias do texto que ora segue-se.

Ademais, com o objetivo de minimizar os ruídos, reflexos de indivíduos, e “poluição visual”, os registros fotográficos foram realizados nos finais de semana e períodos cujo fluxo de alunos, servidores e professores estivesse reduzido, assim, os registros foram feitos entre os dias 13 e 29 de julho de 2023, ademais, é salutar mencionar que o bloco denominado “Afeganistão” (Bloco A e blocos que compõe o complexo da pós-graduação – correspondente ao mapa do CCHLA, Figura 20) não faz parte dos prédios cuja os registros foram realizados, visto a impossibilidade de adentrar em suas dependências.

Deste modo, as fotografias das placas foram realizadas nos seguintes blocos:

- Bloco 5: os três prédios que compõe a unidade, integralmente;
- Bloco 4: os três prédios que compõe a unidade, integralmente;
- Ambiente de docentes: térreo da unidade;
- Bloco D: área externa do térreo;
- Bloco B: área externa do térreo;
- Bloco C: área externa do térreo;
- Auditórios: área externa;
- Clínica escola de psicologia: área externa.

É oportuno mencionar em que alguns dos espaços cujo acesso foi possível, notou-se um número significativamente reduzido de placas ou o espaço não as dispunha, ademais, é visto que alguns corredores e prédios, contêm uma concentração maior de placas por m², a exemplo do bloco 5, com destaque para o prédio de cor laranja escuro (Figura 20).

Ao caminhar pelos corredores do CCHLA, observar-se que além dos blocos do complexo cinco, o complexo de número quatro concentra um quantitativo bastante significativo de placas, é possível dizer que dos registros realizados, aproximadamente 95% encontram-se em ambos os complexos. Tal ação, provavelmente premeditava, talvez tenha como objetivo dar uma maior visibilidade as placas de formatura postas nos espaços em questão.

Figura 20 - Mapa do CCHLA



Fonte: CCHLA (2023)

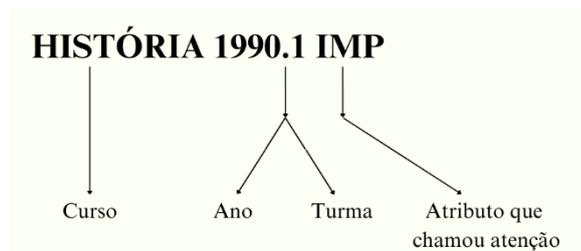
Como nota-se na Figura 20, os corredores centrais dos blocos quatro e cinco, servem como principal rota de acesso a Praça da Alegria, além de ser o caminho mais curto para chegar ao Centro de Educação (CE) e partes do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, assim, placas expostas neste corredores, detêm de uma maior visibilidade por parte de indivíduos que transitam na UFPB, visto que os corredores secundários funcionam como rotas de acesso as salas de aula, ambientes de pesquisa, e espaços mais específicos e com menor fluxo de pessoal.

4.1 REGISTROS PRESENTES: PRIMEIRAS CATEGORIZAÇÕES

Para dar início as análises documentais, a priori, objetivou-se separar as placas de acordo com os cursos presentes no CCHLA, conforme tabela 8. Visto a sequência em questão, foram criadas pastas cuja fotos das placas seriam remanejadas de acordo com a identificação dos cursos.

Após a identificação de todas as placas com o registro do curso, ano, turma e acréscimo do descritor IMP para placas consideradas de importância histórica, cultural, social, pessoal, política etc., estas foram direcionadas às pastas destinadas a cada curso, segundo sua categorização, conforme Figura 21.

Figura 21 - Exemplo do modo de categorização das placas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Salienta-se que em alguns casos, a categorização não ocorreu como expresso na Figura 21, visto que, nem todas as placas seguem um padrão de configuração, foram registrados casos em que não consta o nome do curso, identificação da turma dentre outros.

Considerando que alguns cursos não tiveram placas registradas/localizadas e/ou fotografadas, visto o quantitativo de espaços vazios nas paredes, prédios cujo acesso não foi viável, quantidade de placas que não foi possível identificar os cursos em razão do estado de conservação, número considerável de placas que compunham mais de um curso, foi necessário uma nova ordenação de pastas com vistas a contemplar as necessidades já evidenciadas.

Assim, as placas foram destinadas as pastas de acordo com a seguinte categorização e identificação (Tabela 9).

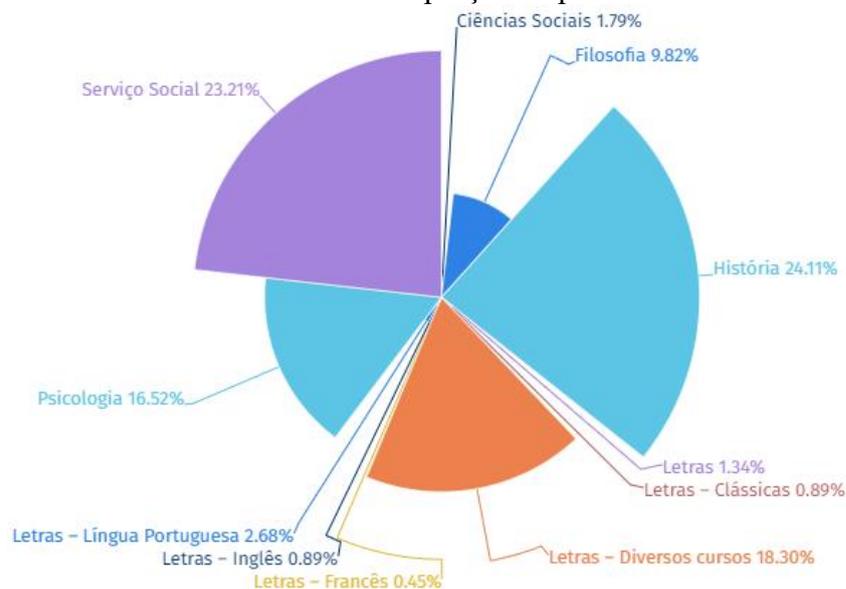
Tabela 9 - Categorização das pastas e total de placas

Curso e/ou categoria	Total
Não identificados	4
Ciências Sociais	4
Filosofia	22
História	54
Letras	3
Letras – Clássicas	2
Letras – Diversos cursos	41
Letras – Francês	1
Letras – Inglês	2
Letras – Língua Portuguesa	6
Psicologia	37
Serviço Social	52
Total	228

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Na tangente ao conjunto de placas que compõe o curso de Letras, frisa-se que uma destas é de discentes que realizaram o curso na modalidade EAD, o que nos evidencia que tal modalidade de ensino também tem aderência a tal prática cultural. Em números proporcionais, o Gráfico 3 expõe os quantitativos registrados.

Gráfico 3 - Proporção de placas



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Dentre o universo de placas registradas e catalogadas, é notório que o curso de História e Serviço Social detêm os maiores quantitativos, com 24,11% e 23, 21% respectivamente. Na outra ponta, os cursos de Letras Francês, Inglês e Clássicos apresentam os menores números com os seguintes resultados 0,45% e 0,89% para os dois últimos cursos. Neste campo, ressaltasse que existem percentuais consideráveis de placas dos cursos de letras que englobam diversas habilitações, portanto, um mesmo suporte documental com mais de um curso, prática comum na seara em questão.

Na tangente aos materiais que serviram como base para criação das placas, é possível observar os seguintes resultados (Tabela 10).

Tabela 10 - Composição física das placas

Componente físico	Total
Pedra com metal	66
Pedra com vidro	37
Cerâmica	3
Madeira	1
Metal	68
Vidro	53

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Nesta perspectiva, ressaltasse que esta análise é fundamentada de acordo com o componente onde as informações estão impressas nas placas, visto que, em parte considerável dos documentos, é possível verificar que as placas são constituídas por mais de um elemento. Portanto, a uma subjetividade nesta categorização, visto que, existem placas de vidro com componentes metálicos, contudo, esse é consideravelmente menos presente em todo o conglomerado do suporte.

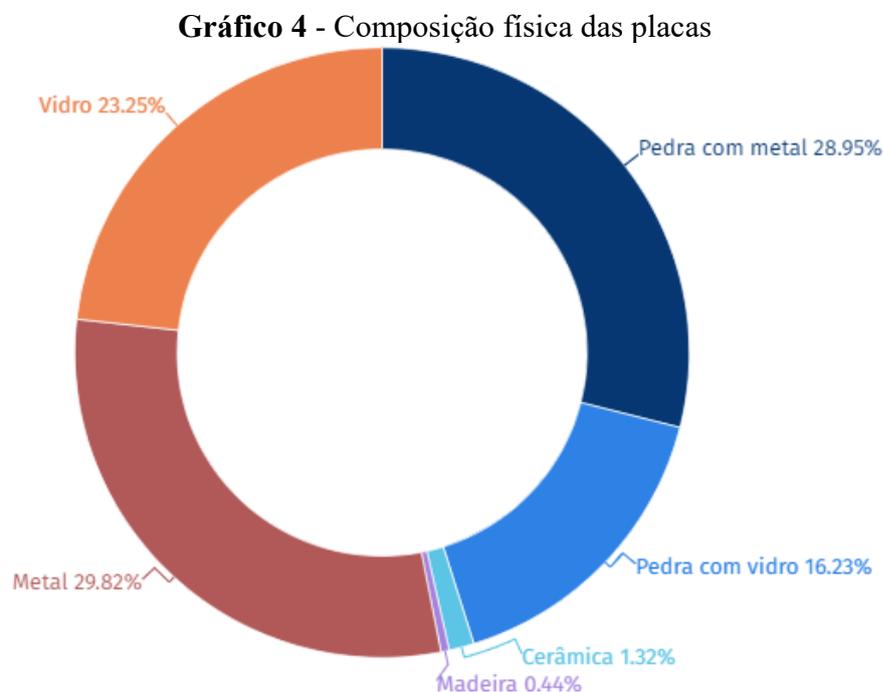
A exemplo das placas de pedra com metal, sublinhamos que o componente pedra pode ser mármore, granito ou outro, ademais é a base onde uma placa metálica de bronze, ferro, cobre e outras ligas metálicas foi anexada e serve como local para registro das informações. Pedra com vidro compartilha do mesmo mecanismo, onde a uma base comum dos elementos já citados e ouve a anexação de placas de vidro contendo informações a respeito das turmas e formandos.

As placas de cerâmica e madeira são compostas unicamente de um destes elementos e sob ele, foram cunhadas as informações presentes.

No tocante as placas de metal, estas partilham da descrição das placas de cerâmica e madeira, são compostas unicamente por um elemento e neste foi fixado as informações

relacionadas aos cursos, docentes e formandos, contudo, dentro do universo das placas metálicas, é possível uma nova categorização, onde pode-se analisar qual a liga/componente metálico que a constitui, isso pois, foram registradas e identificadas placas de alumínio, bronze, latão, ferro, cobre e outras metais, algo passível de uma nova categorização.

Placas de vidro foram categorizadas seguindo o princípio já enunciado de onde consta o registro informacional, considerando que, nesta categoria, foram registradas e identificadas placas integralmente de vidro e híbridas, compondo metal, peças de mármore, granito e outros. O Gráfico 4 demonstra os percentuais de composição dos elementos físicos das placas cujo registro foi possível.



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Ao deslumbrarmos as placas enquanto tais suportes, mecanismos de registro e acesso às informações, recordamos de Brito (2005, p. 122) ao dizer que “A escrita é a representação da linguagem, mais que do pensamento, por meio dos sinais gráficos convencionais, feitos em superfícies de diversos materiais”. Ao analisar os números em tela, devemos lembrar que centenas de outras placas estão espalhadas pelos campos universitários de todo o país, locais de acesso e pontos que possibilitam a recordação de um passo remoto.

A tradição de alocar placas, prática ritualística adotadas nas instituições públicas e privadas de ensino superior, possibilita vislumbrar o futuro, visto que “[...] a forma do futuro é vislumbrada mediante a procura de pistas no processo de desenvolvimento do passado, de forma

que, paradoxalmente, quanto mais esperamos inovação, mais a história se torna essencial para descobri como ela será” (Hobsbawn, 2021, p. 36).

Os compostos físicos, que se manifestam na sequência de dezenas de placas amplamente disseminadas tanto extramuros quanto dentro do espaço da UFPB, funcionam como um mecanismo que faz ecoar a história. Além disso, essas placas servem como âncoras para que as gerações futuras possam acessar os registros do que esteve alocado nas alamedas institucionais, tanto no presente quanto no passado.

O metal, ao longo de séculos, desempenhou diversos papéis. Desde as pontas das lanças antigas, utilizadas como armas para ferir animais e soldados em combate, até sua aplicação como impulsionador para alcançar novas tecnologias, o metal desempenha um papel fundamental. Além disso, ele serve como material para registrar informações, tornando-se uma âncora ou fonte epistêmica para diversas áreas do conhecimento.

Destarte, o vidro, componente utilizado como adorno das antigas igrejas forjadas em eras medievais, que perpassam as barreiras do tempo e hoje encantam a milhares de turistas mundo a fora, teve e tem suas aplicações cotidianas nos mais diversos espaços, nas placas de formatura da segunda década do século XXI ganham destaque e notoriedade, visto o vislumbre do corpo discente pela matéria prima que se tornou mais presente nas placas desenhadas e aplicadas nas paredes dos últimos anos.

A escrita artística presente nas placas de cerâmica podem ser consideradas em sua magnitude e completude como obras de artes e de artistas que representam a cultura local e deixam para as gerações futuras expressões que refletem a história de indivíduos e perpetuam parte da trajetória do ceramista que moldou.

Os entalhes em madeira são uma marca de Aleijadinho (1738-1814) escultor, entalhador e arquiteto do Brasil colonial, um dos grandes artistas da história do país e entidade respeitada e reverenciada mundo a fora. Nos corredores do CCHLA não há obras do renomado artesão, contudo, é presente uma única placa constituída unicamente de madeira, marcada pelo tempo, mas resistente as ações deste. Placa esta que representa a linguagem sob diversos aspectos e características. Forma de representação histórica e fonte memorial.

Ao longo do tempo, observamos uma variação nos materiais utilizados na construção e objetificação das placas, evidenciando uma adaptação dos compostos físicos às características do pretérito presente. Esse processo de mudança, comum em vários suportes informacionais, oferece diversas perspectivas investigativas. A aplicação desse princípio não se limita apenas ao aspecto material, mas estende-se a uma possível análise baseada em princípios antropológicos e historiográficos, permitindo uma compreensão mais profunda de como os

estudantes buscam modernizar as formas de representação das conquistas acadêmicas diante das transformações nos suportes informacionais.

Nesta concepção, a CI pode deleitar-se visto seu interesse difuso nos estudos e compreensão a despeito dos suportes informacionais, Borko (1968, p. 3), nos refere-se a CI como uma:

[...] disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo e os meios de processamento para otimizar sua acessibilidade e utilização. Relaciona-se com o corpo de conhecimentos relativo à produção, coleta, organização, armazenagem, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação.

Já “[...] a memória compreendida sob a dimensão cultural pode abarcar fronteiras de outras disciplinas que têm o passado como material de estudo, como a História, a Arqueologia, a Ciência da Informação” (Dodebei, 2010, p.14), nesta concepção, é nítido que as placas podem servir como fonte informação para revelar dinâmicas sociais e culturais em ação conjunta e investigativa aliada aos métodos diversos campos científicos.

Ainda na tangente aos estudos da memória no campo da CI, Silva e Oliveira (2014, p. 139) dizem que

O que vai interessar ao cientista da informação no campo memorável são as “informações potenciais” produzidas nos traços das atividades rememoradas, na medida em que o cientista da informação não pode se curvar a uma evocação temporal da memória em sua totalidade existencial da História e trazer para seu universo essa única possibilidade como um fator imutável ou historicizante.

A interdisciplinaridade e a habilidade de absorção da CI, juntamente com seus eficazes mecanismos de investigação de informações potenciais, possibilitam uma abordagem mais abrangente na análise da história e da memória. Através da exploração de indícios e traços, é possível reconstruir a história e a trajetória com maior profundidade e precisão. “De todo modo, tanto a história como a memória têm uma atitude retrospectiva e não se pode dizer qual delas tem prioridade [...]” (Nascimento, 2019, p. 28).

Nascimento (2019) destaca a natureza retrospectiva tanto da história quanto da memória. A palavra retrospectiva sugere que ambas as disciplinas estão voltadas para o passado, buscando compreender eventos, experiências e contextos anteriores. No entanto ainda na concepção da autora, não se pode determinar qual delas tem prioridade. Isso sugere uma reflexão sobre a relação complexa entre história e memória.

Enquanto a história geralmente é associada à narrativa objetiva e acadêmica dos eventos passados, a memória muitas vezes envolve as experiências subjetivas e as interpretações

peçoais desses eventos. A ausência de uma prioridade clara entre história e memória pode indicar que ambas desempenham papéis distintos e complementares na compreensão do passado, cada uma contribuindo de maneira única para a nossa compreensão coletiva e individual da história.

Nesta concepção, placas de formatura são, como já dito, objeto de registro de informação, factível de registros do passado/presente, objeto historiográfico que fundamenta e evocação de memórias individuais e coletivas.

Nascimento (2019, p. 29-30), exprime que “[...] a memória na Ciência da Informação não é meramente exteriorizada e passivamente histórica, mas ela é produzida, potencializada em uma organização mnemônica, do eu para o outro, e do outro para o todo na medida em que estiver em uma ordem possível, representada, tratada”. A memória dentro do campo da CI, não é apenas um registro passivo e externo de eventos históricos, mas sim um fenômeno ativo que é produzido e potencializado.

Nesse contexto, a memória é vista como algo mais do que simplesmente uma lembrança do passado; ela é construída, ampliada e organizada de maneira mnemônica, sugerindo que a memória é estruturada de uma forma que envolve uma ordem específica e representa um processo ativo de organização e tratamento das informações.

Além disso, a natureza relacional da memória ao mencionar sua transição "do eu para o outro, e do outro para o todo", sugere que a memória é um fenômeno social que é compartilhado e interconectado entre indivíduos, contribuindo para a formação de uma memória coletiva ou cultural. Na CI, a memória é sujeita a uma estrutura lógica de ordenação, representação e estruturação lógica, com vistas a possibilitar uma compreensão e disseminação interativa, onde a construção, organização e compartilhamento ativo desempenham papéis centrais.

A memória na Ciência da Informação traz em sua entrelinha “os traços informacionais” através da organização da matéria no processo de representação da informação, possibilitando uma eficácia no processo de recuperação da informação, ou seja, um limiar informático que permite a evocação de uma “informação revitalizada” na medida em que atende a sua principal função que é a de recuperar para informar (Silva; Oliveira, 2014, p. 136).

Neste sentido, as placas servem como base de registro para evocação do não dito ou observado, analisar tais documentos sob a prisma da CI categorizando-as nos permite acessar traços ainda não vistos e evidenciados, a “Informação contida nos objetos do cotidiano, enquanto fenômeno cultural é identificada e localizada de acordo com o estado que tais manifestações se apresentam para o seu receptor, já que é ele que vai constatar seus limites e contornos” (Nascimento, 2019, p. 97).

4.2 HISTÓRIA, CULTURA, POLÍTICA E MEMÓRIA: INDÍCIOS, O QUE REVELAM?

A restrição na documentação de todas as placas presentes no CCHLA, seja pelo limitado acesso aos prédios ou pela remoção das placas, nos impõe um cenário onde o conjunto de 228 placas identificadas para análise é notavelmente amplo. Assim, a necessidade de definir critérios claros para a análise desse extenso material é evidente. Com o objetivo de contemplar a diversidade, foi priorizada a seleção de dois exemplares representativos de cada categoria de elementos presentes nas placas: físicos, sociais, iconográficos, informacionais e textuais.

A seleção foi, portanto, guiada por uma análise focada nestas características distintivas, sem se limitar a critérios preestabelecidos. As placas escolhidas para o estudo destacam-se por suas propriedades particulares em cada um desses aspectos, assegurando uma investigação detalhada e abrangente. Os registros que prosseguem refletem essa metodologia criteriosa, ressaltando as facetas mais marcantes das placas em exame (Tabela 11).

Tabela 11 - Placas compostas por diferentes elementos físicos

Elemento físico	Curso	Ano	Turma
Pedra com metal	Serviço Social	1988	2
	História	1985	1
Pedra com vidro	História	—	—
	Serviço Social	2005	2
Cerâmica	Filosofia	1986	1
	Psicologia	1989	1
	Letras	2011	
Madeira	Letras	2002	1
Metal	História	1987	2
	História	1991	2
Vidro	Letras	2016	2
	Serviço Social	2009	2

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

A primeira placa selecionada, do curso de graduação em Serviço Social, ano de 1988 turma 2 foi escolhida por duas características que chamaram a atenção: denominação da turma, homenageando a ilustríssima cidadã uiraunense Deputada Federal e ex-prefeita de São Paulo a senhora Luiza Erundina de Sousa – é salutar dizer que o nome da senhora deputada está escrito de forma errada, o Sousa está registrado com Z, não S – outro ponto, foram as marcas de pichação presentes na placa.

José Octávio de Arruda Melo é o nome dado a turma de História do ano de 1985.1, o imortal do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), também professor, jornalista, escritor e historiador, nascido em João Pessoa foi causa motriz para escolha da placa, visto suas contribuições para história e cultura local.

História se entrelaça com os enredos da vida de forma indissociável, visto que a história é o fruto das vivências sociais e coletivas, a primeira placa de pedra e vidro cujo ano e turma não são registrados foi escolhida em razão da placa de liga metálica do curso de história, do ano de 1987 turma 2 ter uma frase cuja o dizer é “Homenagem a um cabra marcado para morrer”, frase certamente impactante e que causa curiosidade, nos faz querer descobrir quem é o cidadão marcado para morrer, algo que nos debruçaremos mais adiante.

As fotografias têm o poder único de capturar e preservar momentos específicos no tempo, tornando-se registros visuais que refletem as marcas do passado. Essas marcas do tempo em fotos podem manifestar-se de várias maneiras, oferecendo *insights* emocionais, históricos, culturais, políticos e sociais. A segunda placa de pedra e vidro foi selecionada pela fotografia que está escrutada entre ambos os suportes, caracterizada pelo desbotamento e amarelamento, características inerentes ao passar do tempo, mas que não foi capaz de minimizar as expressões passadas pelos indivíduos.

A escolha das placas de cerâmica e madeira deu-se de forma quase que compulsória, visto o reduzido número de placas compostas por estes elementos, razão pela qual optou-se por aglutinar todas as 3 placas do primeiro, visto que o segundo elemento só dispunha de um registro.

Turma Pedro Teixeira, “*Homenagem a um cabra marcado para morrer*”, impactante, e causa de curiosidade, a primeira placa de metal selecionada traz a menção em destaque e motivação para escolha.

O perfil de um rosto indígena com o dizer “*América Latina Livre*” nos remete a diversos pensamentos, questionamentos como: quem acorrenta? Quais grilhões podem segurar um conjunto de países? Tais perguntas são a resposta para a escolha da última de metal, concebida pelo curso de história do ano de 1991.2.

As marcas da ação do tempo são características em muitas das placas, mas qual ação pode ser identificada? Podem-se destacar oxidação, manchas, cupim, desbotamento, causas naturais e representem em muitos objetos, contudo além das marcas naturais, a ação humana proveniente de protesto, vandalismo, descuido também é característico, pixação é recorrente nas placas, vidro quebrado é comum no elemento, as causas são difíceis de serem precisamente denunciadas, mas são características que não passam despercebidas.

Os pontos ressaltados, serviram como força *motriz* que desencadeou na placa de Letras do ano de 2016.2, documento marcado pelas ações do homem e tempo.

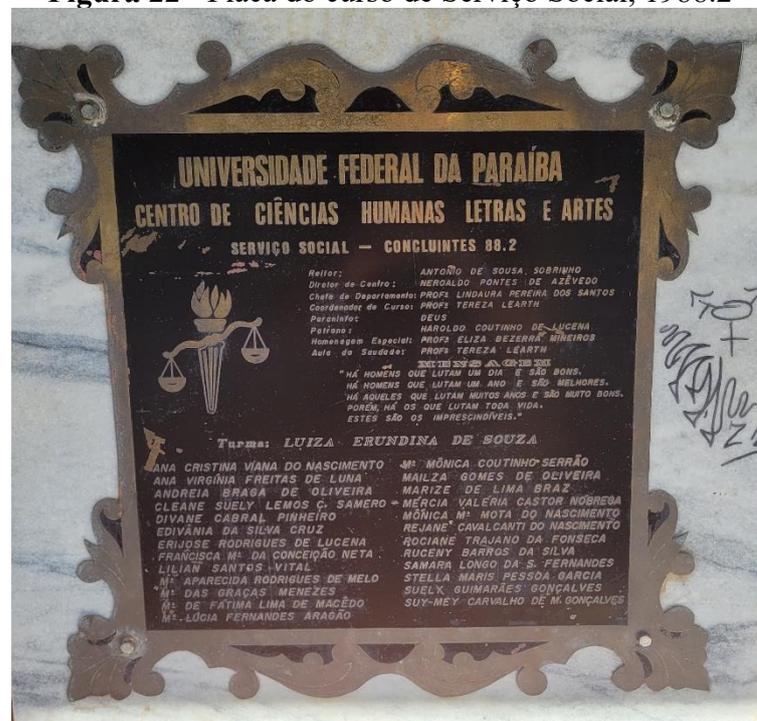
Liberdade, pluralismo, democracia, justiça social, diversidade, direitos humanos e outras palavras são destaque na placa de Serviço Social, ano de 2009 turma 2, representação bastante significativa do curso e com potencial investigativo considerável, motivo de escolha da placa em questão.

4.2.1 Entre ilustres e anônimos: narrativas ocultas e destinos brilhantes

Personalidades, como políticos, artistas, escritores e pensadores, são indivíduos a quem facilmente podem ser atribuídas homenagens, seja em placas de formatura, prédios e repartições, ou vias públicas. Esses mecanismos servem para lembrar e perpetuar a memória de cidadãos que, de algum modo, merecem certo destaque.

Sob está prisma, para o curso de Serviço Social do ano de 1988 turma 2, a então Deputada Estadual do estado de São Paulo pelo Partido do Trabalhadores, Luiza Erundina de Sousa mereceu esta posição, visto a Figura 22.

Figura 22 - Placa do curso de Serviço Social, 1988.2



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Neste texto, não podemos destacar especificamente o motivo que levou o corpo discente em questão a homenagear com o nome da turma a Deputada, contudo podemos compreender que a cidadã tem contribuições e relevante ação no percurso de sua trajetória, ademais a formação da homenageada ocorreu no mesmo curso e universidade.

Outro ponto que podemos destacar é referente a frase atribuída a Bertolt Brecht que está presente na placa “Há homens que lutam um dia e são bons, há outros que lutam um ano e são melhores, há os que lutam muitos anos e são muito bons. Mas há os que lutam toda a vida e estes são imprescindíveis”, é possível relacionar a citação do autor a trajetória da homenageada, visto sua ação política e combativa na tangente a lutas e questões sociais.

A exemplo, a nível de parlamentar federal (Câmara do Deputados, Biografia: Luiza Erundina), podemos destacar algumas das frentes as quais sua atuação ocorreu nos últimos anos:

- Reforma Política com Participação Popular;
- Segurança alimentar e nutricional;
- Defesa das cidades de regiões metropolitanas e aglomerados urbanos;
- Em defesa dos aposentados e pensionistas;
- Em defesa da Igualdade Racial;
- Em defesa da economia solidária no Brasil;
- Agricultura Familiar;
- Em defesa da terra, território e biodiversidade: agricultura familiar camponesa, reforma agrária e desenvolvimento sustentável;
- Em defesa do serviço público;
- De apoio aos agentes comunitários de saúde e agentes de combate às endemias;
- Mista em defesa da cultura;

Tais ações na seara política, podem servir como justificativa para levar tal personalidade a ter seu nome entre o hall de homenageados, outro ponto que não pode ser negligenciado é sua naturalidade, Luiza Erundina de Sousa é pessoa paraibana e com notória visibilidade no cenário nacional.

Ainda na tratativa da placa em tela, as pichações não podem passar em branco, essa forma de expressão urbana que envolve a aplicação de inscrições, desenhos ou grafites em espaços públicos ocorre muitas vezes de maneira não autorizada, compreendemos que a pichação é uma prática com raízes históricas e culturais, que também gera debates significativos sobre a arte, o espaço público e os limites da expressão.

Assim como a placa em evidência, dezenas de outros documentos da mesma espécie foram vítimas de ações que deturpam a natureza simbólica das placas, agredindo sua função de demonstrar aspectos característicos de formandos e passando a compor em seu espaço novas concepções, ao serem sobrepujadas por marcas externas a sua função basilar, placas de formatura não perdem seu sentido comemorativo e informativo, mas passam a reverberar um novo questionamento.

A pichação é frequentemente vista como uma expressão de cultura urbana e uma forma de protesto ou afirmação social. Muitos artistas de rua argumentam que essa prática é uma maneira de dar voz a grupos marginalizados ou de expressar insatisfação com questões sociais, contudo, até que ponto essa forma de expressão é vista como regular ou fere os direitos de outros indivíduos?

A dicotomia entre arte e vandalismo é uma linha tênue na tangente ao universo de pichações, nas placas de formatura, não podemos observar uma esfera artística, visto que são marcas sem caracteres coerentes ou significativos, a placa em análise trás símbolos que podem representar a violação de um espaço pessoal/coletivo a seus idealizadores e progenitores, mesmo em se tratando de um espaço público, os muros da UFPB e as placas que os constituem, quando pichadas são violados e representam em alguns casos a deturpação de uma ordem natural de informações.

Neste contexto, a placa documentada na Figura 22 abre caminho para várias indagações. O aspecto inicial a ser destacado é o gesto de homenagear figuras políticas, reconhecendo suas contribuições ou iniciativas sociais. Esse registro desperta a curiosidade acerca dos motivos que levaram à escolha de tal personalidade para a homenagem, um questionamento que, infelizmente, permanece sem resposta neste texto.

Por outro lado, a deflagração de agressões ao suporte documental e monumental, sugerem que indivíduos que pertençam ou não a mesma comunidade não demonstra apreço e respeito aos espaços de memória e história, em muitos casos, a pichação é uma “[...] busca de visibilidade social (o ‘ibope’) [...]” (Ceará; Dalgalarro, 2008, p. 286), contudo, a busca por tal visibilidade esbarra na invasão de espaços antes ocupados por monumentos ou instrumentos sociais.

Desta feita, as pichações presente despertam curiosidade a respeito do quem as constituiu, visto que, o ambiente onde as placas ora estão afixadas faz parte de um complexo de prédios institucionais de uma instituição de ensino superior, casa de criação e difusão do saber, assim, poderíamos voltar nosso olhar a um novo questionamento, são os próprios discentes que cometem tais ações de vandalização do espaço? Larruscahim e Schweizer, (2014, p. 18) dizem

que “O pixo, como aqui é discutido constitui apenas como uma das várias expressões da cultura popular no contexto desigual [...]”, disto isto, vários questionamentos podem ser levantados, dentre eles, as marcas na placa em tela seriam atos de luta contra opressões institucionais, uma manifestação em busca da obtenção de melhores políticas públicas para manutenção e por conseguinte diminuição da evasão discente das instituições de ensino?

Larruscahim e Schweizer, (2014, p. 28) questionam “[...] até onde a pixação poderá ou não seguir por uma estrada emancipatória e como os pixadores poderiam exercer um papel proativo nesse processo, seja criando situações adequadas aos seus interesses e necessidades, bem como sendo porta-vozes diretos de suas demandas”, compreendemos a pichação como uma manifestação artística e cultural, mas, ao observarmos que *médiums* e artefatos que registram memórias são vandalizados, podemos questionar os limites de tais ações.

A placa da turma de Serviço Social do ano de 1988.2 permanece como mecanismo que possibilita a rememoração de histórias passada e vividas, contudo, hoje carrega outras marcas que representam ações não características da mensagem original.

4.2.2 O historiador: crônicas narradas na trilha da jornada

Partindo para análise da segunda placa, mas ainda na esfera da exposição de indivíduos, a placa do curso de História do ano de 1985 turma 1 denominada de turma: José Octávio de Arruda Mello é nosso objeto.

Segundo o Portal Paraíba criativa, fruto de um Programa de Extensão do curso de graduação em Turismo, do Centro de Comunicação e Artes (CCTA), o professor:

José Octávio, no decorrer de sua vida profissional, tem desempenhado inúmeras atividades ligadas à área cultural do Estado, destacando-se: Coordenador do Setor de Tele-educação da Paraíba; Diretor Geral de Cultura; Diretor de Pesquisa e Programação Cultural da Fundação Casa de José Américo; Coordenador do V Festival de Verão, realizado em Areia (1980); membro do Conselho Estadual de Cultura; membro da Comissão Organizadora e Secretário Executivo das Comemorações do Centenário do Presidente João Pessoa; Diretor executivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba; membro da Academia Paraibana de Letras; [...] Diretor executivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Paraíba Criativa, 201?, local. 1).

Em sua biografia ainda constam outras ações como publicação de artigos e livros, idealização de prefácio de diversas obras, editor de revistas e outros, um homem da cultura e história.

Figura 23 - Placa do curso de História, 1985.1



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Além do nome da turma, a placa presente na Figura 23 também dispõe de uma longa lista de homenageados, pessoas que dispuseram de um papel com determinada importância e relevância para os historiadores outrora formados.

Observa-se também, que o suporte documental é vítima de diversas ações que implicam em sua deterioração, sofrendo assim uma perda substancial de dados em detrimento as marcas, sejam por ações provenientes de vandalismo, manuseio inadequado durante eventuais retiradas do seu espaço, bem como, nota-se que parte do mármore da lateral esquerda inferior está quebrado, algo que prejudica sua sustentação.

A história da placa em questão pode nos suscitar diversos questionamentos, entre estes, quem foram todos os homenageados, onde estão os profissionais formados, cada nome ali escrutado representa uma história, memória de indivíduos que em determinado momento se cruzaram.

Entretanto, José Octávio é o personagem com maior destaque entre os nomes citados, o bacharel em direito e licenciado em história, bem como mestre e doutor neste último, dedicou sua vida ao estudo e ensino da área. Como fruto se deu trabalho, podemos destacar as seguintes produções:

Quadro 4 - Livros escritos pelo professor José Octávio

Nome da obra	Tipo de obra
A Paraíba por si mesma	Livro
História da Paraíba	Livro
História da Paraíba: lutas e resistências.	Livro
Sociedade e poder político no Nordeste - o caso da Paraíba (1945/64)	Livro
Cristianismo e diplomacia no brasil contemporâneo	Livro
A dimensão global - formação do movimento brasileiro de 64	Livro
História e debate na Assembleia da Paraíba	Livro
A presença italiana no Brasil	Livro
Jose Honorio Rodrigues - um historiador na trincheira	Livro
O jogo da verdade - revolução de 64 / 30 anos depois	Livro
Paraíba - conquista, patrimônio e povo - por uma seleção de autores	Livro
poder e política na Paraíba - uma análise das lideranças 1960/1990	Livro
A revolução estatizada - um estudo sobre a formação do centralismo em 30	Livro
Os coretos no cotidiano de uma cidade - lazer e classes sociais na capital da paraíba	Livro
Violência e repressão no Nordeste (1825/32)	Livro
João Pessoa Perante a História - textos básicos e estudos críticos.	Livro

Fonte: Mello (2015)

O Quadro 4 nos expressa de forma bastante concisa a relação de José Octávio de Arruda Melo com a história e seus estudos, sobretudo no escopo do cenário paraibano, é salutar mencionar que, ademais, o professor Octávio dispõe de uma vasta lista de outras publicações, como já mencionado, em formato de artigos, capítulos de livros e resenhas. Destacamos ainda o interesse por estudar os fenômenos políticos e sociais, evidente nos títulos das obras.

A placa, assim nos revela o interesse de seus idealizadores em dar ainda mais visibilidade a um personagem que tem contribuído com a história e memória, característica presente em muitos dos monumentos registrados, forma adotada para fazer lembrar dos docentes que contribuíram com a UFPB, mas além disso, pessoas que contribuíram com a Paraíba.

4.2.3 Registro perpétuo: entre o eco da memória e o silêncio do apagamento

A primeira placa de mármore – pedra – e vidro, pertencente ao curso de história cuja identificação da turma e ano não é registrada possui uma forte ligação com outro documento a ser abordado posteriormente. A placa de metal do ano de 1987.2 traz menções a um mesmo indivíduo, neste caso, escolhemos abordá-las em um único tópico.

Visto o recente exposto, trazemos para discussão a placa do curso de Serviço Social do ano de 2005.2, representado pela Figura 24.

Figura 24 - Placa do curso de Serviço Social, 2005.2



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Um aspecto que chama atenção na figura 24 diz respeito ao apagamento, em sentido literal as marcas do tempo presentes na foto que registra a turma de concluintes. Monteiro e Carelli (2007, p. 2) dizem que:

Desde sua concepção, os museus, as bibliotecas e os arquivos foram considerados como lugares da memória da humanidade, pelo que, a perspectiva da memória é vista como preservação. Ao preservar documentos, os lugares da memória guardam materialmente a memória de um povo, de uma cidade, de um país e, com isso, a Ciência da Informação desconsiderou um importante aspecto da memória: o esquecimento.

Desta feita, poderemos considerar e destacar alguns pontos, o primeiro relacionado ao entendimento de que além dos citados museus, bibliotecas e arquivos, existem outros locais que podem ser consagrados e considerados como lugares de memória, dentre os quais, espaços a céu aberto, pequenos documentos e monumentos, neste contexto, destacamos nosso objeto de investigação. O segundo ponto é que na concepção dos autores está aquém do campo de evidência da CI é o esquecimento.

Ferreira e Amaral (2004, p. 138) ressaltam que:

A memória não pode existir sem o suporte técnico, como algo puramente cerebral; o passado não pode sobreviver sem os suportes técnicos que nos inscrevem numa determinada cultura, tradição. Posto que a memória não é possível sem artificios como a linguagem, a escrita, falar de memória é falar de esquecimento.

O esquecimento, como evidenciado pode estar atrelado a ausência de mecanismos que possam representar e cristalizar a memória por meio de registros, contudo, vale ressaltar que, além da cristalização da memória por meio da materialização dos registros, é necessário um cuidado com este suporte, o esquecimento e apagamento da memória podem ser consequências de ações que não possibilitam a manutenção do suporte.

A memória nos permite lembranças de acontecimentos, ações e realizações, os objetos consagrados como espaços de recordação assim, funcionam como mecanismos que nos permitem acessar as memórias e lembrar das ações passadas. “A lembrança e o esquecimento são componentes da memória, um não existe sem o outro, no processo de atualização do passado, quando evocado” (Ribeiro 2007, p. 1).

A figura 24 nos remete ao apagamento da memória outrora cristalizada, observamos que parte das feições dos rostos dos indivíduos já não pode ser acessada do ponto de vista material. Ao realizar um recorte da imagem da placa, retirando-o do contexto macro, a Figura 25 sequer possibilita a visualização de algumas feições e contexto.

Figura 25 - Recorte da imagem presente na placa do curso de Serviço Social, 2005.2



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Quando analisado em sua totalidade, verificando os nomes, as características inerentes as placas como turma, concluintes, dados institucionais, é possível inferir do que se trata, mas se retirado do contexto, dificilmente poderíamos compreender o significado da imagem.

Em uma situação hipotética, ao apresentar o recorte da foto registrado na Figura 25 aos membros da turma em questão, poderíamos constatar uma possível dificuldade na identificação das personagens em tela, isso, se o indagado for um sujeito que não manteve contato e não tinha proximidade com as pessoas em destaque.

Santo Agostinho explica em “Confissões”:

Que é esquecimento senão a privação da memória? E como é, então, que o esquecimento pode ser objeto da memória se, quando está presente, não me posso recordar? Se nós retemos na memória aquilo de que nos lembramos, e se nos é impossível, ao ouvir a palavra ‘esquecimento’, compreender o que ela significa, a não ser que dele nos lembremos, conclui-se que a memória retém o esquecimento. A presença do esquecimento faz com que o não esqueçamos; mas quando está presente, esquecemo-nos (Santo Agostinho, Livro X, 16.24).

O estar presente e não poder recordar pode estar associado a diversos fatores, seja uma doença que afete nossa capacidade memorativa ou danos a um suporte que registre algo que fez parte de nossa realidade. Assim, compreendemos que o esquecimento, proveniente do apagamento, é caracterizado por uma combinação de elementos, incluindo alterações no suporte original e a própria incapacidade do ser humano de recordar *ipsis litteris* das ações passadas.

A placa em discussão representa significados e lembranças distintas para cada um de seus componentes; suas vivências influenciam na presença do esquecimento de cada nome registrado. As ações de degradação, sejam naturais ou não, implicam em danos aos meios de acesso à memória, afetando o modo como a cristalização se mantém perpetuada.

4.2.4 Da terra à memória: a beleza cristalizada

No contexto das placas físicas em cerâmica, registram-se três exemplares ao longo do espaço do CCHLA, ademais destaca-se o viés artístico das obras e o notável estado de conservação do suporte documental. É relevante salientar que duas das três placas, datadas da década de 1980, encontram-se em excelente estado de preservação física.

Dentre outros pontos que podem-se destacar em tais documentos, um dos quais mais chama-nos atenção é a beleza e o viés artístico imbuído em cada suporte. Nota-se evidentemente a presença impregnada de um cunho visual cuja objetivo é representar uma beleza singular.

Traçados, formatos de moldura, linhas ordenadas que causam a impressão de criar uma barreira entre a informação gravada e as arestas da placa, desenhos que lembram aspectos da cultura local, composição das cores, além de elementos que remetem a graduação, são alguns dos pontos que mais chamaram atenção.

Este aglomerado de dados e seus conjuntos formam as três únicas placas em cerâmica que, em nossa concepção, merecem uma maior notoriedade visto alguns pontos:

- Valorização da cultura local;
- Valoração de artistas e profissionais regionais;
- Maior durabilidade e resistência as ações do tempo;
- Nítida manifestação da presença artística.

Quando observado a composição física das placas, já evidenciado no gráfico 4, a proporção de 1,32% do quantitativo total é bastante irrisória, não podemos afirmar o que leva a escolha por outros suportes, se questões relacionadas aos valores atrelados a concepção, ausência de artistas e profissionais que realizam tais produções, não conhecimento sobre a possibilidade de concepção de placas neste suporte, ou outros, mas, destacamos que uma mudança ou ampliação do números de placas em cerâmica seria interessante.

Ao conceber-se mais placas em cerâmica, haveria uma valorização maior da cultura e artistas locais em detrimento das grandes empresas responsáveis pela construção de grande parte das placas idealizadas nas instituições nos dias de hoje. Como exemplo, citamos o artista, pintor, escultor e gravurista Clovis Júnior, aderente ao estilo de pintura Naif¹⁷ e idealizador da placa do curso de Letras.

O educador artístico formado pela UFPB (Clóvis Junior, Paraíba Criativa, local. 1) dispõe de telas espalhadas por diversos locais entre eles o hall da taquigrafia da Câmara dos Deputados, Câmara Hoje (2012, local. 1):

A tela “Arte e povo no poder”, de 22 metros quadrados, é a mais nova obra de arte do acervo da Câmara dos Deputados. O quadro em arte naif, arte que é produzida por artistas sem preparação acadêmica, foi pintado pelo artista plástico Clóvis Júnior e pode ser conferido no hall da Taquigrafia da Câmara.

A tela “A arte no poder” evidencia aspectos do povo brasileiro com suas cores, expressões, multiculturas, representação da fauna e flora, o poder emanando do povo através de pessoas abraçando ambas as cúpulas da casa legislativa, nosso folclore e diversas outras facetas do povo brasileiro.

Ao vislumbrarmos que tal expressão da arte está em evidência em diversos espaços, podemos indagar o motivo pelo qual existem poucas placas de formatura de cerâmica, não se

¹⁷A arte *naif*, ou ingênua, é um estilo artístico caracterizado por simplicidade e espontaneidade. Destaca-se por representações diretas, cores vibrantes e temas do cotidiano. Com uma abordagem ingênua, os artistas *naif* evitam detalhes refinados, optando por uma expressão autêntica e única.

trata de expor unicamente um artista, mas uma das formas de expressão e manifestação da arte externalizada através das placas.

A festa de cores proposta pela arte de Clóvis Júnior ultrapassa os aspectos físico/óptico e fisiológico/visual, atingindo a esfera da sensível matéria pictórica. A sua cor atinge a alma do observador pelo impacto visual causado e pela maneira como as formas estilizadas interagem com uma plenitude de cores que fala profundamente, pois está impregnada de densa humanidade (Paraíba Criativa, 20??, p. 1).

As cores, formas e curvas presentes em todas as placas compostas em cerâmica nos saltam os olhos, seja pela simplicidade dos detalhes ou pela densidade de informações visuais que nos impacta diretamente. Somos atingidos e inebriados pelo desejo de olhar e evidenciar o detalhe mais negligenciado.

No tangente ao universo presente e registrado, outro ponto que merece destaque está relacionado as mudanças nos padrões de concepção das informações imbuídas no suporte documental. Ao analisarmos placas compostas fisicamente por outros elementos, é nítido a pungência de outras informações textuais impregnadas no suporte.

Quando paramos para analisar e comparar as placas de cerâmica, observamos uma redução significativa no quantitativos de elementos textuais, ocasionado provavelmente pelo método de cunho das placas, visto ser uma atividade manual e artesanal, a padronização não é possível, bem como uma ordenação e distribuição das informações escritas no suporte.

Com o intuito de proporcionar clareza e aprimorar a compreensão do que foi recentemente abordado, o Quadro 5 apresenta uma lista de elementos textuais presentes e característicos em placas e outros suportes. Ao observar a ausência de diversos elementos em determinadas placas, torna-se evidente a existência de uma clara distinção em relação aos demais suportes.

Quadro 5 - Elementos textuais presentes nas placas de cerâmica

Elemento \ Placa	Filosofia	Psicologia	Letras
Nome da Instituição / Sigla	✓	✓	✓
Centro			✓
Departamento			✓
Curso	✓	✓	✓
Reitor			✓
Vice-reitor			
Grau	✓	✓	
Formandos	✓	✓	

Coordenador			✓
Chefe de departamento			✓
Professor homenageado			✓
Homenageado		✓	
Patrono			
Comissão de formatura			
N° da Tuma	✓	✓	
Ano	✓	✓	
Período			
Epígrafe	✓		
Paraninfo			
Orador			
Agradecimentos			
Nome da turma		✓	✓

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

A inclusão de menos elementos textuais chama atenção para os nomes dos discentes e os desenhos e detalhes das placas, contudo, a ausência pode representar uma perda significativa de informações e dificulta a identificação de elementos essenciais, a exemplo, a placa do curso de letras não dispõe do ano da turma.

Figura 26 - Placa do curso de Letras



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Ao analisarmos a assinatura de Clovis Júnior, idealizador da obra, é possível afirmar que a placa foi concebida no ano de 2011, assim inferir que a turma seja do mesmo ano, entretanto, a ausência de outros elementos nos impossibilita apontar e afirmar tal informação.

Nesta esteira, ponderamos e compreenderemos a importância do destaque ao corpo discente, contudo pontuamos a ausência de informações essenciais como ano de conclusão do curso, número da turma, grau – bacharel ou licenciatura – tais informações possibilitam caracterizar no espaço e tempo a turma em questão.

A segunda placa que trataremos neste tópico é ainda mais simples em sua concepção, mas não menos bonita, representativa ou importante para nosso estudo. A placa do curso de Psicologia do ano de 1989.1 traz poucos elementos textuais, como observasse na Figura 27

Figura 27 - Placa do curso de Psicologia, 1989.1

U. F. Pb. PSICÓLOGOS 89.1 TURMA: CHICO MENDES HOM. PÓSTUMA: DIRCEU P. MALHEIROS	
FORMAÇÃO:	LICENCIATURA:
ADRIANA DE FARIAS CAVALCANTI	ANA CARMEN RIBEIRO SIMÕES
BENEDITA MARTA FARIAS DE OLIVEIRA	ANA LÚCIA BARROS DE ARAUJO
CLEIDE PEREIRA MONTEIRO	ANGÉLICA MARIA D. AMORIM
DIONE MENESES DA COSTA	BENEDITA MARTA F. DE OLIVEIRA
ELIANE TORRES DE MOURA	DENISE MEDEIROS B. CAMBOIM
GIOVANE J. LIRA DE OLIVEIRA	EDNE BARBOZA SOARES
HILDA QUELI DO NASCIMENTO	FRANCISCA DE FÁTIMA S. BANDEIRA
JAIRO SILVA LEAL	GISELIA MELO DOS SANTOS
JANETE M. PORDEUS DA SILVA	JORGE LUIZ DA SILVA CUNHA
JAQUELINE BRITO DA SILVA	JOSELÍCIA TARGINO PONTES
MARIA ADRIANA FELIX ARNAUD	KLEBER DE ARAÚJO
MARIA DE FÁTIMA FONSECA	LAWRENCITA LIMEIRA ESPINOLA
MARIA DE FÁTIMA SILVA DE LIMA	MÁRCIA M. PORTO DE F. GONÇALVES
MARIA DAS GRAÇAS R. DE CARVALHO	MARIA CLOTILDE H. TAVARES
MARIA DE JESUS MENDES FELIX	MARIA DE FÁTIMA AMORIM
MARIA JOSILEIDE EDEUMA MORAIS	MARIA DAS GRAÇAS L. BORGES
MARIA ZORAIDE FERNANDES	MARIA LUSITANA RODRIGUES
MARILEIDE MACIEL MACHADO	MARIA DO SOCORRO T.R. TAVARES
MIRTES CARVALHO MACHADO	MARIA VALDENI TOLENTINO
NELSON DO RÊGO BARROS	MIOSOTIS GOMES DE O. L. DE SOUZA
RAQUEL MARTINS AMORIM	NELYA CLÁUDIA CAVALCANTI ADOLFO
SANDRA GOMES ENGELHARDT	ROSEANE B. DE ARAUJO
SORAIA JORDÃO ALMEIDA	SANDRA M. ACIOLY PEDROSA
VALÉRIA ROGÉRIA C. DA SILVA	SANDRO ALEX FERREIRA
VILMA DOS SANTOS	SILVIO PEREIRA FELINDO
	VALDINEY VELOSO GOLVEIA
	VÂNIA MARIA B. DE ALMEIDA
	WILMA DE FÁTIMA C. BEZERRA

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

A ausência de alguns dados comuns como os já evidenciados no quadro número 5, é algo pungente na Figura 27, observa-se apenas a distinção entre os dois tipos de graduação (bacharel ou licenciatura), nome da instituição, curso, turma contendo uma menção bem como homenagem ao seringueiro, sindicalista, ativista ambiental brasileiro Chico Mendes e uma homenagem póstuma.

Os escassos elementos presentes podem servir de inspiração na busca pela compreensão das personalidades homenageadas e destacadas, buscando estabelecer uma conexão entre esses nomes e outros já mencionados. Esses elementos textuais incitam a reflexão sobre as questões políticas e as discussões sociais refletidas nas placas. Questionamo-nos se todos os homenageados foram homens e mulheres que lutaram por liberdade, igualdade, fraternidade e melhores condições de vida ou se seriam eles pesquisadores, professores e estudiosos da história. Os nomes atribuídos às turmas e cristalizados como homenagens póstumas podem revelar uma relação entre a extensa lista de personalidades.

Outro ponto que podemos destacar na placa do ano de 1989.1 está ligado a lista de discentes formados com grau de licenciados, entre os 28 concluintes, verifica-se no nome do atual reitor da UFPB, personalidade institucional que será abordado posteriormente na análise da placa do curso de História do ano de 2016.1.

A placa mais antiga de cerâmica registrada no CCHLA é do curso de Filosofia, ano de 1986.1. Assim como Psicologia 1989.1, a placa em discussão dispõe de poucos elementos, a citar: nome do curso, ano, tipos de graduação e lista de formandos, epígrafe, autor da epígrafe, sigla institucional, e idealizador da placa.

A simplicidade é bastante característica, a beleza da caligrafia de saltar os olhos, a moldura em tinta algo que representa a importância dos nomes e dados contidos em seu interior. O monumento pode ser considerado simples visto os quantitativos de dados postos e as possibilidades de informações que poderiam ser incluídas, mas o estado de preservação da obra é algo que não pode ser deixado de lado. No ano de 2024 a placa completara 38 anos de existência e as marcas do tempo não são características de seu suporte. Exceto as poucas manchas de tinta proveniente da pintura das paredes, nota-se a ausência de outras marcas ou danos, como evidenciado na Figura 28.

Figura 28 - Placa do curso de Filosofia, 1986.1



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

A beleza é algo característico e encantador em todas as placas de cerâmica, as obras de arte são expressões e representações que possibilitam ao observador uma contemplação de um universo de elementos que vão além e perpassam os clichês elementares das placas comumente concebidas, sejam os traços, linhas, cores ou conservação, as placas de cerâmica nos convidam a apreciar a arte que está impregnada nas paredes da UFPB.

4.2.5 A beleza solitária da madeira: o tempo como cúmplice na criação

A presença mínima de apenas 0,44% de placas de madeira nos corredores do Centro de Humanidades parece desproporcional quando se considera a profunda importância e a influência duradoura da madeira como meio de expressão através dos tempos. Este material não foi apenas fundamental como suporte para a escrita, mas também teve um papel crucial na evolução dos pigmentos utilizados na arte. A madeira tem sido um componente essencial desde os primórdios da escrita, destacando sua importância tanto na história quanto na cultura.

Para escrever, usavam-se hastes de caniço talhadas em viés ou em ponta (cálamos); depois, mais tarde a pena geralmente de pássaro. A tinta era fabricada com o negro-

de-fumo ou carvão de madeira, adicionado de água e goma com líquido de choco; existia também uma tinta vermelha à base de sais minerais (Labarre, 1981 p. 9).

Labarre (1981) nos remonta alguns dos perfis e uso da madeira no contexto em tela, ademais, evidenciamos que na contemporaneidade, o uso da madeira e seus derivados permanece constante, seja na concepção de folhas, lápis ou outros materiais.

Ao voltarmos nosso olhar as placas do CCHLA, não podemos nos furtar da possibilidade de evidenciar a única placa composta por esse elemento (Figura 29).

Figura 29 - Placa do curso de letras, 2002.1



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Apesar de sua relevância no contexto histórico, a imagem em questão revela uma triste realidade sobre esse material. A perda de informações é evidente em toda a superfície do documento. Ações naturais, como chuva e sol, e reações químicas decorrentes das ações humanas, como a poluição, são possíveis causas que levaram ao lamentável estado de conservação da placa.

Ações como as expostas, provocaram o que já denominamos de apagamento da memória, este, caracterizado por ações visivelmente naturais, visto a exposição constante às intempéries que culminaram na degradação da qualidade da madeira. Tais ações resultaram em

uma redução na durabilidade e na resistência do material, comprometendo sua utilidade para fins de registro informacional.

Assim, ao olhar atentamente a imagem, é possível recuperar traços dos símbolos entalhados e pequenas frases, a exemplo, algumas das habilitações dos discentes formandos, como: Língua francesa e Língua inglesa. Ver-se no canto central mais uma habilitação, contudo sua identificação já não é viável, tampouco os nomes do corpo discente concluinte e outros elementos entalhados no suporte.

Na imagem da placa, Figura 29, em tela, o apagamento é uma constante, marca pungente caracterizada por diversos fatores, responsável por imputar um estado de apagamento e encobrir registros identitários, contudo o estado anômalo do suporte, se comparado com outros já analisados, nos faz questionar quanto da ação humana impactou diretamente na disparidade da qualidade do suporte. Como ação humana, incluímos nesta categoria as consequências de afixar a placa de madeira do curso de letras em um local cuja presença da água, umidade e raios solares a alcancem, como foi constatado.

Compreende-se, que não há preocupação com a escolha dos locais onde as placas estão alojadas, tal ação, possivelmente consequência do pouco espaço disponível nas paredes. Outrossim, mesmo com a indisponibilidade de um espaço específico destinado para incorporar tais elementos, é possível uma realocação das placas/documentos, objetivando a segurança e durabilidade dos mais sensíveis.

Ações como as mencionadas, podem servir como métodos para mitigar a degradação das placas, visto que se trata de elementos naturais e sensíveis às variações do dia a dia. Repensar os métodos de alojamento é fazer resistir as ações de registro identitário destes.

4.2.6 Atos de resistência: o homem marcado para morrer

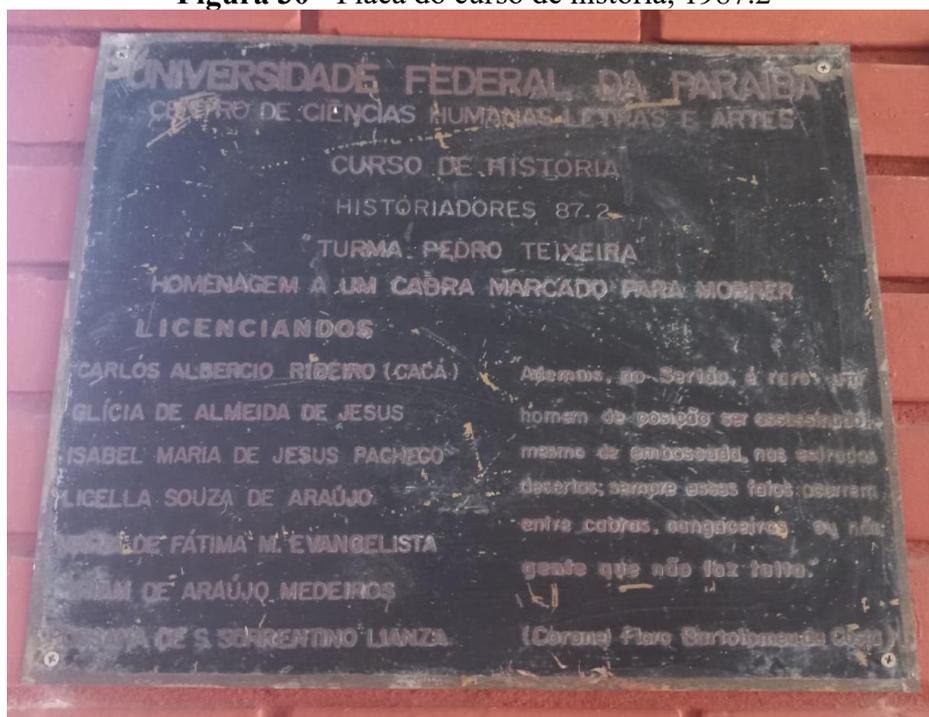
No dia 2 de abril do ano de 1962, um dos grandes líderes camponeses do Brasil foi assassinado a mando de grandes latifundiários (Alves, 2022), marido de Elizabeth Teixeira, João Pedro Teixeira foi um líder camponês atuante na Paraíba, homem que lutou “[...] por justiça social, por reforma agrária, educação e direitos dos/as trabalhadores/as” (Alves, 2022, local. 1). Suas ações e luta, segundo Alves (2022, local. 1) o concederam o título “[...] mártir da luta pela terra e um Herói da Pátria”.

Suas ações reverberam ao decorrer dos anos, seu nome é lembrado e atrelado às causas e políticas sociais, principalmente as relacionadas às questões agrárias. Sua luta fez ecoar seu

nome durante a história, seu assassinato culminou na célebre frase proferida por sua esposa Elizabeth Altina Teixeira – Elizabeth Teixeira – “Eu marcharei na tua luta”.

O homem cuja vida dedicou as causas sociais, teve seu nome cristalizado em livros e na história, não obstante, nas placas que estão afixadas nos corredores da UFPB (Figura 30).

Figura 30 - Placa do curso de história, 1987.2



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Recordar de Pedro Teixeira e suas lutas é lembrar da existência de pessoas e indivíduos que partilham de seus sentimentos e desejo de uma sociedade mais justa e igualitária. Atos de homenagem são realizados anualmente para verberar seu nome e batalhas. “Em 2002, iniciou-se uma caminhada dos camponeses da cidade de Sapé até a região de Café do Vento, em Barra de Antas, fazendo memória ao trajeto que João Pedro realizou quando foi morto”, (G1 Paraíba, 2022, local. 1).

Além dos atos públicos como a caminhada já consolidada, as placas de formatura também nos fazem pensar e questionar quem foi este homem, e o motivo pelo qual sua vida foi ceifada de forma tão brutal. A curiosidade pelas placas e lugares de memória, possibilitou que este que agora escreve, viesse a conhecer parta da história do Pedro Teixeira, nome até então desconhecido. Esta experiência pessoal, suscita a importância de atentar-se aos detalhes, nomes, placas, conexões. O homem marcado para morrer, frase presente na placa registrada pela Figura 30 nos possibilitou conhecer mais da história e memória de nosso próprio estado.

Em entrevista para Alves (2022, local. 1), Osvaldo diz:

E de maneira alguma podemos esquecer essa história deste e também de outros companheiros que se foram, que tombaram. João Pedro Teixeira, e mais recente teve muitos companheiros da CPT, do MST, do MAB. É muito importante essa data para que a gente possa entender que a luta não para.

Já Romão em entrevista a Alves (2022, local. 1) afirma:

São 60 anos do assassinato de João Pedro Teixeira, a maior liderança das Ligas Camponesas, no nordeste brasileiro. Fundador da Liga de Sapé, sua memória histórica educa os movimentos sociais do campo e da cidade. Educa a sociedade, para saber que se o campo não planta, a cidade não janta. E sem luta não teríamos campo, nem comida. Por isso, assim como Dona Elizabeth Teixeira, continuou a marchar em sua luta. Nós marcharemos em sua luta contra o latifúndio assassino do agronegócio. Todo apoio à luta pelo Memorial das Ligas Camponesas. Patrimônio histórico do povo e de nossa história.

A lembrança de João Pedro Teixeira como fundador da Liga Camponesa de Sapé no nordeste do Brasil destaca sua importância como liderança e sua contribuição para a educação dos movimentos sociais. O reconhecimento de que sua memória educa não apenas aqueles diretamente envolvidos nos movimentos sociais, mas também a sociedade em geral, sublinha a relevância do legado dessas lideranças na formação de uma consciência crítica e engajada.

Em síntese, observamos a necessidade de manter viva a memória das lutas no campo, honrando aqueles que tombaram, bem como a continuidade da luta por justiça social, equidade no acesso à terra e respeito aos direitos dos trabalhadores rurais.

Retomando para a frase “Eu marcharei a tua luta”, constante na Figura 31, Elizabeth Teixeira nos faz pensar nas circunstâncias fatídicas que culminaram na morte de João Pedro Teixeira. Ela se torna um compromisso atemporal e universal com a justiça social, a igualdade e os direitos humanos. Ao evocar o nome de João Pedro, compreendemos um tributo pessoal, reconhecendo o sacrifício e o legado daqueles que dedicaram suas vidas à transformação social.

O símbolo da vida presente na representação pós morte de Pedro Teixeira ecoa em seu legado, história e memória, Pedro vive assim como outros vivem através das lembranças e lutas, as narrativas e cristalizações possibilitam a representação histórica e permanência memorial de atos e fatos.

Assim, ao analisarmos as narrativas presentes em ambas as placas, suas homenagens e citações, compreendemos que há uma ligação histórica, política, social e cultural, ambas estão entrelaçadas e ligadas enquanto representações de ações.

Com isso, destacamos que o transcurso do tempo, não possibilitou o esquecimento deste indivíduo, não é possível afirmar que a segunda placa teve influência da primeira, mas compreendemos que ambas conversam intimamente visto as homenagens em destaque.

4.2.7 As veias abertas da América Latina

"Aos estudantes de História latino-americanos que, na luta contra a opressão capitalista, fazem história" – não um indivíduo, mas uma categoria de pessoas que buscam possibilitar a formação e carregam consigo a função de ensinar a História e a importância desta para os demais –, a turma de História do ano de 1991.2 prestou homenagem aos estudantes de história.

A placa representada pela Figura 33, mostra apreço a seus iguais, pessoas que dedicaram e abdicaram de anos para estudar a história e seu elementos, ademais, traz diversos outros elementos importantes, a exemplo a feição de um homem indígena, o nome da turma “América Latina Livre” e uma frase do Eduardo Galeano.

O conjunto de elementos é uma representação pungente da luta por libertação dos grilhões da América Latina.

Figura 33 - Placa do curso de história, 1991.2



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

A feição de um homem indígena, representação dos povos originários e quase aniquilados pelas invasões europeias e sua busca por conquistas é a primeira forma de libertação que podemos associar a placa, liberdade da subserviência e herança de tortura, escravidão e sentimento de que somos melhores em razão de tais ações.

Ao observarmos os povos originários da América Latina, não podemos negar que são um povo que constituem uma riqueza cultural e histórica de grande magnitude, desempenhando um papel crucial na formação da identidade dessa região. Desde tempos pré-colombianos, essas comunidades indígenas têm deixado uma marcante impressão na diversidade étnica e cultural do continente.

A América Latina é o lar de uma miríade de grupos étnicos, cada um caracterizado por suas próprias línguas, tradições, costumes e sistemas de crenças únicos. Essa diversidade reflete-se nas distintas paisagens geográficas, abrangendo desde as regiões andinas até as florestas tropicais, desertos e áreas costeiras. Cada localidade carrega consigo uma riqueza de conhecimentos tradicionais e formas de vida que se desenvolveram ao longo de séculos.

A colonização europeia impôs profundas transformações nas vidas desses povos. A introdução de doenças, a exploração desenfreada e a desapropriação de terras causaram impactos devastadores nas populações indígenas. Apesar desses desafios, muitas comunidades resistiram e continuam a lutar por seus direitos, preservando suas culturas e territórios.

Associar a feição dos povos originários na placa, a busca pela liberdade e representação da liberdade é fazer sempre ecoar a necessidade de lembrar quem são os reais donos das terras latinas, quem primeiro pisou neste solo. América Latina livre é a busca de liberdade para seus primeiros homens, que hoje sofrem com invasões de terra, garimpo ilegal, desmatamento e ausência de reconhecimento das políticas e ações públicas na tangente a resguardar sua vivência e permanência.

A opressão ocasionada pelo capitalismo que enriqueceu a América Anglo-Saxônica e Europa é outra corrente que impossibilitou os avanços latino-americanos, séculos de escravidão são as causas de muitas das mazelas que hoje assolam não só o Brasil, mas diversos outros países.

Ska-P, escreveu a letra da música *América Latina Libre*, essa é passível de associação imediata a placa em tela, assim segue-se a leitura:

*América Latina Livre*¹⁹

¹⁹ Tradução nossa.

Irmão peruano, irmão colombiano
 Irmão cubano que com seu sangue fez a revolução
 Irmão boliviano, irmão mexicano
 Irmão chileno, rios de sangue que o ditador derramou

Te amor, Nicarágua, te amo, El Salvador
 Te amo, Guatemala, te amo, Mongollón
 Te amor, Nicarágua, te amo, El Salvador
 Te amo, Guatemala, te amo, Mongollón

Mamãe boom, boom, boom!
 Mamãe, mamãe boom, boom, boom!

Dança, mamãezinha, esse ritmo gostoso
 Dança, mamãezinha, até sair o sol
 Dança, mamãezinha, esse ritmo gostoso
 Dança, mamãezinha, até sair o sol

Há dor na América Latina
 O clamor de todo um povo pela liberdade
 A pobreza criou os subversivos
 Que morrem nas montanhas pela liberdade
 Suportando democracias fíngidas
 Ditaduras que lhes privam de sua liberdade
 Submetidos ao imperialismo yanqui
 Ao poder do dólar

Vaza! Deixa a terra deles evoluir
 Vaza! Não roube sas riquezas
 Vaza! Deixa a terra deles evoluir
 Vazem, yanquis imperialistas

Mamãe boom, boom, boom!
 Mamãe, mamãe boom, boom, boom!

Dança, mamãezinha, esse ritmo gostoso
 Dança, mamãezinha, até sair o sol
 Dança, mamãezinha, esse ritmo gostoso
 Dança, mamãezinha, até sair o sol
 Dorme, minha neguinha, e sonhe com a liberdade
 Dorme, minha neguinha, e sonha com a paz

No final do caminho, a vitória
 As feridas cicatrizam com a liberdade
 A violência se chama economia
 Que destroça sua cultura, sua liberdade
 Centenários, malditos carneiros
 Acima do dinheiro está a liberdade
 Repressão na América Latina
 Gringos, até quando?

Vaza! Deixa a terra deles evoluir
 Vaza! Não roube sas riquezas
 Vaza! Deixa a terra deles evoluir
 Vazem, malditos yanquis

América Latina, te amo, Mongollón
 América Latina, te amo, Mongollón

Equador, Argentina, Panamá, Venezuela, Haiti, Uruguai

Honduras, Paraguai, Costa Rica, República Dominicana
 Brasil, América Latina livre
 (SKA-P, 1998. Local. 1)

América Latina livre, a letra da música clama e luta pela liberdade, fim da opressão capitalista, da violência, da tortura econômica, das ditaduras e as pseudodemocracias. As veias abertas da América Latina, exploração econômica, colonialismo e imperialismo, desigualdade social, essas veias sagram e todos os dias ocasionam o derramamento de sangue dos povos latinos.

Nossa derrota esteve sempre implícita na vitória dos outros. Nossa riqueza sempre gerou nossa pobreza por nutrir a prosperidade alheia: os impérios e seus beaguins nativos. Na alquimia colonial e neocolonial o ouro se transforma em sucata e os alimentos se convertem em veneno (Galeano, 2010, p. 11).

Sobrepujada por outras nações, os países latino-americanos a muito enfrentam problemas para avançar e mitigar sua desigualdade, as relações econômicas e políticas desiguais moldaram a história da região, a derrota dos latinos é fruto da exploração que culmina em avanços de outras regiões.

A alusão à "alquimia colonial e neocolonial" destaca a transformação paradoxal dos recursos da América Latina. O ouro, que simboliza a riqueza abundante da região, é metaforicamente transformado em "sucata", sugerindo que as riquezas naturais foram exploradas de maneira predatória e muitas vezes deixadas exauridas. Da mesma forma, a transformação dos alimentos em "veneno" aponta para os impactos negativos das práticas agrícolas e comerciais que, em nome do desenvolvimento, muitas vezes resultam em danos ambientais e problemas de saúde pública.

América Latina Livre, povos originários libertos para viver como desejam, seguros para viver em suas terras, livres de veneno para comer do fruto da natureza e dos peixes que vivem nos ribeirões. Liberdade e reflexão, é o que clama Galeano (2010) em seu livro, é o que pedem os estudantes de história, é o que foi cristalizado na placa em discussão.

4.2.8 A negligência semeia descuidos, o descaso colhe desastres

Negligência ou descuido? Dificil atribuir uma causa aos danos presentes em muitas das placas, mundo a fora, no âmbito das placas do CCHLA da UFPB, não é diferente. Quando caminhamos pelos corredores dos centros, nos deparamos com dezenas de placas, algumas em perfeito estado de conservação, outras aquém do que outrora foi.

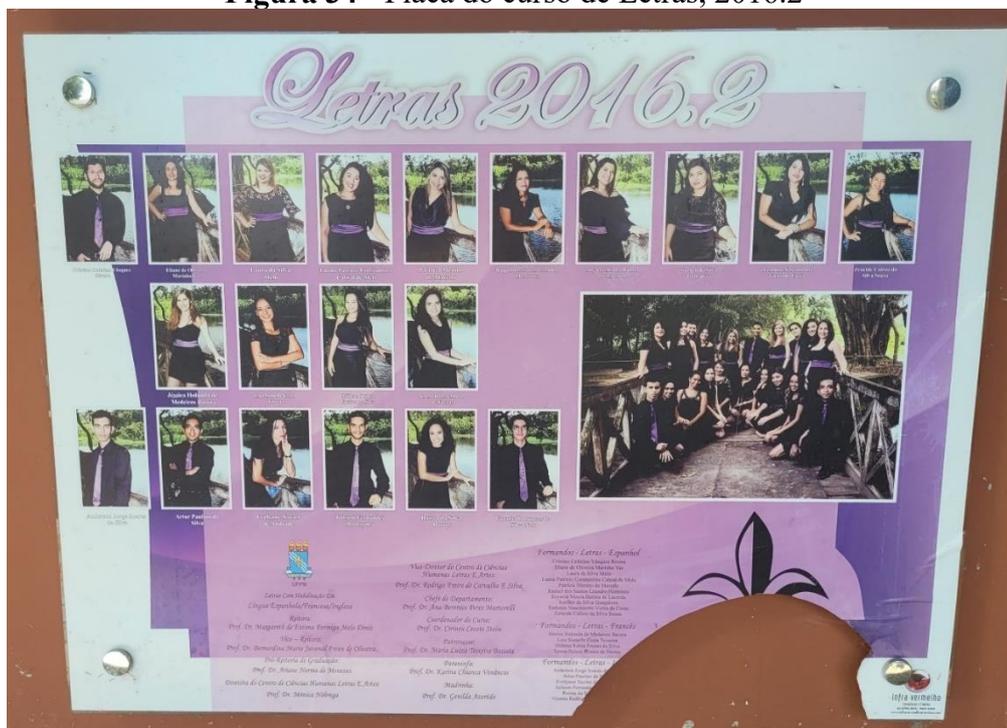
Muitas das placas, foram vítimas do tempo, sua passagem inexorável traz marcas visíveis aos elementos físicos, pessoas e instrumentos. O tempo é um elemento que exerce uma influência marcante sobre todos os aspectos da vida, moldando não apenas quem somos, mas também transformando as estruturas que construímos ao longo dos séculos.

Os monumentos, por sua vez, são testemunhas silenciosas do tempo que se desdobra diante deles. Construções majestosas que outrora representavam o auge da arquitetura e engenharia muitas vezes sofrem os efeitos da exposição contínua aos elementos, erosão e desgaste natural. O tempo deixa suas marcas, criando pátinas, rachaduras e alterando as cores originais. Assim como em nós, seres humanos, o tempo transforma a aparência física dos monumentos, conferindo-lhes uma beleza única e melancólica.

Estruturas que antes eram símbolos imponentes de uma era podem, com o tempo, perder sua grandiosidade original. Essa transformação é muitas vezes interpretada como uma representação poética da efemeridade de tudo o que é grandioso. A grandiosidade pode se desvanecer, mas o que permanece é a narrativa que essas estruturas carregam, contando histórias de civilizações, eventos e períodos da história.

Mas, além das ações indissociáveis do tempo, outras marcam os monumentos e os modelam de acordo com a imagem do algoz, ou em consequência de vossas ações (Figura 34).

Figura 34 - Placa do curso de Letras, 2016.2



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Negligência com o patrimônio da UFPB, descaso ou descuido? É imperativo que ações para salvaguarda das placas e outros artefatos sejam realizados, mas como agir? Associar o dano sofrido na placa a ações de manutenção dos prédios pode ser uma realidade, visto que o apagamento é algo nada insciente ao suporte em tela (Figura 35).

Figura 35 – Placa do curso de Letras Português, 2018.2



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

A placa constante na Figura 35 é uma boa representação da ausência de cuidados com tais documentos. Inicialmente, não estava previsto trazer para abordagem, contudo, visto a ocasião, é primaz dizer que a uma ação de negligência com relação ao trato do suporte em discussão.

O descuido com o manuseio, descaso da administração superior, ausência de cuidados do próprio corpo docente ocasiona lesões e o encobrimento das placas nos diversos corredores institucionais, não podemos furtar a possibilidade de mencionar que são pouco os casos, mas existem placas com tais “problemas”.

Nesta esteira, compreende-se que o tempo não é o único agente que as torna vítimas, ademais, é salutar dizer que as ações do tempo são potencializadas em detrimento de

consequência da negligência humana. Monumentos são assim caracterizados em razão de sua simbologia, mas é necessário que compreendamos que o monumento necessita de cuidado para assim fazer reverberar, potencializar e perpetuar seus símbolos.

4.2.9 Justiça, direitos e diversidade: horizontes sociais

Um documento pode abranger diversos elementos e tópicos de discussão. A última placa selecionada para a análise dos elementos físicos pertence ao curso de Serviço Social, referente ao ano de 2009 e à turma 2 evidencia muitas das categorias de estudo e questões abordadas pela seara do curso (Figura 36).

Figura 36 - Placa do curso de Serviço Social, 2009.2



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Liberdade, pluralismo, democracia, direitos sociais, justiça social, projeto societário, direitos humanos e diversidades, são algumas das categorias que podem ser objetos de estudo para o Serviço Social, englobando áreas de atuação e lutas da classe.

Ao comparar a placa em questão com outra já analisada e alguns dos dados expostos, é nítida uma semelhança nas ações. Luiza Erundina, homenageada na placa de 1988.2 do mesmo curso, dedicou sua vida a tais causas, sendo um exemplo as frentes parlamentares nas quais a deputada atuou, como já mencionado.

A luta pela promoção ao bem-estar social perpassa muitas categorias, entre estas a justiça e igualdade, que podemos enquadrar no campo dos direitos humanos e a própria justiça social.

Ao analisar todas as palavras em destaque, poderíamos tecer uma narrativa sobre as ligações inseparáveis entres estes, contudo o elo em questão é a área de formação. Área que se tornou pungente após a promulgação da Constituição Federal de 1988.

Antes da Constituição Federal de 1988, a Assistência Social era uma política para poucos, pois era dirigida apenas a uma parcela da população que podia contribuir com a seguridade social. Era também fragmentada, descoordenada e mal distribuída entre os diversos territórios do país (Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, 2023, local. 1).

A seção IV da Constituição Cidadã, que dispõe da Assistência Social, em seu artigo 203 enuncia (BRASIL, 1988):

A assistência social será prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social, e tem por objetivos:

- I - a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice;
- II - o amparo às crianças e adolescentes carentes;
- III - a promoção da integração ao mercado de trabalho;
- IV - a habilitação e reabilitação das pessoas portadoras de deficiência e a promoção de sua integração à vida comunitária;
- V - a garantia de um salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover à própria manutenção ou de tê-la provida por sua família, conforme dispuser a lei.
- VI - a redução da vulnerabilidade socioeconômica de famílias em situação de pobreza ou de extrema pobreza.

Proteção, amparo, promoção, redução da vulnerabilidade, em suma direitos sociais, áreas carentes de atenção e dispêndio da força dos órgãos públicos, ao verificar os nomes na placa, podemos inferir que os formandos buscam por tais condições e igualdade, tem como objetivo facilitar o cumprimento do proposto pela constituição e mãe de todas as leis.

Piana (2009, p. 87) narra que “O Serviço Social é uma profissão inserida na divisão social e técnica do trabalho, realiza sua ação profissional no âmbito das políticas socioassistenciais, na esfera pública e privada”. Nesse sentido, visa desenvolver atividades que se objetivem ações de cunho direto e indireto no cotidiano do indivíduo, como exemplo, ações

frutos de leis e manifestações políticas vão englobar um universo maior de pessoas, na outra ponta, temos os profissionais que atuam diretamente na vida da população, seja por meio de auxílio nas condições de saúde ou implementação das ações provenientes das leis.

Em suma, um olhar retrospectivo sobre a constituição de 1988 e o que observamos na placa nos guia e leva a pensar em uma direção: o Serviço Social é uma profissão tanto política quanto prática, suas lutas não se resumem aos interesses pessoais e de classe, perpassam pelas barreiras e categorias já expostas.

Assim, fazer reverberar ações e lutas de liberdade, pluralismo, democracia, diversidade e outros é fazer ecoar a voz do povo brasileiro em suas mais diversas facetas.

4.2.10 Ecos da memória: passado presente todos os dias

Neste texto, o nome Terezinha Domiciano Dantas Martins foi evocado algumas vezes, tal ação premeditada, é fulcro para análise de uma placa considerada de caráter especial e não contemplada no conjunto de placas analisadas via elementos físicos.

Por meio de decreto publicado no Diário Oficial da União em 04 de novembro de 2020 (Figura 37), fazendo uso das atribuições que lhe conferidas via o art. 84, caput, inciso XXV, da Constituição, e tendo em vista o disposto no art. 16, caput, inciso I, da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, o então presidente da República Federativa do Brasil, Jair Messias Bolsonaro nomeia a partir de 11 de novembro de 2020, Valdiney Veloso Gouveia, Professor da Universidade Federal da Paraíba, para exercer o cargo de Reitor da referida Universidade, com mandato de quatro anos.

Figura 37 - Decreto de nomeação



Fonte: Diário Oficial da União (2020)

Outro ponto salutar é que, os conselhos universitários, Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE), Conselho Universitário (CONSUNI) e Conselho CURADOR, em reunião colegiada, referendaram a vontade da comunidade acadêmica e elegeram em primeiro lugar na lista tríplice a professora Terezinha Domiciano.

Visto os recentes expostos, o decreto publicado pelo então presidente da república fere a autonomia universitária, que em ambas as consultas referendou e chancelou por força da democracia as professoras Terezinha e Mônica.

Diante do caótico quadro instaurado na instituição, docentes, discentes e o corpo técnico administrativo manifestou-se paulatinamente contra a decisão pouco democrática, mas legal ocasionada pelo então presidente.

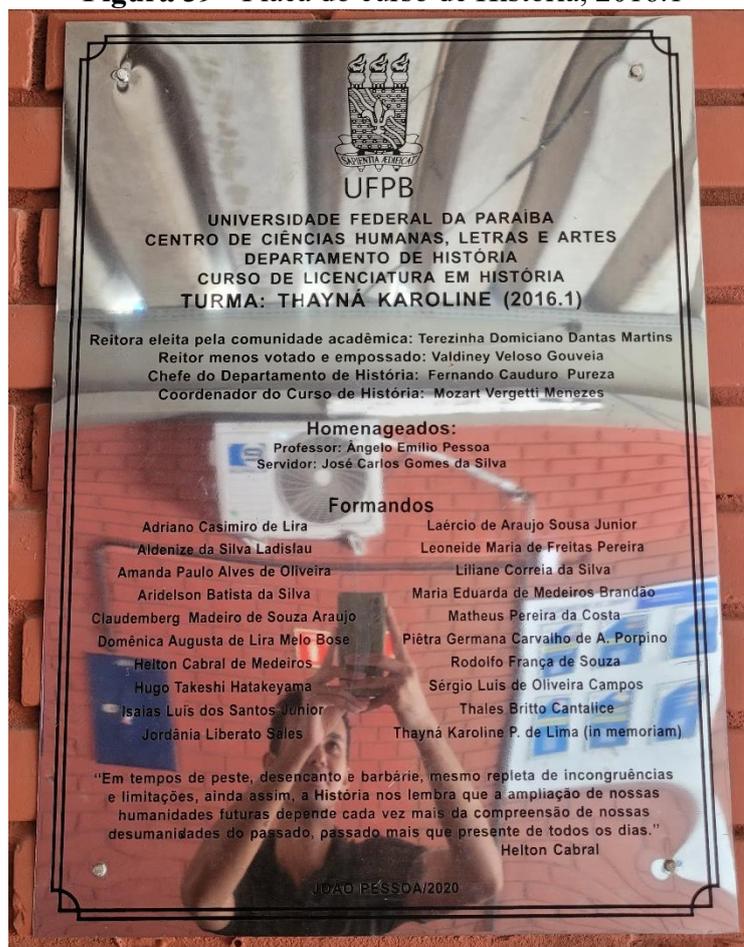
Outro ponto a destacar sobre a chapa empossada diz respeito aos percentuais de votos obtidos na assembleia colegiada:

A chapa, no entanto, teve uma votação inexpressiva na consulta eleitoral da UFPB, com menos de um décimo dos votos, perdendo em todos os segmentos: docentes, técnicos-administrativo e estudantes; não obteve nenhum voto no CONSUNI (Conselho Universitário), e só entrou na lista tríplice à custa de uma liminar. A chapa de Terezinha/Mônica obteve 47 votos e a chapa Isac/Regina, 45 votos no CONSUNI. (Alves, 2020, local. 1).

Conforme as normas estabelecidas, cabe ao presidente da República a prerrogativa de escolher os indicados para a posição de reitor nas Universidades Federais, com base na lista tríplice fornecida pelas instituições, contudo, desde os primeiros governos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, as nomeações tendem a ser do primeiro colocado na lista tríplice.

Trazemos tais informações a discussão para mencionar que as placas de formatura detêm de um poder revelador bastante significativo e sugestivo, vide a Figura 39.

Figura 39 - Placa do curso de História, 2016.1



Fonte: Dados da pesquisa, (2023)

As frases “Reitora eleita pela comunidade acadêmica [...] Reitor menos votado e empossado [...]” causa aos olhos mais atentos, o sentido de minimamente estranheza, bem como questionamentos. Aos que não conhecem as políticas institucionais da UFPB ou não presenciaram o fato histórico, a placa em destaque pode não representar absolutamente nada, mas, aos que jaziam na UFPB nos tempos em discussão, veem tal placa como objeto de lutas e resistência. Na placa, ainda é possível observar a seguinte citação:

Em tempos de peste, desencanto e barbárie, mesmo repleta de incongruências e limitações, ainda assim, a História nos lembra que a ampliação de nossas humanidades futuras depende cada vez mais da compreensão de nossas desumanidades do passado, passado mais que presente de todos os dias.

A nomeação de Valdiney Veloso Gouveia como Reitor da UFPB pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, em 4 de novembro de 2020, é vista como um golpe contra a autonomia universitária, dado que contrariou a decisão da comunidade acadêmica. Esta comunidade havia expressado sua preferência claramente em uma consulta prévia realizada em 26 de agosto de

2020, que visava formar uma lista tríplice para a escolha do Reitor e Vice-Reitor para o quadriênio 2020-2024. Neste processo, a chapa de Terezinha Dantas Martins e Mônica Nóbrega recebeu a maior pontuação, conforme divulgado no Boletim de Apuração.

A prática de nomear o candidato mais votado na lista tríplice, embora não obrigatória por lei, havia se tornado uma convenção desde os governos de Luiz Inácio Lula da Silva, reforçando a expectativa de respeito à escolha democrática da comunidade universitária. A decisão de Bolsonaro, portanto, ao nomear um candidato com uma votação inexpressiva, que não refletia a vontade majoritária expressa nas consultas prévias, é interpretada como um ato de ataque a autonomia universitária.

Além disso, manifestações de descontentamento por parte de docentes, discentes e corpo técnico ocorreram em resposta à nomeação, evidenciando a percepção de que a decisão presidencial violou os princípios de autonomia e governança democrática da UFPB. Este episódio é emblemático de uma luta mais ampla pela manutenção da autonomia universitária e pelo respeito às decisões coletivas das instituições acadêmicas no Brasil

Nesse contexto, a História nos é apresentada como uma fonte de lições, destacando que entender as desumanidades do passado é fundamental para ampliar as humanidades no futuro. Isso sugere que a compreensão dos erros, das injustiças e das crises anteriores pode guiar a sociedade na busca por soluções mais humanas e justas.

A presença do passado em nossos dias ressalta a relevância contínua e constante da História em nossas vidas cotidianas. A compreensão profunda do passado, incluindo suas sombras, é apresentada como um meio essencial para aprimorar as perspectivas futuras e moldar um caminho mais humano diante das adversidades. Assim, em tempos de peste, podemos visitar o passado para tentar moldar nosso futuro, as lembranças revisitadas nos servem como bússola que possibilitam caminhar por caminhos mais condizentes a uma sociedade mais próxima ao ideal.

O manifesto presente na placa em tela, não é único, outras placas de formatura da UFPB também carregam consigo simbologias semelhantes, lutas de indivíduos por seus direitos e respeito. A violação da autonomia universitária está registrada em documentos, eventos, notícias, manifestos, atos e fatos, mas também nas placas que estampam muros e alamedas universitárias, “Reitora eleita pela comunidade acadêmica [...] Reitor menos votado e empossado [...]” é um bradar, clamor por justiça que está eternamente registrado.

Eu sei de muito pouco. Mas tenho a meu favor tudo o que não sei e – por ser um campo virgem – está livre de preconceitos. Tudo o que não sei é a minha parte maior e melhor: é minha largueza. É com ela que eu compreenderia tudo. Tudo o que eu não sei é que constitui a minha verdade.

Clarice Lispector

Μαθητὰς μεμαθηκότος ἔχειν μεγιστον διδασκάλω δῶρον ἔστιν

A maior dádiva ao professor é manter os alunos instruídos.

Agradecimentos a Deus.

Sem ti, senhor, nada.

Gratos pois te somos, pela oportunidade de sermos úteis a alguém.

Somos o que fazemos, mas somos principalmente o que fazemos para mudar o que somos.

Eduardo Galeano

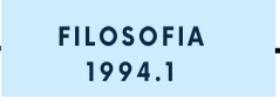
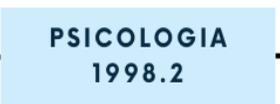
É preciso correr riscos, seguir certos caminhos e abandonar outros. Nenhuma pessoa é capaz de escolher sem medo.

Paulo Coelho

Para ser, há que exercera a vontade, a consciênciãx o amor

Apenas quando somos instruídos pela realidade é que podemos capazes de mudá-la.

Bertolt Brecht



Muitos teriam chegado a sabedoria se não acreditassem que já eram suficientemente sábios.

Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade. Tampouco sem ela a sociedade muda

Paulo Freire

As palavras são a mais poderosa droga utilizada pela humanidade.

Rudyard Kipling

A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo

Merleau-Ponty

A dor da tua ausência é o mais caro atributo que pagamos pela concretização dos nossos ideais

É melhor morrer na luta que morrer de fome

Margarida Maria Alves

5 OUÇAM OS SUSSURROS DOS ESCRITOS SILENCIOSOS: ENTRE AS PLACAS, INFORMAÇÃO E MEMÓRIA REVELADOS

Do contemplar as placas presentes nos corredores da UFPB até a concepção deste texto, muito foi inscrito, modificado e alterado, a fundamentação da compreensão de que placas de formatura perpassam as barreiras decorativas transcendendo um perfil puramente estético é algo que objetivamos expor nas linhas que perfazem essas páginas.

Adentrar em um espaço inexplorado foi deveras desafiante por diversos fatores, ao mesmo tempo, motivo que nos levou à analisar e extrair sob a ótica do método indiciário registros, traços e marcas que serviram como base para análises. Os pressupostos metodológicos traçados e utilizados nos permitiram adentrar no espaço almejado bem como extrair elementos que nos suscitaram diversas perguntas, questionamentos e respostas. No último caso, a compreensão de que as placas são documento e monumento.

Para tanto, foi necessário a realização do mapeamento das placas presentes no CCHLA, como já dito, os números registrados não revelam a totalidade de placas que foram afixadas nas paredes do centro ou ora lá estão, visto os mais diversos fatores, contudo o total de 228 placas foi quantitativo suficiente para subsidiar as análises postas.

O mapeamento, primeiro de nossos objetivos tornou viável o panorama de quantas placas por curso estavam afixadas até as datas de registro, bem como alguns dos recortes demonstrados nos gráficos 3 e 4.

O segundo dos objetivos postos em discussão pautou-se na identificação dos elementos sócio-históricos e culturais presentes nas placas de formatura do CCHLA, entre os elementos em destaque, a questão política e social, lutas de classe, manifestos e homenagens foi algo bastante recorrente, as falas das placas, revelam que são representações de lutas, imbuídas de emoção e de certo modo esperança, mas sobretudo lutas, desejos, perspectivas de um futuro melhor, quase utópico, mas sem esquecer do passado.

Caracterizar as placas de formatura, enquanto *médiums* de memória foi de certo modo complexo, a compreensão de *médiums* defendida por Assmann nos remonta a locais memorativos que podem ser vistos como pontos de acesso, um contato com o passado, contudo, não há registros de placas de formatura enquanto mecanismo de acesso a memória, a literatura nesta ceara é inexistente, assim, algo que nos desafia. Apesar do exposto, as placas são locais memorativos, sua própria natureza à caracteriza como tal objetivo, a partir dos registros de atos de vitória, concepção e idealização de um sonho.

A escrita das e nas placas é uma forma de luta contra o esquecimento, resistência contra o apagamento dos corpos que passaram pela UFPB e outras instituições, assim, compreendemos e dizemos que placas de formatura são *médiums* de memória, local de cristalização dos registros, ponto de acesso de lembranças e oásis que possibilitam um frescor as mentes cansadas. Nora nos diz “[...]a curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento em particular da história[...]” (Nora, 1993, p. 7), momento em que ocorre a cristalização.

A compreensão desses lugares de cristalização da memória pode ser fundamental para a compreensão de um período histórico específico, os locais podem variar desde monumentos e edifícios até objetos e práticas culturais que, de alguma forma, encapsulam a memória coletiva de uma sociedade. Estes lugares de cristalização nos sugerem que a memória não é apenas um registro fluido e líquido do passado, mas algo que pode ser solidificado a partir das ações humanas, neste caso, as placas de formatura.

Desta feita, reforçamos nossa e compreendemos que as placas podem ser consideradas *médiums* de memória, pois apresentam elementos sócio-histórico, cultural e infomemorial capazes de revelar aspectos do passado e subsidiar informações para o presente, ou futuro, cumprindo o proposto em nosso quarto objetivo.

Dentre os resultados alcançados, ressaltamos o vasto quantitativo de informações registradas, portanto o manancial aglutinado nos suportes em destaque. Deste modo, esta pesquisa pôde evidenciar através dos aparatos metodológicos utilizados, bem como o aporte teórico, que, placas dispõem de informação, factível de interpretação, significado e conseguinte uma fonte geradora de conhecimento.

Falar sobre a Paraíba, a sociedade, lutas de classe, questões políticas, expressar anseios para o futuro são algumas das representações presentes nas epígrafes, nomes de turma, poesias, poemas, versos e citações que enriquecem e detalham o universo até então inexplorado. A memória que permeia a concepção da placa nos mais facetados espaços é algo que deve ser evidenciado sob a ótica da CI, bem como história, memória e outros campos.

Através do paradigma indiciário, foi possível explicar e evidenciar as marcar mais evidentes, mas sobretudo os aspectos mais negligenciados dos suportes em discussão, a junção de diversas placas, possibilita uma compreensão de direcionamento no sentido de evidenciar que questões sociais são sempre pautadas nas homenagens destinadas pelas turmas.

Outro ponto a destacar, refere-se as placas enquanto fonte geradora e de manutenção de narrativas, que carregam consigo traços de sua concepção temporal, algo mais atrelado a seu

suporte físico, mas não restringindo-se a tal elemento, os nomes de reitores, anos de formação, formas de escrita são elementos que representam e denunciam a temporalidade das placas.

Diante do exposto, a presente dissertação analisou diretamente 14 placas, estas trazem nomes de reitores, dados institucionais, temporais, homenagens e discentes, docentes, técnicos administrativos, personalidade que tem contribuição nos mais variados espaços e aspectos, mas que, para determinado grupo de pessoas tem relevância histórica e pessoal.

Assim, enfatizamos que placas podem revelar informações do passado, nos situar no presente e sobretudo ser caracterizado com um documento riquíssimo que precisa ser valorizado e protegido em diversos aspectos.

As múltiplas possibilidades interpretativas na leitura das placas é outro ponto que não podemos deixar de citar, as análises ora apresentadas, são fruto de mecanismos metodológicos previamente definidos e que em nossa concepção foram capazes de extrair o que se deseja, contudo é salutar dizer que a luz do método indiciário é de certo modo subjetivo na tangente aos resultados das análises. A compreensão de que cada indivíduo em sua particularidade é influenciado por suas vivências lhe imputara uma visão mais característica do que ora se observa. Esta ação é relacionada a como o meio social molda e caracteriza cada pessoa, bem como tal personalidade tem acesso as informações.

Para tanto, destacamos que nossas reflexões a respeito da placa do curso de História do ano de 2016.1 são amplamente influenciadas pela vivência do fato histórico e momento de nomeação publicada no Diário Oficial da União do atual reitor da UFPB. A visualização de discussões a respeito de como se deu a posse em questão influencia como tal placa é vista, assim é salutar dizer que, aos novos ingressantes desta universidade, tal placa pode não dispor de nenhum significado político, pois aos que não dispõe de informações sobre o contexto político, a placa afixada no CCHLA pode não chamar atenção ou despertar curiosidade.

Concluimos que as placas de formatura da UFPB desempenham o papel de mediadoras de memórias, história e fontes de lembranças, portanto um *médium*. O ato de contemplar essas placas nos permite decifrar o passado e nos situar em diferentes momentos da história, seja ela institucional ou não. Dessa forma, esperamos que esta dissertação deixe como resultado contribuições significativas no que diz respeito à valorização e ao aprofundamento do entendimento sobre um objeto até então negligenciado. É certo que, a temática não se esgota como objeto de investigação científica, seja no âmbito da Ciência da Informação ou em outras áreas de estudo, assim espera-se que futuras pesquisas explorem ainda mais esse campo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. A. **O selo da perpetuidade**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1955. Disponível em: <http://www.ufpb.br/60anos/sites/default/files/selo-daperpetuidade.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2023.
- ALVES, C. "Cabra marcado para morrer": morte do líder camponês João Pedro Teixeira completa 60 anos. **Brasil de fato**, João Pessoa, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/04/02/cabra-marcado-para-morrer-morte-do-lider-campones-joao-pedro-teixeira-completa-60-anos>. Acesso em: 11 jan. 2024.
- ALVES, C. Bolsonaro nomeia para reitor da UFPB candidato com menos de um décimo dos votos. **Brasil de fato**, João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/11/05/bolsonaro-nomeia-para-reitor-da-ufpb-candidato-com-menos-de-um-decimo-dos-votos>. Acesso em: 21 jan. 2024.
- ASSMANN, A. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Unicamp, 2011.
- AZEVEDO NETTO, C. X.; LOUREIRO, M. L. N. M.; LOUREIRO, J. M. M. O rumor dos objetos. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 14., 2013, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. p. 1-16. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/185604>. Acesso em: 24 jul. 2023.
- BAPTISTA, P. I. P. C. **Do papiro ao e-book: uma história social dos suportes da informação**. 2014. Monografia (Graduação em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação) – Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- BDTD. **Sobre a BDTD**. Brasília: BDTD, 2022. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 5 jun. 2023.
- BERGER, P.; BERGER, B. O que é uma instituição social?. *In: FORACCHI, M. M.; MARTINS, J. S. (org.). Sociologia e sociedade*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2004. p. 193-199.
- BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation**, Chicago, v. 19, n.1, p. 3-5, jan. 1968.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BRAPCI. **Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação**. [S. l.]: Brapci, 2023. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/about>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2016. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 17 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968**. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 28 nov. 1968. Disponível em: <https://encurtador.com.br/vHIV5>. Acesso em: 20 jan. 2024.

BRITO, A. A. S. Os materiais na história da escrita: das placas de argila da Suméria as pastilhas de silício dos processadores actuais. **Revista da SPM: Sociedade Portuguesa de Materiais**, [S. l.], v. 17, n. 3, p. 122-140, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://spmateriais.pt/site/wp-content/uploads/2020/10/Os-materiais-na-historia-da-escrita-1.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2023.

BUFREM, L. S.; COSTA, F. D. O.; GABRIEL JUNIOR, R. F.; PINTO, J. S. P. Modelizando práticas para a socialização de informações: a construção de saberes no ensino superior. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 2, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/35867>. Acesso em: 05 jun. 2023.

CALDEIRA, C. Do Papiro ao Papel Manufaturado. **Revista Espaço Aberto**, São Paulo, n. 24, out. 2002. Disponível em <http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2002/espaco24out/vaipara.php?materia=0varia>. Acesso em: 4 de dez. de 2023.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Artista plástico Clóvis Júnior doa para a Câmara sua tela "Arte e povo no poder". **Câmara hoje**: programas da TV Cultura, Brasília, 2012. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/tv/388706-artista-plastico-clovis-junior-doa-para-a-camara-sua-tela-arte-e-povo-no-poder/>. Acesso em: 10 jan. 2024

CARVALHO, C. **Para compreender Saussure**: fundamentos e visão crítica. 8. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

CARVALHO, C. M. C. **Memória institucional e cultural da Faculdade de Filosofia da Paraíba – FAFI: 1952 a 1968**. [Entrevista concedida a] Maria José Teixeira Lopes. João Pessoa: [s. n.], 2019.

CCHLA. **Histórico**. João Pessoa: CCHLA, 2019. Disponível em: <https://cchla.ufpb.br/cchla/contents/menu/institucional/historico-1>. Acesso em: 7 jun. 2023.

CCHLA. **Informações**. João Pessoa: CCHLA, 2023. Disponível em: https://cchla.ufpb.br/cchla/contents/imagens/mapa-localizacao-blocos-cchla-a3_page-0001.jpg. Acesso em: 16 dez. 2023.

CEARA, A. T.; DALGALARRONDO, P. Jovens pichadores: perfil psicossocial, identidade e motivação. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 277-293, set. 2008. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772008000300002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 4 jan. 2024.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. **Decreto de 04 de novembro de 2020**. Dispõe sobre a nomeação, a partir de 11 de novembro de 2020, Valdiney Veloso Gouveia, Professor da Universidade Federal da Paraíba, para exercer o cargo de Reitor da referida Universidade. Brasília: Seção: 2, Página: 1. Disponível em:

<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=05/11/2020&jornal=529&pagina=1>. Acesso em: 20 jan, 2024.

DODEBEI, V. L. D. L. M. Informação, memória, conhecimento: convergência de campos conceituais. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANCIB, 2010.

FERNANDES, I. R. S. Os vivos caminhos da história ou o admirável papel do arquivista. *In: LIMA, F. A. M. (coord.). Janelas da história: coletânea de textos publicados no Jornal A União 2020-2022*. João Pessoa: A União, 2022.

FERREIRA, J.; AMARAL, A. Memória eletrônica e desterritorialização. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 4, p. 137-166, abr. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2004>. Acesso em: 6 jan. 2024.

FISCHER, S. R. **História da escrita**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?**. Lisboa: Vega: Passagens, 1992.

FROHMANN, B. The documentality of me brief's antelope. *In: PACKER, J.; WILEY, S. B. C. (ed.). Communication matters: materialist approaches to media, mobility and networks*. Routledge, London. 2011. p. 1-0.

G1 PARAÍBA. **Ato homenageia João Pedro Teixeira, nos 60 anos da morte do líder da liga camponesa**. João Pessoa: G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2022/04/02/ato-homenageia-joao-pedro-teixeira-nos-60-anos-da-morte-do-lider-da-liga-camponesa.ghtml>. Acesso em: 11 jan. 2024

GALEANO, E. H. **As veias abertas da América Latina**. São Paulo: L&PM. 2010.

GINZBURG, C. Descobertas de um espectador. [Entrevista cedida a] Maria Lúcia G. Pallares-Burke. **Folha de São Paulo**, São Paulo, jun. 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs13069912.htm>. Acesso em: 31 jul. 2023.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOOGLE TRENDS. **Google**. [S. l.: s. n.], 2023. Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=2020-01-01%202020-12-31&geo=BR&hl=pt>. Acesso em: 1 jun. 2023.

HAYASAKA, E. Y.; NISHIDA, S. M. **A origem do papel**. [S. l.]: Universidade Estadual Paulista, [20--?]. Disponível em: https://www2.ibb.unesp.br/Museu_Escola/Ensino_Fundamental/Origami/Documentos/indice_origami_papel.htm. Acesso em: 13 nov. 2023

HIGOUNET, C. **História concisa da escrita**. Tradução de Marcos Marcionílio. 10. ed. São Paulo: Parábola, 2003.

HOBSBAWN, E. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

HORCADES, C. M. **A evolução da escrita: história ilustrada**. Rio de Janeiro. Editora Senac Rio, 2004.

JEAN, G. **A escrita: memória dos homens**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

JUSTAMAND, M. *et al.* A arte rupestre pelo olhar da historiografia brasileira: uma história escrita nas rochas. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 130-172, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8648451>. Acesso em: 19 jul. 2023.

LABARRE, A. **História do livro**. São Paulo: Cultrix, 1981.

LARRUSCAHIM, P. G.; SCHWEIZER, P. A criminalização da pixação como cultura popular na metrópole brasileira na virada para o século XXI. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 13-32, 2015. Disponível em: <https://sisbib.emnuvens.com.br/direitosegarantias/article/view/650>. Acesso em: 4 jan. 2024.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEANDRO, E. G.; PASSOS, C. L. B. O paradigma indiciário para análise de narrativas. **Educar em Revista**, [S. l.], v. 37, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/hk9sxtYY6BCfcHxwYm3Q8zB/#ModalHowcite>. Acesso em: 1 ago. 2023.

LIRA, J. T. C (org). **Patrimônio construído da USP: preservação, gestão e memória**. São Paulo: Editora USP, 2014.

LEROI-GOURHAN, A. **O gesto e a palavra: técnica e linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1985.

MARTIN. H. J. **Historia y poderes de lo escrito**. Asturias: Trea Letras, 1996.

MARTINS, W. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. São Paulo: Ática, 1996.

MELLO, J. O. A. Livros publicados/organizados ou edições. [S. l.], Currículo Lattes, 2015. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5133568649727112>. Acesso em: 4 jan. 2024.

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **João Pedro Teixeira**. [S. l.: s. n.], [20--?]. Disponível em: <https://memorialdaresistenciasp.org.br/pessoas/joao-pedro-teixeira/>. Acesso em: 11 jan. 2024.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO E ASSISTÊNCIA SOCIAL, FAMÍLIA E COMBATE À FOME. **35 Anos da Constituição Federal: um marco para a assistência social brasileira**. [S. l.: s. n.], 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e>

conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/35-anos-da-constituicao-federal-um-marco-para-a-assistencia-social-brasileira. Acesso em: 16 jan .2024.

MORIN, E. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MOTA, A. R. S. **Memória iconográfica**: uma análise de representação das imagens fotográficas de negros/as nas universidades públicas do Estado da Paraíba. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

MONTEIRO. S. D.; CARELLI. A. E. Ciberespaço, memória e esquecimento. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: ANCIB, 2007. p. 1-15.

NASCIMENTO, G. F. C. L. **Entre linhas, agulhas e almofadas**: os processos memoriais das mulheres rendeiras de Camalaú - PB, a partir das técnicas da renda renascença. 2019. (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**, São Paulo, n. 10, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 1 ago. 2023.

PANAHI, S.; LOTFI, M.; OUCHI, A. global research trends and hot t ends and hot topics on Library and Information Science: a bibliometric analysis. **Library Philosophy and Practice**, [S. l.], n. 7073, 2023. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/libphilprac/7073/>. Acesso em: 19 jun. 2023.

PESSOA, F. **Mensagem**. 10. ed. Lisboa: Ática, 1972.

PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PARAÍBA CRIATIVA. **José Octávio de Arruma Melo**. [S. l.: s. n.], [20--?]. Disponível em: <https://paraibacriativa.com.br/artista/jose-octavio-de-arruda-mello/>. Acesso em: 4 jan. 2023

PARAÍBA CRIATIVA. **Clóvis Júnior**. [S. l.: s. n.], [20--?]. Disponível em: <https://paraibacriativa.com.br/artista/jose-octavio-de-arruda-mello/>. Acesso em: 04 jan. 2023

PESSOA, F. **Páginas de estética, teoria e crítica literária**. Lisboa: Edições Ática, 1994.

PIANA, M. C. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional**. São Paulo: Editora UNESP: Cultura Acadêmica, 2009.

PIRES, B. F. Inscrições rupestres: das figuras antropomórficas e dos objetos vítreos. *In*: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 15., 2019, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: UFBA, 2019. Disponível em: <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111505.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2023.

RABELLO, R. A Ciência da Informação como objeto: epistemologias como lugares de encontro. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 2-36, jan. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/vM5Q5Rg5P8ZpPfqm6HnfWgj/?lang=pt#>. Acesso em: 24 jul. 2023.

RIBEIRO, R. D. P. **Memória e contemporaneidade**: as tecnologias da informação como construção histórica. [S. l.: s. n.], 2003. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/13.shtml>. Acesso em: 06 jan. 2024

ROSA, G. **Grande sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ROSA, G. **Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras**. [S. l.: s. n.], 1967. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/joao-guimaraes-rosa/discurso-de-posse>. Acesso em: 23 jun. 2023.

SAGAN, C. **O mundo assombrado pelos demônios**: a ciência vista como uma vela no escuro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SAMPAIO, R.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbfis/v11n1/12.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2023.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1984. Livro X. p.7-26.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

SIGNIFICADOS. **Significado de herança**. [S. l.: s. n.], 2023. Disponível em: <https://www.significados.com.br/heranca/>. Acesso em: 22 jun. 2023.

SILVA, H. R. "Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**, [S. l.], v. 22, n. 44, p. 425-438, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/kyjmJTTrkQy9w9RD6DdTbfw/#>. Acesso em: 1 ago. 2023.

SILVA, I. B.; SANTOS, L. A. A literatura nos trilhos da memória e da história: Terra de Caruaru, de José Condé. **Travessias**, Cascavel, v. 16, n. 2, p. 292-303, 2022. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/29203>. Acesso em: 3 jan. 2024.

SILVA, L. E. F.; OLIVEIRA, B. J. F. Mnemosyne infor-comunicativa: a possibilidade axiomática de construção de um conceito de memória para a Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 135-143, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/17658>. Acesso em: 28 dez. 2023.

SILVA, M. R.; MOSTAFA, S. P. A documentalidade das citações bibliográficas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: UnB, 2011. p. 2138-2149. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/182720#:~:text=As%20cita%C3%A7%C3%B5e>

s%20bibliogr%C3%A1ficas%20de%20um,que%20o%20texto%20se%20filia. Acesso em: 24 jul. 2023.

SKA-P. **América latina ;;Libre!!**. Madrid: [s. n.], 1998.

SOUZA, E. C. L.; LUCAS, C. C.; TORRES, C. V. Práticas sociais, cultura e inovação: três conceitos associados. **Revista de Administração FACES Journal**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 210-229, abr./jun. 2011. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/facesp/article/view/631>. Acesso em: 24 jul .2023.

THAGARD, P. Against evolutionary epistemology. **PSA: proceedings of the Biennial Meeting of the Philosophy of Science Association**, v. 1980, p. 187-196, 1980. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/192564>. Acesso em: 11 dez. 2023.

THIESEN, I. **Memória Institucional**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. **Comissão Organizadora Da Consulta Prévia – 2020/2024**: boletim de apuração. [S. l.: s. n.], 2024. Disponível em: <https://www.ufpb.br/consulta/contents/documentos/boletim-de-apuracao.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Conselho universitário. **Portaria N° 573/2020 de 14 de julho de 2020**. Designa Comissão Organizadora para a consulta para Reitor(a) e Vice-Reitor(a) da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: Conselho Universitário, 2020a. Disponível em: <https://www.ufpb.br/consulta/contents/documentos/portaria.pdf>. Acesso em 21 jan, 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Conselho universitário. **Resolução N° 04/2020 de 14 de julho de 2020**. Regulamenta a Consulta Prévia junto à Comunidade Universitária, visando subsidiar a elaboração da lista tríplice para a escolha de Reitor(a) e Vice-Reitor(a) da UFPB. João Pessoa: Conselho Universitário, 2020b. Disponível em: <http://plone.ufpb.br/consulta/contents/documentos/resolucao-final.pdf/view>. Acesso em: 21 jan. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. **Galeria dos reitores**. João Pessoa: UFPB, 2023. Disponível em: <https://www.ufpb.br/antigo/content/reitores-ufpb>. Acesso em: 12 jun. 2023.

WALKER, D. História de uma placa em homenagem ao Padre Cícero. **Blog do Padre Cícero**, Juazeiro do Norte, 2013. Disponível em: <http://www.padrecicero.net/2013/06/historia-de-uma-placa-em-homenagem-ao.html>. Acesso em: 24 jul. 2023

APÊNDICES

APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

João Pessoa, 01/09/ 2022.

Ilmoº Prof. Dr. Rodrigo Freire,
Diretor do CCHLA

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Ao cumprimentar V.Sª vimos apresentar o Mestrando EVERTON FERNANDES DE LIMA, regularmente matriculado junto ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, matrícula nº 20221009589, sob minha orientação, e cuja Dissertação trabalhará com as placas de formatura e cujo recorte é o CCHLA, com o objetivo de compreender a função da memória no contexto desse *medium* informacional.

Ao apresentá-lo, solicitamos a colaboração de V.Sª no sentido de autorizar, por escrito, o registro fotográfico de todas as placas constantes desse Centro.

Na certeza de contar com o apoio, agradecemos antecipadamente.

Atenciosamente,

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

Profª Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, Drª
Orientadora

Autorizo.
Rodrigo Freire de Carvalho e Silva
Diretor do CCHLA
SIAPE 1516861

01/09/2022